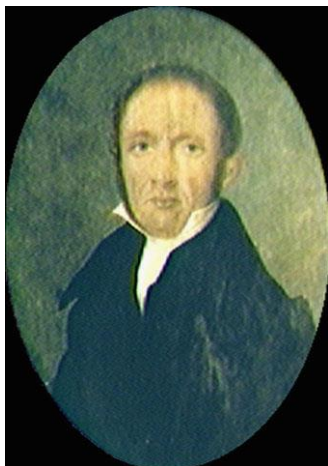


Virmonds, Supplicys, Lacerdas.

Arthur Virmond de Lacerda Neto. 2020 a junho de 2023.

Federico Leonardo Virmond, no Brasil Frederico Guilherme Virmond¹, nasceu em Colônia, Alemanha, em 1791; após emigrar para a cidade do Rio de Janeiro, migrou para a então Vila Nova do Príncipe, depois Lapa, em 1833; lá morreu em 1876. Era filho do médico João Guilherme Virmond (nascido em Blumenthal em 1758 e falecido em Düren, em 1846) e de sua mulher, Maria Ester Hoesch (nascida em Schneidhausen, e batizada em Düren, em 1758; faleceu em Düren, em 1798.). Para a ascendência até 1540 e descendência de Frederico Guilherme, *vide Genealogia de Frederico Guilherme Virmond*, de Nicanor Porto Virmond².



Auto-retrato de Frederico.



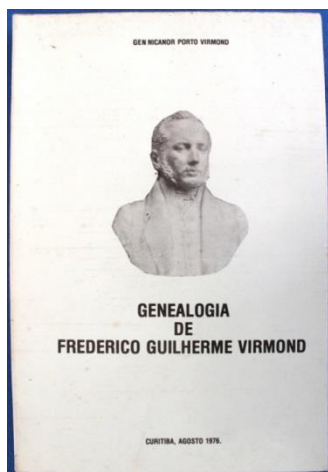
Retrato de Maria Isabel e de sua filha Maria Luísa, da autoria de Frederico.

¹ Os antigos mudavam de nome, como também Roque de Siqueira Cortes para Roque Fernandes de Siqueira, Joaquim Sampaio da Silva para Joaquim da Silva Sampaio, João Francisco Supplicity para João Francisco Supplicity Júnior (nesta memória), David Álvares Carneiro da Silva para David Antonio da Silva Carneiro (bisavô do historiador assim nomeado).

² Virmond parece francês: é e sempre foi alemão, da Alta Renânia.

Afora a descendência constante em *Genealogia de Frederico Guilherme Virmond*, ele teve um filho natural, o escravo Tito, nado em 1842; ele e seus descendentes habitavam Itaiópolis (Santa Catarina), onde Arthur Virmond Supplicity requereu terras, que lhe deu. Lá, Honório, alegado filho de Tito, porém filho real e afilhado de Arthur Virmond Supplicity, cometeu assassinio, ao que Arthur obteve o desaforamento do processo crime a que respondia, para a Lapa, onde Honório esteve-lhe sob custódia. Lá, tentou matar o próprio Arthur Supplicity, que, por isto, mandou-o embora.

Os descendentes de Tito Virmond usam-lhe o sobrenome (fonte para Tito e Honório: depoimento de Ricardo da Costa Supplicity para Arthur Virmond de Lacerda Neto).



Contém a ascendência e a descendência de Frederico.

Frederico Guilherme Virmond casou-se, na cidade do Rio de Janeiro, com Maria Isabel Amália Quadros de Andrade, que nasceu à beira do porto de Funchal (ilha da Madeira), em 1808, na vinda da corte portuguesa para o Brasil. Ela era filha de Manuel Ferreira de Andrade e de Edeltrudes Maria Amália Quadros de Andrade; esta era açafta de Dona Maria I e foi aia dos Braganças.

Manuel Ferreira de Andrade, o moço, era natural da freguesia da Ajuda, Lisboa, filho de: Manuel Ferreira de Andrade, o velho, natural de S. Quintino, concelho de Arruda, comarca de Vila Franca de Xira, e de Quitéria Joaquina, natural de Loures, Lisboa³.

Em 1824, Manuel Ferreira de Andrade, o moço, morava na rua de S. José (na cidade do Rio de Janeiro) e era porteiro e guarda-livros da Secretaria de Estado dos Negócios da Guerra⁴.

Edeltrudes Maria Amália Quadros de Andrade era filha de: Joaquim Rodrigues Chaves, natural de Santa Justa (na Baixa de Lisboa) e de Joana Evangelista, de Lisboa⁵.

Frederico possuía chácara na rua São Cristovão, 63, na cidade do Rio de Janeiro, que lhe pertencia ao falecer, em 1876, e que pertenceu a sua filha Maria Luísa. Existia em 1923⁶.

³ Conforme o assento de batismo de Camilo de Andrade, irmão de Maria Isabel de Andrade Virmond, na igreja do Sacramento, na cidade do Rio de Janeiro.

⁴ Porteiro era o funcionário que apregoava as partes em audiências. Almanaque do Rio de Janeiro para o ano de 1824, in *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, n. 278, 1968, p. 264.

⁵ Conforme o assento de batismo de Camilo de Andrade, irmão de Maria Isabel de Andrade Virmond, na igreja do Sacramento, na cidade do Rio de Janeiro.

⁶ Para a chácara como pertença de Maria Luísa ainda em 1923: testemunho de Marília de Lacerda Carneiro para o autor.

Sr. redactor—Os abaixo assignados declararão espontaneamente, que considerão o sr. Firmino José dos Santos Lima como **HOMEM DE BEM** na estensão da palavra. Príncipe, 10 de março de 1856.

Eugenio Westphalen, José Vieira Neves, Lourenço da Silva Rezende, Manoel Joaquim de Abreu Macedo, **João Francisco Suplicy**, Joaquim Pereira Rezende, Manoel José Corrêa de Lacerda, Antonio Gonsalves dos Santos, Antonio Alves de Oliveira filho, João Manoel da Silva Braga, Antonio Manoel da Cunha, J. E. de Carvalho, Dr. J. Francisco Corrêa, Joaquim de Paula Xavier, Eugenio Ernesto Wermond, Gregorio Ferreira Maciel, **João** José Pinto, Francisco Teixeira da Cunha, Manoel Affonso Vianna, Theodoro Ferreira de Sousa, Alexandre Ferreira de Sousa, Frederico Guilherme Wermond, **João** d'Almeida Queiroz, Manoel de Pinho Soares Mourão, **João** Vieira Gonsalves, Miguel José Corrêa, Pedro Fortunato de Sousa Magalhães.

Estão reconhecidas pelo tabellião publico, e á disposição de quem quizer examinar.

Dezenove de Dezembro, de 19 de março de 1856.

Em 1856, Frederico estava comissionado para construir estrada entre a Lapa (então chamada Vila do Príncipe) e a ponte do rio Iguaçu e o prolongamento desta:

DIA 3 — A' Frederico Guilherme Wermond — Haja v. m. de informar, com urgencia, sobre a materia do incluso requerimento, acompanhado de informações dos engenheiros civis Emilio Gengembre e Carlos Stoppani, em que o dr. Francisco José Corrêa propõe a este governo uma melhor direcção a dar-se a nova estrada projectada entre a villa do Príncipe e a ponte do Yguassú, cumprindo que v. m. faça desde ja cessar os trabalhos dessa obra, até que este governo determine o que for mais conveniente.

Dezenove de Dezembro, de 15 de outubro de 1856. Despacho de 3 de outubro de 1856, do presidente da província do Paraná.

Guarapuava.

Ao mesmo — A Frederico Guilherme Vermond, encarregado por este governo das obras da estrada entre a villa do Principe e a ponte do rio Yguassú, mande v. s. pagar, depois dos devidos exames a quantia de 176\$440 rs., que despendeu com os trabalhos a seu cargo, como prova com os documentos. Por esta occasião lhe recomendo que mande pagar ao mesmo individuo qualquer outra quantia que se lhe esteja a dever, e para cujo pagamento já tiverem sido expedidas as ordens precisas deste governo.

Dezenove de Dezembro, de 3 de dezembro de 1856. Despacho do presidente da província do Paraná ao inspetor da tesouraria, em 30 de outubro de 1856.

te recomendado.

A Frederico Guilherme Vermond — Respondo ao seu officio datado de 29 do mez pp. declarando-lhe que nesta data expeço ordem a thesouraria de fazenda provincial para mandar pagar ao seu procurador nesta cidade a quantia de 27\$300 rs., importancia das ultimas despezas feitas por vm. com as obras do prolongamento da ponte sobre o rio Yguassú, como provou com documentos, e bem assim para pagar pela collectoria dessa villa ao cidadão Innocencio Cardoso Monteiro a de 480\$000 rs., a que tem direito, na forma do respectivo contracto, pelo fornecimento, que fez, das madeiras necessarias para taes obras.

Dezenove de Dezembro, de 10 de dezembro de 1856. Primeiro despacho do presidente da província do Paraná, de 1º de novembro de 1856.

Ao mesmo — A' vista das contas juntas, e depois dos devidos exames, mande v. s. pagar nesta cidade ao commendador Joaquim José Pinto Bandeira, como procurador de Frederico Guilherme Vermond a quantia de 27\$300 rs., importancia das ultimas despezas por este feitas com a conclusão das obras para o prolongamento da ponte sobre o rio Yguassú, de que se achava encarregado

Dezenove de Dezembro, de 10 de dezembro de 1856. Segundo despacho do presidente da província do Paraná, de 1º de novembro de 1856.

O presidente da província do Paraná, Manuel Alves de Araújo, apresentou relatório de sua gestão, em 19 de agosto de 1865; assim se referiu à ponte sobre o rio Iguaçu:

Do Iguassú.

Os concertos da ponte existente neste rio (na proximidade de S. José dos Pinhães) foram contractados com Manoel Antonio Pereira de Araujo, que receberá 300U000.

Na estrada geral demanda a ponte existente na queda do Iguassú, reparos serios, afim de collocal-a em posição de asoberbar as grandes enchentes e grossas madeiras que ellas conduzem. Neste intuito consultei ao Sr. Frederico Virmond que pelo governo de S. Paulo fôra encarregado de sua construcção, afim de que emittisse o seu parecer a respeito. Pela sua resposta conheci ser a quantia necessaria superior ás actuaes forças do orçamento, e limitei-me a mandar contractar, aproveitando as madeiras da provincia que alli existem, os reparos urgentes e que garantissem a segurança da passagem, já no leito da ponte e já nos gradis lateraes que foram destruidos pela enchente do anno de 1862.

O presidente da camara municipal do Principe contractou os referidos concertos por 250U000.

Dezenove de Dezembro, de 4 de outubro de 1865.

Com o fito de incrementar a produção lanígera do Paraná, seu governo importou de Buenos Aires, no primeiro semestre de 1865, rebanho que revendeu a 14 fazendeiros, por seu preço de custo, dentre eles Frederico Virmond, que adquiriu 4 ovelhas. Porque remanescesse parte do rebanho, sem compradores, o governo distribuiu-o por entre os criadores mais aptos a ampliá-lo. Foi o caso de Frederico, a quem calharam 8 ovelhas.

MAPPA DA VENDA E DISTRIBUIÇÃO DO REBANHO TIPO IMPORTADO DE BUENOS-AYRES POR CONTA DO GOVERNO IMPERIAL.

NOMES.	Distribuição	Venda	Ovelhas que possui	Crioulas	Negretes	OBSERVAÇÕES.
Conselheiro Jesuino M. de Oliveira e Sa.	10		500	400	100	
Commendador José Miró de Freitas	10		120	60	60	
Joaquim Alves de Araujo	10		100		100	
Tenente-coronel Manoel da Cruz Carneiro	8	4	400	400		
Frederico Guilherme Virmond	8	4	400	400		
Capitão Domingos Martins de Araujo.	8	4	200	200		
Major Antonio Caetano d'Oliv. Nhosinho.	4	4				
Frederico Martins d'Aranjo	4	4				Consta que mandou vir ovelhas do Rio-Grande.
João Manoel da Silva Braga	4	4				" " " "
Capitão João Silveira de Miranda	4	8				" " " "
Major Vicente Ferreira da Luz	4		60	60		
Commendador M. G. de Moraes Roseira	2		40	40		
Tenente-coronel Feliciano N. Prates	2					Possue um pequeno rebanho.
Capitão Manoel de Paula Teixeira.	2					" " " "
Padre Antonio Machado Lima	2					Quer dedicar-se e inscreveu-se.
Tenente corone J. Pacheco da S. Rezende	2					Consta que mandou vir ovelhas do Rio-Grande.
Francisco David Perneta	2					
Somma	86	28	100	100		

Dezenove de Dezembro, de 4 de outubro de 1865.

Na Lapa, em 1865, prosseguiram obras da cadeia, a cargo do engenheiro Francisco Terésio Porto, a cujas paredes pétreas o presidente Manuel Alves de Araújo autorizou-o a edificar instalações para a casa de câmara local, de acordo com o projeto do pavimento superior, elaborado por Frederico Virmond, a pedido da câmara⁷. Em 1870, os alemães do Paraná publicaram comunicação, no *Dezenove de Dezembro*, relativa a contribuições (cujo fito não explicitaram), dentre eles Frederico Virmond, que acorreu com a quantia mais vultosa, de cem mil réis. Eis a comunicação (traduzida): *A contar de 14 de setembro, nesta folha, os alemães da Província do Paraná fizeram contribuições, conforme abaixo discriminadas, e que representaram o total de 688\$000, das quais se fez dedução de 16\$000, referente a taxas e impostos pagos ao Consulado Geral para a União do Norte Alemão, devidamente recolhidas no Rio (de Janeiro).*⁸

⁷ *Dezenove de Dezembro*, de 4 de outubro de 1865.

⁸ Diz o original (de 22 de outubro de 1870) com frases entrecortadas e cacografias: *In folge des. am 14 september in diesein blatte an die dentschen in der provinz Parana ergangenen Aufrufs sind von den unten verzeichneten, verehrlichen gebern im gaazen 66\$000 eingegagen, welche, abzueglich 16\$000 insertions gebuchren an das generalconsulat fuer den nord-deutschen band in Rio aingesandt wourden.*

Loreno Luís Zatelli Hagedorn traduziu; aprimorei a plástica da tradução.

In Folge des, am 14ten September in diesem Blatte an die Deutschen in der Provinz Paraná ergangenen Aufrufs sind von den unten verzeichneten, verehrlichen Gebern im Ganzen 688\$000 eingegangen, welche, abzüglich 16\$000 Insertionsgebühren an das Generalconsulat fuer den Nord-Deutschen Bund in Rio aingesandt wurden.

Alwin Schimmelpfeng 50\$, Luiz A. de Azambuja Parrigot 20\$, Fr. Schnell 50\$, C. Bente 10\$, H. Haass 10\$, C. Christoffel 10\$, Antonio José Rodrigues 10\$, Jacob Mueller Prof. 25\$, Wilhelmine Mueller, 5\$, Eugen Mueller 2\$, Ida Mueller 2\$, Otto Mueller 1\$, Otto Finkensieper 10\$, Caroline Wolter 2\$, Albertine Wolter 2\$, Ernestine Krueger 2\$, Sidonia Bade 1\$, Bern. Weigang 5\$, Marg. Weigang 1\$, Ther. Weigang 1\$, Jos. Breuer 1\$, Jac. Schmidlin 2\$, Theod. Stresser 20\$, C. Hanemann 1\$, W. Ebert 3\$, Ant. Pospisil 2\$, J. Stephan 2\$, Alb. Preusser 5\$, G. A. Menssing 10\$, Th. Sprenger 3\$, M. Miller 5\$, A. Guilan 3\$, W. Meyer jun. 4\$, W. Meyer sen. 5\$, Henriette Meyer 2\$, C. Huelle 10\$, J. Meister 1\$, F. Mielke 2\$, J. Langermann 2\$, E. de Drusina 5\$, G. Wieland 25\$, J. Schaffer 10\$, C. Langer 1\$, H. Haase 2\$, F. Hertz 2\$, V. Schaefer 2\$, F. Fallgatter 2\$, J. Habitschke 10\$, Ph. Hey 2\$, August Stellfeld 20\$, Rosa Stellfeld 1\$, Alphons Stellfeld 1\$000, Bruno Stellfeld 1\$, Camillo Stellfeld 1\$, Agnes Stellfeld 1\$, Rudolph Stellfeld 1\$, F. Schmieth 2\$, F. Intharn 2\$, C. Weigert 1\$, Herm. Krueger 3\$, J. Kalckmann 10\$, W. Gaertner 2\$, J. P. Schleder 5\$, Ernest Stein 2\$, J. P. Reinhardt 1\$, Chr. Moelner 1\$, M. Callsen 2\$, F. Dorguth 2\$, Thankmar Kloepfel 3\$, Sophie Kloepfel 1\$, Marie Kloepfel 1\$, Joh. Kloepfel 1\$, Carl Koellner 20\$, Clara Koellner 2\$, Louise Koellner 2\$, Emma Hegreville 2\$, Pauline Hegreville 1\$, Josef Hauer 5\$, Fritz Rattmann 5\$, H. Baurath 5\$, G. H. Beer 10\$, A. M. Miller Picheth 5\$, Eug. Westphalen 50\$, C. F. Krueger 2\$, W. Nass 1\$, Aug. Blitzkow 2\$, A. Wolf-schlaeger 2\$, M. Fischer 2\$, H. Moerking 2\$, Fr. W. Virmond 100\$, E. Hosatz 2\$, Nic. Bley 10\$, Chr. Schwaneke 6\$.

Dezenove de Dezembro, de 22 de outubro de 1870.

Frederico e sua mulher Maria Isabel, sua filha Maria Luísa e o marido desta, João Supplicity (e outros dos filhos e genros de Frederico) jazem no monumento edificado em homenagem ao primeiro, com busto e placa, erigido no antigo Sanatório da Lapa, existente e situado pouco antes da entrada da Lapa. Seus despojos foram ali inumados por transferência do cemitério próprio dos Virmond (o Campo Triste), em 1942, quando se planeou a abertura de estrada que ligaria Curitiba à Lapa e que o cruzaria, o que não ocorreu. O cemitério foi abandonado e dele remanesciam vestígios em 2000. Os Virmond tinham cemitério próprio pois, ao tempo, o Estado brasileiro era confessional e recusava-se enterramento aos acatólicos nos cemitérios públicos. Era o caso de Frederico, ateu, e dos seus familiares.

Pertenceram a Frederico os terceiro e quarto pianos do Paraná, incorporados ao extinto Museu David Carneiro e atualmente ao Museu Paranaense⁹.

Em 1876, João Francisco Supplicity recebeu menção de mérito pela coleção de coleópteros que exibiu na exposição nacional, na cidade do Rio de Janeiro (expediu-se lhe diploma, pertencente a seu tetraneto Arthur Virmond de Lacerda Neto). Provavelmente, tratava-se de coleção constituída por Frederico e exibida em nome de seu genro.

O passamento de Frederico Virmond foi objeto de obituário na *Provincia do Paraná* (de 12 de agosto de 1876): “Os nossos amigos e distintos correligionarios, os srs. Eugenio Ernesto Wirmond, Eduardo Alberto de Andrade Wirmond e Frederico Guilherme Wirmond Junior, acabão de ser feridos pelo golpe que mais cruelmente lhes podia pungir o coração.

Seu respeitavel e idolatrado pae, o estrangeiro illustre e honrado, que todo o Paraná prezava, e em cujas virtudes se inspiravão aquelles nossos estimados amigos, o venerando ancião Frederico Guilherme Wirmond, acaba de separar-se para sempre da sua familia e de seus amigos, deixando este mundo de illusões e soffrimentos.

Não dirigimos palavras de consolação aos nossos irmãos de crenças; sabemos que não há consolo para semelhantes dôres.

Aqui só queremos consignar o pezar que nos causou tão dolorosa noticia, e que nos associamos mui sinceramente á magoa de nossos amigos.

Damos em seguida espaço à manifestação de pezar que aos dois primeiros foi dirigida pela officina maçõnica — “Santo Antonio da Lapa”, e obsequiosamente transmitida à redacção desta folha.

“¹⁰A ‘Gl*¹¹ do Supr* Arch* do Univ*

S* R* e C*

RRespeitb* Irm*

Em extremo penalizada a Aug* Off* Santo Antonio da Lapa, pelo duro golpe que acabais de soffrer, nomeou a presente commissão para que em seu nome vos viesse dar os mais significativos e sinceros pezames.

Tolhe-se-nos a voz n’este momento solemne, em que nos reunimos na presente sala mortuaria, onde o corpo inerte de um venerando ancião, que por suas virtudes sempre mereceu o respeito dos que o conhecião; do pae amoroso que tanto idolatrava os seus filhos; do sincero e dedicado amigo, enfim, do ente humanitario a quem esta cidade tanto deve.

As grandes dores são mudas, não queremos magoar mais os vossos corações; coragem e resignação, são os unicos balsamos que podem minorar os nossos soffrimentos, é o que vos pedimos RResp* IIr*, em nome de nossa Off*

Em momento tão amargurado para vós e vossas familias, aceitae de todo o coração os pesames q’vos são enviados, restando-nos o lenitivo de que em cada angulo desta sala, em qualquer parte onde tão funebre noticia

⁹ Terceiro e quarto e não primeiro e segundo: o primeiro pertenceu, na Lapa, em 1828, a Vicente José de Oliveira; o segundo, ao padre João Lins da Silva e chegou à Lapa, em 1830. Com isto, os quatro primeiros pianos do Paraná destinaram-se à então Vila Nova do Príncipe.

¹⁰ No original, as aspas estão abertas, porém não fechadas.

¹¹ Os asteriscos representam triângulos formados por três pontos, no original.

chegue, serão enviadas preces ao Altissimo, como ultimo tributo de viva gratidão e homenagem, de respeito e saudade, pelo venerando ancião e querido Ir*, que de nós para sempre partio.

Requiescat in pace.

Trac* em lugar ocul* na cidade da Lapa, aos 4 d* do 8º m* do anno de 1876 (E* V*)

Aos CCaris* e RRespeitab* IIr*

Eugenio Ernesto Wirmond, Eduardo Alberto de Andrade Wirmond e João Francisco Suplicy.

A commissão nomeada pela Aug* e Resp* Off* Santo Antonio da Lapa.

Adriano Ribeiro Rosado

Membr* honr*

Emygdio Westphalen

(Or* Int*)

Joaquim Rezende C. de Lacerda

João Domingues Garcia

Secret* int*

João Manuel da Silva Braga

Thez*

Pedro Fortunato de Souza Magalhães Junior.

Geniplo Pereira Ramos

Mestre de cerim*

Edição de hoje 1.000

Assignaturas pagas adiantadas

PREÇOS	
CAPITAL	PARA FORA
Anno 12\$000	Anno 14\$000
Seis mezes 7\$000	Seis mezes 8\$000

Annuncios a linha. 100
Todas as mais publicações pelo que se ajustar.

TYP. E ESCRITORIO

RUA DO COMMERCIO — N.º 54—

PROVINCIA DO PARANÁ

Curitiba 12 de Agosto de 1876.

Os nossos amigos e distinctos correligionarios, os srs Eugenio Ernesto Wirmond, Eduardo Alberto de Andrade Wirmond e Frederico Guilherme Wirmond Junior, acabão de ser feridos pelo golpe que mais cruelmente lhes podia pungir o coração.

Seu respeitavel e idolatrado pae, o estrangeiro illustre e honrado, que tudo o Paraná prezava, e em cujas virtulos se inspirava aquelles nossos estima-los amigos, o venerando ancão Frederico Guilherme Wirmond, acalla de separar-se para sempre da sua familia e de seus amigos, deixando este mundo de illusões e soffrimentos!

Não dirigimos palavras de consolação aos nossos irmãos de cranças; sabemos que não ha consolo para semelhantes dores.

Aqui só queremos consignar o pezar que nos causou tão dolorosa noticia, e que nos associamos mui sinceramente á magoa dos nossos amigos.

Damos em seguida espaço á manifestação de pezar que aos dois primeiros foi dirigida pela «officina magonica»—«Santo Antonio da Lapa», e obscuramente transmittida á redacção desta folha.

«A' Gl. do Supr. Arch. do Univ.»

S. R. e C.

RRespeitab. Hr.º.

Em extremo penalizada a Aug.º Off.º Santo Antonio da Lapa, pelo duro golpe que acabais de soffrer, nomeou a presen te commissão para que em seu nome vos viesse dar os mais significativos e sinceros pezames.

Tolhe-se-nos a voz a' este momento solemne, em que nos reunimos na presente sala mortuaria, ante o corpo inerte de um venerando ancão, que por suas virtudes sempre mereceu o respeito dos que o conhecião; do pae amoroso que tanto idolatrava os seus filhos; do sincero e dedicado amigo, enfim, do ente humanitario a quem esta cidade tanto deve.

As grandes dores são mudas, não queremos magoar mais os vossos

corações; coragem e resignação, são os unicos balsamos que podem minorar os nossos soffrimentos, é o que vos pedimos RRespe.º Hr.º., em nome da nossa Off.º.

Em momento tão amargurado para vós e vossas familias, aceiteae de todo o coração os pezames q' vos são enviados, restando-vos o lenitivo de que em cada angulo desta sala, em qualquer parte onde tão funebre noticia chegue, serão enviadas preces ao Altissimo, como ultimo tributo de viva gratidão e homenagem, de respeito e saulade, pelo venerando ancão e querido Hr.º. que de nós para sempre partio.

Requiescat in pace.

Trac.º em lugar occulto, na cidade da Lapa, aos 4 d.º. do 8.º m.º. do an.º. de 1876. (E.º V.º.)

Aos CCariss.º e RRespeitab.º Hr.º.

Eugenio Ernesto Wirmond, Eduardo Alberto de Andrade Wirmond e João Francisco Suplicy.

A commissão nomeada pela Aug.º e Resp.º Off.º Santo Antonio da Lapa,

Adriano Ribeiro Rosado

Memb.º honr.º.

Emyglio Westphalen

(Or.º Int.º.)

Joaquim Rezende C. de Lacerda

João Domingues Garcia

Secret.º intr.º.

João Manoel da Silva Braga

Thez.º.

Pedro Fortunato de Souza Magalhães Junior.

Geniplo Pereira Ramos

Mestre de cerim.º.

QUESTÃO DE LIMITES**O sr. Lamenha e os defraudadores da Escruzilhada.**

Revelação importante acaba o sr. M. F. Correia de fazer.

No «Jornal do Commercio» da corte e em resposta ao que tem escripto o sr. Luz a respeito dos limites desta provincia com S. Catharina, denuncia o sr. Correia a fraude, sendo o crime de um presidente que cada, deixando de fiscalizar devidamente uma agencia de arrecadação, que o proprio sr. Correia confessa creada ha mais de 8 annos!

E' elle quem escreve, com o soberano da reputação do presidente, que este fechou os olhos a um talho feito pelos que querem fugir ao pagamento da taxa!

E' elle quem denuncia que a barreira da Escruzilhada se acha extinta por acto do presidente da provincia.

E em quanto um ex-representante s'eleva no conceito de S. Catharina, ou-

Província do Paraná, 12 de agosto de 1876.

*A folha Província do Paraná, de 12 de agosto de 1876, estampou obituário de Frederico Virmond: **Hontem, ás 3 e 1/2 horas da tarde, finou-se com 86 annos de idade, na sua chacara proxima a esta cidade, o subdito prussiano Frederico Guilherme Wirmond.***

Foi uma perda lamentavel para sua excellente familia, e para esta cidade, que jamais se poderá esquecer dos innumerous beneficos que do finado recebeo, durante os annos que aqui residio..

Não havia obra publica, ou popular para a qual o illustre finado não concorresse com os seus esforços ou contingente; não havia uma idéa adiantada a pôr em pratica, que não recebesse o seu acoroçoamento e valioso auxilio.

Os lapeanos devem pranteal-o, e o pranteão como um homem prestante, um benemerito que desce á sepultura, rodeado da estima, gratidão e consideração publica.

Era o finado uma intelligencia viváz e cultivada, defensor extrenuo das idéas de progresso, amigo fervoroso do Brazil, cujo adiantamento lhe excitava o mais fervente enthusiasmo, e cujos males ou embaraços lhe laceravão o coração.

Alma generosa, coração grandioso, descança em paz, que a tua memoria será grata e indelevel aos que te conhecerão !

Lapa, 4 de Agosto de 1876.



Hoje, ás 3 e 1/2 horas da
 tarde, finou-se com 86 annos de
 idade, na sua chacara proxima
 a esta cidade, o subdito prus-
 siano Frederico Guilherme Wir-
 mond.

Foi uma perda lamentavel
 para sua excellente familia, e
 para esta cidade, que jamais se
 poderá esquecer dos innume-
 ros beneficios que do finado re-
 cebeo, durante os annos que a-
 qui residio..

Não havia obra publica, ou
 popular para a qual o illustre
 finado não concorresse com os
 seus esforços ou contingente ;
 não havia uma idéa adiantada
 a pôr em pratica, que não rece-
 besse o seu acorçoamente e
 valioso auxilio.

Os lupoanos devem prante-
 al-o, e o pranteão como um
 homem prestante, um beneme-
 rito que desce á sepultura, ro-
 deado da estima, gratidão e con-
 sideração publica.

Era o finado uma intelligen-
 cia viváz e cultivada, defensor
 extremo das idéas de progres-
 so, amigo fervoroso do Brazil,
 cujo adiantamento lhe excitava
 o mais fervente enthusiasmo, e
 cujos males ou embaraços lhe
 laceravão o coração.

Alma generosa, coração gran-
 dioso, descança em paz, que a
 tua memoria será grata e indele-
 vel aos que te conhecerão !

Lapa 4 de de Agosto 1876.

Provincia do Paraná, de 12 de agosto de 1876.

Joaquim Americo Guimaraes e suas irmãs profundamente penhorados pela espontanea e irrefragavel prova de amizade e consideração que acabão de receber dos seus bons e numerosos amigos residentes na villa do Principe por occasião da infausta enfermidade e enterro de sua mai, lhes offerecem este tenue testemunho da sua perduravel gratidão e reconhecimento. Sem alterar distincções, seja permittido especialisar os nomes dos snrs. Frederico Guilherme Vermond, Eugenio Westphalen, Joao Francisco Supplicity, Pedro Fortunato de Sousa Magalhaes, Emilio Nunes Corrêa de Menezes e Eugenio Ernesto Vermond, como aquelles que se dignaram suster o caixão no transito para o cemiterio. Paranaguá, 5 de dezembro de 1856.

Dezenove de Dezembro, de 24 de dezembro de 1856.

O Sr. Dr. Jesuino Marcondes de Oliveira e Sá tem em seu poder para cobrar as letras abaixo declaradas, aceitas nos registros do Rio Negro, Itararé e Xapecó, a saber:

RIO-NEGRO.	ACEITANTE.	FIADOR.
1:500\$000	— David Antonio Xavier da Silva	— Nicoláo Bley.
700\$000	— Generoso Caetano de Oliveira	— Nicoláo Arbigans.
1:350\$000	— Adam Schell.	— Frederico G. Wermond.
850\$000	— Frederico M. Camello.	— J. P. da Silva Rezende.
1:050\$000	— Lourenço T. R. d'Andrade.	— Joaquim Tabora Ribas.
3:150\$000	— Ignacio Rodrigues da Silva.	— J. Manoel da S. ^a Braga.
200\$000	— " " "	— " " "
3 0\$000	— Generoso Franc. ^o de Siqueira	— Eulelio Antonio Muniz.
1:000\$000	— Antonio Ferreira Torres.	— Eugenio E. Wermond.

Dezenove de Dezembro, de 7 de novembro de 1860.

nota formação, á vista dos característicos irrecusáveis que alli se hão estudado nestes ultimos tempos.

A cal em questão provém das ostras das taes collinas ou *Sambaquis* e as ostras procedem da pesca dos indios no littoral em épocas remotas para base da sua alimentação.

Explicam alguns naturalistas o facto do modo seguinte :

Tribus consideráveis de indios viam até ao mar para comer ostras ; as conchas elles depositavam em montículos, que de geração em geração cresceram por accumulações successivas, até adquirirem dimensões de collinas.

No interior destas numerosas collinas, formadas á custa de um numero prodigioso e incalculavel de conchas (quantos seculos seriam precisos ?), descobrem-se todos os dias esqueletos humanos misturados com instrumentos de pedra para trabalho, artefactos de uma industria remota ou antiquissima. Os *sambaquis* serviram, portanto, de sepulturas para os indios, cujos esqueletos são alli encontrados em posições differentes, e cujos ossos indicam, na opinião de algumas pessoas, e pelo estado em que são vistos, serem fosseis ou pelo menos de uma idade antiquissima.

O numero de collinas ou de *sambaquis*, o tamanho de cada uma dellas, o numero espantoso de conchas necessario para formá-las a extensão que ellas abrangem, combinadas com o estado actual dos ossos e com as camadas de terras depositadas em épocas posteriores pelos effeitos das formações sedimentarias, levam alguns geologos a conclusões até certo ponto fundamentadas, mas que abalam uma fice das nossas crenças e o estado actual da sciencia. Opinam em mais de um circulo pela idéa do homem fossil, do homem na época terciaria, ou do apparecimento da especie humana muito antes da época indicada nos livros santos.

Não omitimos julgo nosso, nem temos por ora opinião formada com relação a tão delicado assumpto.

Eis o reino mineral representado na secção do Paraná.

Reino animal.—Innumeras pelles de animaes conhecidos nas selvas do Paraná, taes como *onças, tamanduás, bandedeiras, perdizes e fainhas* significam uma das faces da industria extractiva da provincia, e o adiantamento notavel no curtimento de pelles, á custa das substancias taníferas colhidas dos vegetaes característicos da flora Paranaense. No estrangeiro são apreciadas estas pelles, que tem acção de entre as mais bellas dos animaes que povoam os nossos bosques. E supposto que igual apreço mereçam, e todas quantas vieram, não seria máo de incluí-las na collecção dos productos para Philadelphia, para julgar do effeito que ellas produzirão. Acima de tudo isto collocaremos a exposição dos insectos *coleopteros* em numero talvez superior a oito mil : uma collecção é

devida ao naturalista Suplycis residente na cidade da Lapa ; a outra é resultado de muita paciencia por parte do naturalista Wirmoud, que os colleccionou.

Comparando-se os quadros entre si percebe-se por vezes a repetição das especies, algumas das quaes não vieram acompanhadas dos respectivos nomes scientificos. Ha, portanto, duplicatas, ausencia em parte de informações scientificas e falta completa de esclarecimentos praticos acerca dos beneficios ou malíficos que de taes *colepteros* se devem esperar. Qual foi exposta, a collecção dos oito mil insectos (não especies distinctas) tem interesses especulativo, e torna-se digna de louvores e attenção do governo imperial para enriquecer as vitrinas do museu nacional da corte, ou as salas do gabinete de zoologia da escola polytechnica ou para uma das outras conjunctamente, se quizerem dividir ao meio os trinta e um quadros, pelos quaes foram distribuidos os esforços dos respectivos expositores.

Uma cousa é o Estado comprar o outro, e bem differente é mandar para os Estados-Unidos. Aconselhamos que aceite o primeiro alvitre. A remessa para Philadelphia da collecção de *colepteros* teria cabimento se outros houvessem sido os fins da sua exposição.

Falta-lhe a base para despertar a curiosidade e interesse por parte dos estrangeiros : os effeitos nocivos ou salutares de cada especie, *modus vivendi*, o theatro de suas façanhas ou os orgãos dos vegetaes por elles atacados, os nomes das especies da flora brasileira que participam aos estragos causados pelos taes bichinhos : arvores ? arbustos ?ervas ? especies cultivadas ou silvestres ? arvores frutíferas ou os gigantes das selvas ? a raiz ? o caule ou a folha ?

Eis a reunião dos elementos imprescindíveis para estudos applicaveis á sociedade ou aos ramos de sua industria.

São os insectos uteis ? consideram-se auxiliares do homem ? Outra série de pormenores se fazem precisos para aleanee intelligente de qualquer collecção ou para serviços reaes á sociedade. Podem ser daquelles que alimentam á custa dos *noceiros*, destruindo-os por esta forma um por um, ou daquelles que produzem substancias uteis, filamentosas ou cerosas, ou, em summa do quadro dos chamados *neutros ou inermes*, ou incapazes do mal e do bem. Fóra destas condições especiaes a exposição de *colepteros* ou do outro ordem de insectos não passa do dominio especulativo, e sómente digno, e neste caso por mais de um titulo, das vitrinas de um museu zoologico.

Muito de plano os Hungaros, Bohemios e Allemaes trouxeram para Viena d'Austria em 1873, milhares de insectos primorosamente conservados, cada um dos quaes em um quadro de vidro nos tres estados de arva, lagarta e adultie, tendo de um lado, a pro-

Transcrição que fez o *Dezenove de Dezembro*, em 18.12.1875, do *Jornal do Commercio* de 4.12.1875, sobre a exposição nacional da Filadélfia, a propósito da coleção de coleópteros que formaram Frederico Virmond e João Francisco Suplicy: “Acima de tudo isto colocaremos a exposição dos insectos *coleopteros* em numero talvez superior a oito mil: uma collecção é devida ao naturalista Suplicys residente na cidade da Lapa; a outra é resultado de muita paciencia por parte do naturalista Wirmond, que os collecionou.

Comparando-se os quadros entre si percebe-se por vezes a repetição das especies, algumas das quaes não vieram acompanhadas dos respectivos nomes scientificos. Ha, portanto, duplicatas, ausência em parte de informações scientificas e falta completa de esclarecimentos praticos ácerca dos maleficios ou beneficios que de taes *coleopteros* se devem esperar. Qual foi exposta, a collecção dos oito mil insectos (não especies distintas), tem interesses (sic) especulativo, e torna-se digna de louvores e atenção do governo imperial para enriquecer as vitrinas do museu nacional da corte ou as salas do gabinete de zoologia da escola polytechnica ou para uma das outras conjunctamente, se quizerem dividir ao meio os trinta e um quadros, pelos quaes foram distribuidos os esforços dos respectivos expositores.

Uma cousa é o Estado comprar e outra, bem differente, é mandar para os Estados-Unidos. Aconselhamos que aceite o primeiro alvitre. A remessa para Philadelphia da collecção de *coleopteros* teria cabimento se outros houvessem sido os fins da sua exposição.”

Frederico possuía coleção de mais de seis mil exemplares de coleópteros brasileiros, que ofereceu a Ermelino de Leão, em 1875, então presidente da comissão da exposição da província do Paraná, para ser exposta na Exposição Universal da Filadélfia, e lá vendida por conta do expositor. Em 1830, Virmond vendera ao museu de Berlim outra coleção, menor, pelo equivalente a 600 contos, que recebeu do seu diretor.

As coleções perderam-se na Filadélfia ou no seu retorno ao Brasil e dos exemplares remanesceram reproduções coloridas que o próprio Frederico realizou, em quantidade insignificante¹².

Na exposição nacional de 1875, Frederico Virmond recebeu medalha de progresso¹³.

Frederico foi o primeiro pintor do Paraná (não o primeiro nado no Paraná): era miniaturista; como tal, produziu dezenas de retratos de gente paranaense ilustre e outras muitas pinturas em madeira, marfim, tela (vide o álbum de fotografias de várias de suas pinturas, publicado em 1977.). Produziu dois auto-retratos, e um retrato de sua mulher e de sua filha primogênita.

Para Frederico Virmond, *vide* também *Prussiano e pacifista*, de David Carneiro (narrativa romanceada da visita de Frederico Ernesto Virmond, neto de Frederico, ao próprio).

Após a morte de Frederico Virmond, terras suas, inventariadas, foram avaliadas por 30 contos e vendidas por 32 contos, o que um observador considerou baratíssimo, à vista do imposto de 2% sobre quinhões hereditários¹⁴. Em 20 de fevereiro de 1878, os chefes dos colonos por serem instalados naquelas terras obtiveram despacho em requerimento dirigido ao presidente de província do Paraná, para que somente se demarcassem os sesmos deputados à lavoura, e que permanecessem comuns os de matos e de pastos. O presidente da província despachou: “Ao engenheiro Ochs”¹⁵. No dia 26 de fevereiro o presidente ordenou que o tesoureiro provincial passasse escritura de compra e venda, por 26 contos¹⁶.

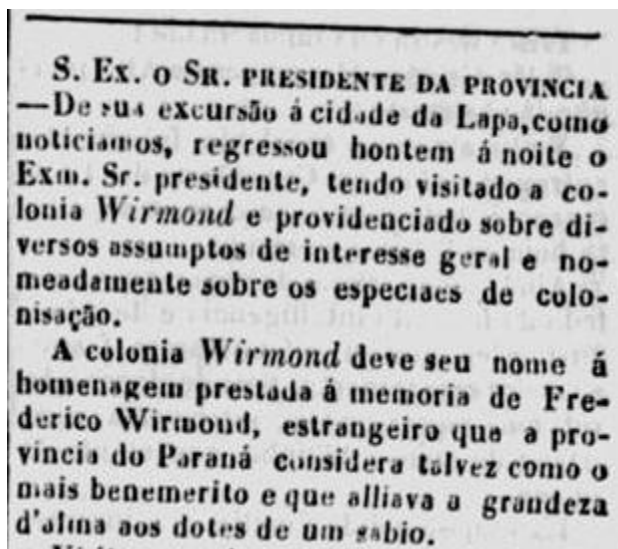
¹² CARNEIRO, David. *Biografia de Frederico Guilherme Virmond*. Curitiba, 1976, edição do autor, p. 27.

¹³ *Dezenove de Dezembro*, de 4 de março de 1876.

¹⁴ *Dezenove de Dezembro*, de 13 de março de 1878.

¹⁵ *Dezenove de Dezembro*, de 6 de março de 1878.

¹⁶ *Dezenove de Dezembro*, de 9 de março de 1878. O despacho informa haver documentos em que constava o perímetro dos terrenos e outros, habilitadores da operação.



Dezenove de Dezembro, de 27 de março de 1878.

Frederico e Maria Isabel tiveram, dentre outros¹⁷:

1.1- Maria Luísa Edeltrudes Virmond (Rio de Janeiro, 1826 — Lapa, 1912), mulher de João Francisco Tiago Estevão Vitor Germano Saturnino (Jean François Jacques Etienne Victor Germain Saturnin) Supplicity, natural de Tolosa de França (Toulouse), onde nasceu em 1805. Morreu em Niterói, em 1877. Era filho de Germano Luís (Germain Louis) Marsas Supplicity, nascido em Tolosa em 1826 (afilhado de Germano Luís de Supplicity, barão de Marsas) e de Úrsula Bonin.

Úrsula era filha de Guilherme (Guillaume) Bonin e de Joana (Jeanne) Laffitte (1733 — 1813). Úrsula foi batizada na igreja de S. Servin-Taur (Tolosa) em 3 de agosto de 1782.¹⁸

¹⁷ Um dos filhos era Eugênio Ernesto de Andrade Virmond, pai de Maria Isabel Virmond, nascida em Curitiba, em 1894 (registro do livro 18, folha 19 de nascimentos, do primeiro registro civil de Curitiba). Era-lhe filha reconhecida, e de Maria Amélia da Conceição. Maria Isabel desposou, com 14 anos, João Domingues Taborda, em Curitiba, em 29 de fevereiro de 1908. Divorciaram-se em 1913 (registro civil de Curitiba, cartório do Taboão, livro de registro de casamentos de 1907, folha 194.

Frederico Guilherme Virmond (1829 – 1909) Júnior formou-se em farmácia, na Escola de Medicina do Rio de Janeiro, em 1849. Radicou-se em Guarapuava, em 1852, onde deixou geração. Enriqueceu com a firma Sá, Virmond & Companhia. Fundou o sítio Santa Maria, de criação de gado em larga escala; também lhe pertenceu o Amola Faca, em Guarapuava. Presidiu à câmara municipal de Guarapuava; foi deputado provincial do Paraná em 1882/3 e 1884/5; deputado estadual do Paraná em 1904/5, 1907, 1908/9. Foi o 2º vice-presidente do Paraná de 1905 a 1909 (a); recusou o título de barão de Guarapuava (b). (Vide *Entre o compasso e o esquadro*, de Hamilton F. Sampaio Júnior, p. 123 e 124.

Capitão Frederico Guilherme Virmond, o moço, comissionado pelo presidente da Província, com João de Abreu e Araújo, para, no distrito de Candóy, recolher fundos destinados à construção da estrada entre Guarapuava e Porto da União (*Província do Paraná*, 31 de maio de 1879). Recebeu 24 votos na eleição para deputado estadual no Paraná; não foi eleito (*Commercio do Paraná*, 8 de 5 de 1891). Foi exonerado da presidência da intendência de Guarapuava em 1891 (*Diário do Comércio*, de 30 de março de 1891).

Frederico Guilherme Virmond, o moço, e Frederico Ernesto Virmond apoiaram, pelo Partido Republicano, a candidatura de Vicente Machado, ao governo do Paraná (*A República*, 20 de janeiro de 1891). Em 22 de setembro de 1890 o governador do Paraná exonerou do cargo de intendente de Guarapuava Frederico Ernesto Virmond e nomeou seu pai, Frederico Guilherme Virmond, o moço (*A República*, 24 de setembro de 1890).

(a) ALVES, Alessandro Cavassin. *A província do Paraná e sua assembléia legislativa*, p. 445.

(b) Informação do historiador David Carneiro.

¹⁸ Vide o sítio Family Search.

Germano era filho de João Francisco (Jean François) Supplicity Marsas, advogado, nascido cerca de 1741, e de Margarida (Marguerite) Lespine. João Francisco descendia de João Pedro (Jean Pierre) de Supplicity, vereador (*capitoul*) em 1667, nobilitado com brasão de armas em 1696.

Do vereador, João Francisco (marido de Maria Luísa Virmond) possuía copo de cristal, pesado, que pertenceu a sua descendente Alice Supplicity de Lacerda e ao Museu David Carneiro; pertence ao seu tetraneto Arthur Virmond de Lacerda Neto¹⁹. No ramo paulista da família há retrato a óleo do vereador de 1667.

João Francisco (marido de Maria Luísa) era ourives, maçom e fazendeiro na Lapa; era aquarelista. Deixou álbum de pintura, colorido, de pássaros, e de desenhos, que pertenceu ao Museu David Carneiro.

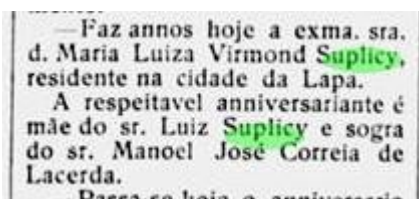
Em 1843, João Francisco residia no Rio de Janeiro, há alguns anos, onde vivia de sua indústria. Neste mesmo ano passou-se para o Paraná, onde se fixou na Vila Nova do Príncipe de Santo Antônio da Lapa. Lá se casou em 12 de dezembro de 1843²⁰.

A folha *Dezenove de Dezembro*, de 20 de junho de 1877, noticia o desembarque de passageiros, do vapor Camões, oriundos do Rio de Janeiro, dentre eles “Maria Supplicity e um filho”: provavelmente, tratava-se de Maria Luísa e seu filho Arthur.

Anúncio do natalício de Maria Luísa, publicado pelo *Diário da Tarde*, de 29 de maio de 1903:

“Faz annos hoje a exma. sra. d. Maria Luiza Virmond Supplicity, residente na cidade da Lapa.

A respeitável aniversariante é mãe do sr. Luiz Supplicity e sogra do sr. Manoel José Correia de Lacerda”. Quis dizer Arthur, em lugar de Luís.



Fonte: *Diário da Tarde*, de 29.V.1903.

Erro no nome Luís. Quis dizer Arthur.

Eis o obituário de Maria Luísa, publicado pelo *Diário da Tarde*, em 14 de maio de 1912:

“Lapa

A fatalidade, dura e implacavel inimiga dos meios felizes, acaba de ferir profundamente a alma lapeana !

A 10 do corrente, ás 12 horas da noute, registrou-se o passamento da exma. sra. d. Maria Luisa Edeltrudes Supplicity, que, desde mais ou menos 15 dias, se achava em grave estado, rodeada dos inconsolaveis filhos, irmãos, nettos, parentes e amigos.

Em seus ultimos instantes, faltando-lhe a lucidez de espirito, não pôde ver o circulo compacto de dedicação e entranhado amor que, com carinhosa solicitude, procurava prolongar o leve sopro de vida que lhe restava; foi-lhe poupada, assim, a angustia horrivel, que mais enegrece o momento da morte: — a despedida cruciante das pessoas queridas !

A senda da sua existncia perfumou com preciosos dotes de coração, e a trilhou, de maneira segura, guiada pela mão sabia e previdente de uma consciencia sem macula!

Por isso, fallecendo aos 86 annos de idade, não deixou nenhum desaffectedo; os espiritos que a conheceram, foram fieis tributarios seus: — do respeito que a nobreza infunde; da confiança que a lealdade prende; da amizade que a doçura inspira; da gratidão que a bondade exige; da veneração que consagra !

¹⁹ Que o adquiriu em leilão do recheio da casa do historiador David Carneiro, juntamente com o recipiente para geléias que pertenceu a Manuel Ferreira de Andrade.

²⁰ Arquivo da Cúria Metropolitana de São Paulo, processos matrimoniais, cota 11-21-6855.

Sua memoria, em halo fulgurante de benções, será sempre saudosa, — no culto sincero que os bons merecem, e fecunda — na exemplificação impercível de virtudes que immortalizam.”

Diário da Tarde, de 14.V.1912.



Duas invitações para missa publicaram-se no *Diário da Tarde*, em 15 de maio de 1912, sobrepostas uma à outra:

“**Missa**

MARIA LUIZA EDELTRUDES SUPLICY

A familia da fallecida d. Maria Edeltrudes Suplicy, convida os seus parentes e pessoas de sua amizade para assistirem à missa que pelo eterno repouso de sua alma fazem celebrar no dia 17 do corrente, [ilegível] ta-feira, as 8 horas da manhã, na Cathedral do Bispado, 7º dia do seu passamento.

Será celebrante o revmo. padre Lamartine ou, no seu impedimento, o revmo. conego Celso.

Coritiba, 14 de Maio de 1912.

Missa

Eugenio Ernesto Virmond, convida as pessoas de sua amizade para assistirem á missa que pelo descanso eterno da alma de sua sempre lembrada irmã MARIA LUIZA EDELTRUDES SUPLICY, fallecida a 11 do corrente na cidade da Lapa, manda rezar sexta-feira 17 do corrente, 7º dia do seu passamento, na igreja desta localidade.

Desde já confessa-se agradecido a todas as pessoas que comparecerem a esse acto religioso.

Araucaria, 14 de Maio de 1912.”

Missa

MARIA LUIZA EDELTRUDES
SUPPLY

familia da fallecida d. Maria Edeltru-
Supply, convida os seus parentes e
pessoas de sua amizade para assistirem á
missa que pelo eterno repouso de sua al-
ma, fazem celebrar no dia 17 do corrente,
sexta-feira, ás 8 horas da manhã, na Ca-
edral do Bispado, 7.º dia do seu passa-
mento.

Será celebrante o revmo. padre Lamar-
ca ou, no seu impedimento, o revmo.
padre Celso.

Doritiba, 14 de Maio de 1912. 3-3

Missa

Eugenio Ernesto Virmond, convida as
pessoas de sua amizade para assistirem á
missa que pelo descanso eterno da alma
de sua sempre lembrada irmã MARIA
LUIZA EDELTRUDES SUPPLY, falle-
cida a 11 do corrente na cidade da Lapa,
manda fazer sexta-feira 17 do corrente, 7.º
dia do seu passamento, na igreja desta lo-
calidade.

Desde já confessa-se agradecido a todas
as pessoas que comparecerem a esse acto
religioso.

Araucaria, 14 de Maio de 1912. 3 3

Diário da Tarde, 15.V.1912.

Sr. redactor—Os abaixo assignados declararão espontanea-
mente, que considerão o sr. Firmino José dos Santos Lima
como **HOMEM DE BEM** na estensão da palavra. Prin-
cipe, 10 de março de 1856.

Eugenio Westphalen, José Vieira Neves, Lourenço da
Silva Rezende, Manoel Joaquim de Abreu Macedo, **João**
Francisco Supply, Joaquim Pereira Rezende, Manoel José
Corrêa de Lacerda, Antonio Gonsalves dos Santos, Anto-
nio Alves de Oliveira filho, João Manoel da Silva Braga,
Antonio Manoel da Cunha, J. E. de Carvalho, Dr. J. Fran-
cisco Corrêa, Joaquim de Paula Xavier, Eugenio Ernesto
Wermond, Gregorio Ferreira Maciel, **João** José Pinto,
Francisco Teixeira da Cunha, Manoel Affonso Vianna,
Theodoro Ferreira de Sousa, Alexandre Ferreira de Sou-
sa, Frederico Guilherme Wermond, **João** d'Almeida Quei-
roz, Manoel de Pinho Soares Mourão, **João** Vieira Gonsal-

ves, Miguel José Corrêa, Pedro Fortunato de Sousa Ma-
galhães.

Estão reconhecidas pelo tabellião publico, e á disposi-
ção de quem quizer examinar.

Dezenove de Dezembro, de 19 de março de 1856.

Estão em poder de João Francisco Suplicy⁷ duas letras passadas no Rio Negro ; sendo uma de 300U000, aceita em 7 de dezembro de 1857 por Antonio Joaquim Ferreira, e afiançada por Francisco de Oliveira Chaves ; outra de 200U000 passada na mesma estação, aceita por Antonio Pires de Camargo, e afiançada por Luciano Palhano e Silva em 9 de abril de 1858. Lapa, 2 de novembro de 1859.

Dezenove de Dezembro, de 5 de novembro de 1859.

Pelo tabellionato da villa do Principe se faz publico, que no dia 7 do corrente mez, às 4 horas da tarde, por João Francisco Suplicy foi apontada e protestada com as formalidades da lei uma letra da quantia de 300\$000 contra o devedor Antonio Joaquim Ferreira e seu fiador Francisco de Oliveira Chaves ; cuja letra foi descontada na thesouraria desta provincia em data de 16 de setembro de 1859. E para que conste a quem convier se faz o presente annuncio na forma que dispoe o art. 411 do codigo commercial. Villa do Principe, 7 de dezembro de 1859.—O tabelliao interino, *João Domingues Garcia.*

Dezenove de Dezembro, de 14 de dezembro de 1859.

DECLARAÇÕES.

Pelo tabellionato da villa do Principe se faz publico, que no dia de hoje, ás 4 horas da tarde, por Manoel José Corrêa de Lacerda foi apontada e protestada com as formalidades da lei uma letra da quantia de 200\$000 contra o devedor Antonio Pires de Camargo e seu fiador Luciano Palhano e Silva ; o devedor e fiador não consta onde moram ; cuja letra foi descontada na thesouraria desta provincia por Joao Francisco Suplicy em data de 16 de setembro de 1859. E para que conste a quem convier se faz o presente annuncio na forma que dispõe o art. 411 do Codigo Commercial. Villa do Principe, 9 de abril de 1860.—
João Domingues Garcia.

Dezenove de Dezembro, de 21 de abril de 1860.

Em 1868, João Francisco detinha duas apólices da Protetora das famílias, associação de seguros de vida, gerida pelo Banco Rural Hipotecária: uma de 2:500\$000 e outra de 500\$000²¹.

Na exposição nacional de 1875, João Francisco expôs insetos (vide o recorte relativo à exposição, na secção concernente a Frederico Virmond, acima) e recebeu medalha de mérito²². Na exposição internacional da Filadélfia, em 1876, João Francisco angariou duas medalhas de mérito, dois diplomas e um certificado²³. Já na 4ª exposição nacional, ele recebeu duas medalhas de mérito²⁴.

Maria Luísa e João Francisco tiveram:

2.1 Arthur Virmond Suplicy (Nhonhô, de apelido com que o tratava sua irmã). Nasceu na cidade do Rio de Janeiro, em 4 de abril de 1866; morreu na Lapa, em 8 de dezembro de 1945. Foi batizado na Lapa, em 13 de setembro de 1866 (no mesmo dia e certamente no mesmo ato em que se batizou sua futura esposa e prima Eugênia); teve por padrinhos o Doutor Antonio Francisco Livello de Azevedo, por procuração de Manuel José Correa de Lacerda, e Maria Isabel Virmond²⁵.

Infante, com 11 anos, Arthur Suplicy desembarcou do vapor Canova, oriundo do Rio de Janeiro e que aportou em Paranaguá em 5 de dezembro de 1878²⁶.

Fazendeiro, proprietário do latifúndio Roseira, que media 25.622.925 metros quadrados ou 3073 hectares, com a Invernadinha. Ela compunha-se de duas partes: a fazenda Bom Retiro e a Rio da Várzea.

Em 1838, na Vila Nova do Príncipe (depois Lapa), Manuel Ferreira Cardoso e sua mulher Joana Francisca de França venderam a fazenda Bom Retiro a Tobias Pinto Rebelo. Em 1869, Eduardo Alberto de Andrade Virmond obteve título de propriedade da fazenda Rio da Várzea; em 1880 (?), o mesmo Eduardo incorporou o Bom Retiro, no inventário de seu sogro, Tobias Pinto Rebelo. Em 1890, Eduardo e sua mulher Lourença Francisca de Assis Pinto Rebelo venderam a Roseira a Prisciliano & Cia. Em 1896, Arthur Virmond Suplicy (genro de Eduardo) arrematou a Roseira, em leilão, por 18:630\$000 (dezoito contos, seiscentos e

²¹ *Dezenove de Dezembro*, de 25 de abril de 1868.

²² *Dezenove de Dezembro*, de 4 de março de 1876.

²³ *Dezenove de Dezembro*, de 6, 10 e 13 de abril de 1878 (e não 1876).

²⁴ *Dezenove de Dezembro*, de 13 de abril de 1878.

²⁵ Livro de batizados da igreja da Lapa, de número 7, folha 75, verso. A leitura (que efetuei) do nome Livello é duvidosa.

²⁶ *Dezenove de Dezembro*, de 5 de dezembro de 1878.

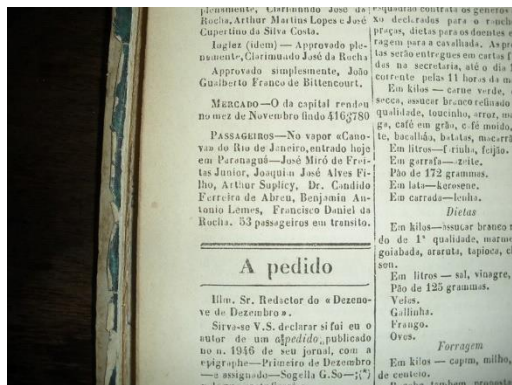
trinta mil réis), na Lapa (com dinheiros que lhe emprestou o seu amigo e conterrâneo dr. Manuel Pedro dos Santos Lima, que terá dito a Arthur: “Pague-me quando puder”).

Em 1869, legitimou-se a propriedade do Doce Fino, requerida pelo capitão Tobias Pinto Rebelo. Arthur Supplicity dividiu a Roseira, por sorteio, em vida. Um seu filho, Eduardo Virmond Supplicity (casado com Regina Costa Supplicity), tinha dois filhos (gêmeos), Ricardo e Rafael, que mantiveram por décadas os respectivos sesmos. Outro dos seus filhos, João Virmond Supplicity, manteve o sesmo que contém a casa-sede e que transmitiu a seu filho Haroldo de Lacerda Supplicity; a casa existe e nela habitaram Arthur Virmond Supplicity e os seus.

Outra das divisões pertenceu a Lourença Supplicity Vidal (filha de Arthur), mulher do opulento comerciante Teófilo Gomes Vidal e lá (na chamada Lapinha), posteriormente, Margarida Langer estabeleceu casa de veraneio e repouso²⁷.

Na sede da Roseira, Arthur possuía 3 grandes quadros, de que um representa Napoleão; outro, cavalo branco na Rússia e mede 1,40 x 1 m. O segundo (provavelmente os três) foi trazido por seu pai João Francisco Supplicity, da França. O que representa Napoleão pertence aos descendentes de Hamilton de Lacerda Supplicity; o do cavalo pertenceu a Lourença Supplicity Vidal, filha de Arthur; a seguir, à filha desta, Clarice Vidal de Oliveira, que o vendeu para Arthur Virmond de Lacerda Neto em 2010. Em 2020, ele terá cerca de 180 anos. Na Roseira, havia a escrava nhá Fausta; ao participarem-lhe a abolição da escravidão e saber-se livre, chorou e afirmou desejar lá permanecer, com seus já então ex-senhores. Foi inumada no Campo Triste, cemitério dos Virmond²⁸.

Foi notícia, em 5 de dezembro de 1878, na folha *Dezenove de Dezembro*, o desembarque, naquele dia, em Paranaguá, do vapor Canova, originário do Rio de Janeiro, de alguns cidadãos, dentre quem Arthur Supplicity, então com 12 anos de idade.



Dezenove de Dezembro, de 5.XII.1878.

²⁷ Margarida Bornschein-Krisch Langer (nasceu em Joinville, em 1891) foi proprietária da Casa Margarida, de fios, novelos, telas de bordados e bordados, em que teve por funcionária Irmgard Schwaner Biscaia (Mausi), mulher de Luís Castellano Biscaia, irmão de Josefina Maria Castellano Biscaia, mulher de Luiz Avelino Paquet de Lacerda, bisneto de Arthur Virmond Supplicity. Margarida vendeu a Casa Margarida para Irmgard, que a manteve por décadas. — Sobre Margarida Langer e a casa de repouso que manteve, na Lapa: *Lapinha – a natureza da Lapa*, de João José Bigarella, Oldemar Blasi e Dieter Brepohl.

²⁸ Na tumba de Duca Lacerda e sua mulher Alice Supplicity de Lacerda jazem seus ex-escravos, chamados (em família) tio Leonardo e tia Carlota. Outros escravos (ou ex-escravos), de outros senhores, foram tumulados nas tumbas das famílias destes, a exemplo da sepultura da família de João dos Santos Biscaia, em Curitiba, em que jazem a ex-escrava Agostinha dos Santos (chamada negra Agostinha, sem que o adjetivo fosse depreciativo; ao invés) e sua filha Benedita dos Santos (filha de João dos Santos Biscaia, o velho). De há muito pôs-se placa nomeadora de Leonardo e Carlota; cerca de 1990, Arthur Virmond de Lacerda Neto pôs placa que nomeia Agostinha e Benedita.

Em 14 de fevereiro de 1882, Arthur foi nomeado alferes da 1ª companhia da Guarda Nacional²⁹; foi promovido para tenente da 1ª companhia do 2º corpo de cavalaria da Guarda Nacional (e não da 7ª companhia do 1º batalhão da reserva nem do 1º corpo de cavalaria como, equivocadamente, constou no ato de 19 de setembro de 1882)³⁰.

Despacho do presidente do Paraná, de 22 de maio de 1883, em petição de Arthur Suplicy: “Como requer”³¹.

ALUGA-SE pro ima a cidade da Lapa pouco mais de um kilometro, uma chacara com boa casa de morada, grande quintal e mata, propria para moradia de uma familia; quem quizer entenda-se com Arthur Suplicy na Lapa, e para informaçao em Curityba o Sr. tenente coronel Eugenio Virmond. (3.

Dezenove de Dezembro, de 16, 20 e 27 de junho e 4 de julho de 1883.

Em 1885, foi promovido de tenente para capitão do 13º corpo de cavalaria, em fevereiro de 1885³².

Arthur desposou a sua prima Eugênia Francisca Rebelo Virmond (1866 — 1923), em 8 de setembro de 1886, o que foi objeto de notinha no *Dezenove de Dezembro*:

“CONSORCIO

Na cidade da Lapa realizou-se no dia 8 do corrente o casamento do Sr. Arthur Suplicy com a Exma. Sra. D. Eugenia Francisca Virmond Suplicy.

Cordialmente agradecemos a participação que se dignaram de enviar-nos, felicitamos os noivos e suas Exmas. familias”.³³

Aos 14 de julho de 1890, vários comerciantes da Lapa missivaram ao vice-governador do Paraná, em exercício, Joaquim Monteiro de Carvalho e Silva:

“O commercio da Lapa vem dar parabens ao energico e illustrado Governador, pela judiciousa e mui acertada creação das barreiras na zona que separa este Estado do de Santa Catharina. Esta medida, que foi recebida com grande aceitação e jubilo, trará indubitavelmente, como consequencia o augmento de mais um terço sobre as rendas deste Estado, que tem sido victimado pelo de S. Catharina que, sempre insaciavel, procura com grande damno do Paraná, estender o seu territorio. Releva notar que emquanto o Rio Negro e Lapa definhão, a olhos vistos, S. Bento, que é o vampirio deste Estado, floresce e locupleta-se á custa delle quando (*sic*) é sabido que o chão sobre o qual demora a colonia de S. Bento foi medido á expensas do Paraná.

É preciso, em bem do Commercio e dos mais vitaes interesses deste Estado, que V. Ex. mantenha, com toda a energia, o seu acto tão louvado e de incontestada justiça.

Uma outra providencia, que deve produzir beneficos resultados, é a da collocação de um homem que alliando a seriedade ao prestigio, saiba no Rio-Negro, fazer-se respeitado pelos nossos irriquietos vizinhos que não cessão de perturbar-nos com os seus sonhos que os levão a pensar que o Paraná deve ser partilhado entre elles. Saude e fraternidade.

Lapa, 14 de Julho de 1890

José Lacerda & Irmãos, Manuel José Correia Lacerda, Joaquim Rezende C. Lacerda, Americo Pereira Rezende, João José Correia de Lacerda, Manuel Correia de Lacerda, Manuel Rodrigues Pereira Pinto por Loyola & Rebello, Manuel Rodrigues Pereira Pinto [por] Braga & Filho, A. Braga & C^a, Guilherme da Silva Braga, Olympio Westphalen, Julio Vieira Neves, José Maria Sarmiento de Senna, João Antonio Martins, Viuva

²⁹ *Dezenove de Dezembro*, de 15 e 25 de fevereiro de 1882.

³⁰ *Dezenove de Dezembro* de 20 de setembro e 2 de dezembro de 1882.

³¹ *Dezenove de Dezembro*, de 9 de junho de 1883.

³² *Dezenove de Dezembro*, de 26 de fevereiro de 1885.

³³ *Dezenove de Dezembro*, de 15 de setembro de 1886.

Barbosa, Antonio Tavares de Miranda, Jorge de Oliveira Vargas, Germano Ehlke, João Pacheco dos Santos Lima, Victorino Alves dos Santos, Francisco de Paula Xavier, Eufrasio Siqueira Côrtes Filho, A. Monteiro, João Maximiano de Faria, João Rodrigues da Silva, Antonio de Siqueira Côrtes, Manuel Eufrazio de S. Côrtes, Benedicto Theresio de Carvalho, Arthur Suplicy, Miguel José Correia, João Manuel da Silva Braga, Antonio Braga de Carvalho.”³⁴

³⁴ *A Republica*, de 18 de julho de 1890. José Lacerda (Lero) era filho de Joaquim Resende Correia de Lacerda (Quinco); Manuel José Correia de Lacerda (Duca) e João José Correia de Lacerda eram irmãos deste; Manuel Rodrigues Pereira Pinto era marido de Rita Joaquina Correia de Lacerda, irmã de Joaquim, Manuel José e João José. Manuel Correia de Lacerda (Lacerdinha) era marido de Maria Rita Correia de Lacerda, irmão de Rita, Joaquim, Manuel José e João José.

A REPUBLICA

BOLETIM

Distribuímos hontem á noite o seguinte:

«Rio, 17 de Junho de 1890.
Ao Governador do Paraná.

A vista do vosso telegramma, podem subsistir as agencias fiscaes creadas para cobrança imposto sobre o mate, uma vez que, segundo affirmaes, não são em territorio contestado—MINISTRO DO INTERIOR.»

—————

Questão de barreiras

Ao illustrado cidadão governador do Estado dirigiram distinctos commerciantes da Lapa a seguinte mensagem:

O commercio da Lapa vem dar parabens ao energico e illustrado Governador, pela judiciosa e mui acertada creação das barreiras na zona que separa este Estado do de Santa Catharina. Esta medida, que foi recebida com grande acceitação e jubilo, trará indubitavelmente, como consequencia o augmento de mais um terço sobre as rendas deste Estado, que tem sido victimado pelo de S. Catharina que, sempre insaciavel, procura com grande damno do Paraná, estender o seu territorio. Releva notar que emquanto o Rio Negro e Lapa definhão, aolhos vistos, S. Bento, que é o vampirio deste Estado, floresce e lo-cupleta-se á custa delle quando é sabido que o chão sobre o qual demora a colonia de S. Bento, foi medido á expensas do Paraná.

E' preciso, em bem do Commercio e dos mais vitales interesses deste Estado, que V. Ex. mantenha, com toda a energia, o seu acto tão louvado e de incontestada justiça.

Uma outra providencia, que deve produzir beneficos resultados, é a da collocação de um homem que alliando a seriedade ao prestigio, saiba no Rio-Negro, fazer-se respeitado pelos nossos irrequietos visinhos que não cessão de perturbar-nos com os seus sonhos que os levão a pensar que o Paraná deve ser partilhado entre elles.

Saude e fraternidade.
Lapa, 14 de Julho de 1890
José Lacerda & Irmãos,
Manoel José Correia Lacerda, Joaquim Rezende C. de Lacerda, Americo

veira Vargas, Germano Ehke, João Pacheco dos Santos Lima, Victorino Alves dos Santos, Francisco de Paula Xavier, Eufrazio Siqueira Côrtes Filho, A. Monteiro, João Maximiano de Faria, João Rodrigues da Silva, Antonio de Siqueira Côrtes, Manoel Eufrazio de S. Côrtes, Benedicto Theresio de Carvalho, Arthur Supley, Miguel José Correia, João Manoel da Silva Braga, Antonio Braga de Carvalho.

O *Diario Official* confirma o consta que demos de ter sido nomeado o dr. Francisco Ilaciano Teixeira para o cargo de juiz de direito do Tibagy.

Os nossos parabens ao distincto cidadão.

—————

Licenças

Por acto de 10 do corrente o Governo do Estado concedeu 3 mezes de licença ao Sr. Francisco Peixoto de Lacerda Werneck, Juiz Municipal e de Orphãos do termo de Guarapuava.

Por acto de 15 foram concedidos 45 dias de licença ao cidadão João Manoel Ribeiro Vianna, presidente da Intendencia de Antonina para tratar de seus interesses fora deste Estado.

—————

Paranaguá

Sob proposta do dr. Chefe de policia foi nomeado para o cargo de subdelegado de Policia de Paranaguá o cidadão Pedro Alves de Paula em substituição ao cidadão João Bernardino Carneiro que pediu exoneração.

—————

Todas as familias devem ler em suas casas a
TYPOLINA, Brasileira.
Pharmacia-Filla.

Superintendencia do ensino

Sob proposta do dr. superintendente geral do ensino foram feitas as seguintes nomeações:

Para a cadeira promiscua de Paranaguá, d. Maria Clara Parigot;

Para 2ª cadeira promiscua da capital, D. Emilia Guimarães, removida da villa de Glycerio;

Para a desta foi removida a da villa de Bocayuva, d. Priscilliana da Costa Abreu;

Para a cadeira da villa de Bocayuva, foi nomeada d. Mathilde Machado.

—————

TELEGRAMMAS

Guarda Nacional

Por Decreto de 2 do corrente, foram nomeados para a Guarda Nacional da comarca de Guaraçuvaçu, — Tenente-Coronel chefe do estado maior, Elias de Siqueira. — Comarca de Campo Largo — Tenente-Coronel chefe do estado maior do commando Superior, o capitão José Olintho Mendes de Sá.

Comarca da Lapa — Tenente-coronel chefe do estado maior do commando Superior, Arthur Suplicy;

Majores ajudantes de ordens: José Menandro Barreto e Procopio Ferreira da Silva; capitão secretario geral, José Maria Sarmiento de Senna.

A Republica, 19. 8. 1892.

Junta Commercial

Foram registrados de 1 a 15 do corrente os seguintes:

Contractos sociaes.

De Eleuterio Moreira de Freitas e Manoel Pereira de Souza, cidadão brasileiros, para a compra e venda á varejo e por atacado, de fazendas, armarinho, ferragens e molhados, nesta cidade com o capital de rs. 22:000\$ e prazo de 3 annos, sob a firma de Moreira & Souza.

— De Arthur Suplicy e Florencio Munhoz da Rocha, cidadãos brasileiros, para a compra e venda, nesta cidade, de herva-mate e outros artigos concernentes á este ramo de negocio, com o capital de rs. 14:000\$ e praso de 5 annos, e sob a firma Suplicy & Rocha.

A Republica, 17. 12.1892.

Relação dos exportadores no mez

Guilherme X. Miranda	167.673
Comp. Internac. de mate	631.122
M. Miró Junior & Comp.	146.880
Guimarães & Comp.	108.911
José R. Macedo & Irmão	96.606
José Secundino d'Oliveira	74.854
Barão do Serro Azul	69.718
Suplicy & Rocha	54.839
Virmond & Santos	43.472
José Célestino & Filho	24.115
Z. Paula & Macedo	17.773
Alvaro Nobrega	14.786
Ks.	1.447.749

A Republica, 14.3.1893.

Secretaria de Finanças

ACTO

Dia 22

O 1º Vice Governador do Estado do Paraná, attendendo ao que lhe representou o Secretario de Finanças, Commercio e Industrias, sobre a proposta feita pelo Chefe da 2ª seção da respectiva Secretaria, do cidadão Arthur Suplicy, para substituí-lo durante seu impedimento, e tendo em vista o Dec. nº. 27 de hoje datado, resolve approvar a mencionada proposta nos termos do citado Decreto.

— Palacio do Governo do Estado do Paraná, em 22 de Junho de 1893.

5ª da Republica.

Vicente Machado.

Jeronymo P. Cabral do Amaral.

A Republica, de 4 de julho de 1893.

A' Praça

Os abaixo assignados participão a seus amigos e freguezes, que de commum accordo nesta data, abrirão a sociedade que entre si giron sob a Firma — Suplicy & Rocha, retirando-se o socio Arthur Suplicy pago e satisfeito de seu capital e lucros, ficando o socio Florencio M. da Rocha, com o activo e passivo da mesma.

Carityba 2 de Março de 1895.

Arthur Suplicy.

Florencia M. da Rocha.

A Republica, de 7 de março de 1895.

O contrato social de Suplicy e Rocha registrado na Junta de Comércio do Paraná, em 12 de dezembro de 1892, com firma de compra e venda de erva mate; era proprietário das marcas de erva mate Isaura, F. M. Rocha, Bernardino, Florêncio, Ipiranga, todas registradas na dita Junta, em 22 de dezembro de 1892³⁵.

Da firma Suplicy & Rocha, Arthur retirou-se com capital e lucros na quantia de 42.670\$000³⁶.

³⁵ O Comércio no Paraná, de José Luiz de Carvalho e Aimoré Arantes.

³⁶ A Republica, de 10 de abril de 1895.

A' praça
 Os abaixo assignados, declararam á praça e ao commercio em geral, que, á partir de 1.º do corrente, organisaram uma sociedade commercial, sob a firma de Fonseca & C., em successão á me'mo firma á praça Tiradentes n. 1, para

egual ramo de negocio da sua antecessora.

Curitiba, 4 de Julho de 1895,

Pedro Fonseca.

Arthur Suplicy.

Luiz de Freitas Saldanha.

A' praça

O abaixo assignado, unico proprietario do estabelecimento commercial que n'esta praça gyrou sob a razão de Fonseca & C^ª. declara á praça e ao commercio em geral, que a partir de 1.º do corrente entrou esta em liquidação, ficando á seu cargo o activo e passivo, e, que, n'essa mesma data formou com os srs. Arthur Suplicy e Luiz de Freitas Saldanha, uma sociedade sob a mesma firma de Fonseca & C^ª, para o commercio de fazendas, molhados, roupas, feragens, armarinho, etc. á praça Tiradentes n. 1.

Espera que seus amigos e fregueses, dispensarão a nova firma a mesma protecção dispensada a sua antecessora.

Curitiba, 4 de Julho de 1895.

Pedro Fonseca.

A Republica, 5, 7, 10, 11, 12 de julho de 1895.

Em 31 de agosto de 1895, em *A Republica* publicou-se convite em que Arthur Suplicy, Pedro Fonseca e Luís Saldanha convidavam para a missa de sétimo dia por óbito de Alexandre Martins Fernandes e Mariana de Oliveira Fernandes. Datada de 30 de agosto, a comunicação omitiu a data da missa.

A praça
 Os abaixo assignados communicão ao commercio em geral que têm dissolvido nesta data a sociedade que gyrou nesta praça sob a razão de Fonseca & C., retirando-se os socios Arthur Suplicy e Luiz de Freitas Saldanha, pagos e satisfeitos de seus capitães e lucros ficando a cargo do socio Pedro Fonseca todo o activo e passivo da referida sociedade.
 Curitiba, 30 de Junho de 1896.
Pedro Fonseca.
Arthur Suplicy.
Luiz de Freitas Saldanha.

A Republica, de 16 e de 23 de julho de 1896.

Havia na Lapa um veterano das guerras napoleônicas, Guilherme Scharnweber, nascido em 1º de janeiro de 1789, em Bernstadt (Hanover) e cujos cem anos celebrou-se (em 1º de janeiro de 1889) com a presença, em sua casa, de comissão de vinte hanoverianos e cidadãos da Lapa: o conselheiro Alves de Araújo, Eduardo Virmond e sua família, Arthur Virmond Suplicy, o acadêmico Hipólito P. Alves de Araújo e outros. O alemão F. Etzel proferiu discurso, que leu, após haverem coroado o nataliciante com grinalda de folhas verdes entrançadas com fitas largas com as cores da bandeira alemã. Ele faleceu dez meses depois, em 13 de outubro de 1889³⁷.

Na Revolução Federalista, as tropas maragatas instalaram-se no sítio Roseira³⁸, antes de ela pertencer a Arthur.

Durante o cerco da Lapa, houve duas tentativas de parlamentar com o então coronel Carneiro, por iniciativa dos sitiados. Ambas ocorreram em 22 de janeiro: na primeira, o tenente Chiquet foi acolitado por dois civis; na segunda, apresentaram-se José Fernandes Loureiro (José Nabo) e Arthur Lillington Balster. Assim David Carneiro refere a composição das duas deputações no seu *O cerco da Lapa e seus heróis*³⁹; posteriormente, em *Gomes Carneiro e a consolidação da república*⁴⁰, identifica três parlamentários na segunda junta: José Fernandes Loureiro (vulgo Zé Nabo), Arthur Lillington Balster e Arthur Virmond Suplicy.

No primeiro daqueles livros, em 1933, omitiu o nome de Arthur Suplicy e no segundo, nos anos 1980, incluiu-o⁴¹.

Em *Florianópolis, memórias e documentos*⁴², David Carneiro informa ter havido três deputações de parlamentários, todas no dia 22 de janeiro e compostas, respectivamente: por três homens, de manhã; um homem (tenente José Schiattitela Chiquet⁴³); representantes, em número que não precisa e cujos nomes omite. Assim, houve pelo menos seis parlamentários, de que Arthur Suplicy era um.

O *Diário do Commercio* de 25 de janeiro de 1894 elucida o ponto: sob o título *Os parlamentários na Lapa*, informa:

Acerca deste assumpto, a que hontem já nos referimos, temos mais os seguintes pormenores.

Repellido à bala o primeiro enviado, portador da mensagem do General Piragibe, um outro foi enviado por parte do Coronel Pimentel, ex-commandante das forças que capitularam em Tijucas.

Nessa ocasião o Sr. General Piragibe mandou romper logo em toda a linha, o qual se prolongou das 9 às 2 horas da tarde.

O segundo enviado, como o primeiro, nada pôde conseguir.

Compareceu enfim, no logar tendo-se offerecido espontanea e humanitariamente para parlamentar com os resistentes uma comissão do Commercio desta praça, a qual tantas provas de abnegação e patriotismo tem dado, nestes momentos de graves dificuldades.

Essa comissão compunha-se dos prestantes cidadãos — Manuel Cunha, Arthur L. Balster, Sebastião Lobo, Guilherme Verran, José Fernandes Loureiro, Augusto Roderjan e Arthur Suplicy.

³⁷ *Dezenove de Dezembro*, de 17 de outubro de 1889.

³⁸ José Bernardino Bormann, *Dias Fratricidas*, volume II, página 24.

³⁹ David Carneiro, *O cerco da Lapa e seus heróis*, páginas 104 e 105. Biblioteca do Exército Editora, 1991.

⁴⁰ Página 104. David Carneiro, *Gomes Carneiro e a consolidação da república*, Curitiba, 198[?].

⁴¹ Felipe Maria Wolf não identifica nenhum dos deputados (Francisco Brito de Lacerda, *Cerco da Lapa*. Diário do Dr. Fillipe Maria Wolf. *Boletim do Instituto Histórico Paranaense*, volume XX, 1974, página 29); José Bernardino Bormann, *Dias Fratricidas*, volume II, páginas 24 e 25.

O nome de Arthur seu nome não figura no rol de maragatos elaborado a mando do general Francisco Raimundo Ewerton Quadros, in *Florianópolis. Memórias e documentos*, volume VI, 1968.

⁴² Fábio Luz e David Carneiro, *Florianópolis. Memórias e documentos*, volume VI, 1968, página 107, nota.

⁴³ O nome José Schiattitela na parte do general Antonio Carlos da Silva Piragibe, in *Diário do Commercio*, de 16 de fevereiro de 1894.

O Sr. General Gumercindo julgou mais conveniente mandar uma só pessoa, e encarregou o Sr. Arthur Balster de se entender com os commandantes da praça fortificada, oferecendo-lhes a seguinte proposta: - garantia de vida para todos os rendidos.

O Sr. Arthur Balster expoz em voz alta aos commandantes, officiaes e praças, q` o rodearam em grande numero – a situação dos negocios, offerecendo a proposta de garantias, de que foi portador.

Infelizmente, porem, ainda desta vez foram baldados os esforços do digno cidadão.

Apoz essa conferencia, como o Sr. Arthur Balster tivesse entregue um cartão do Sr. Loureiro ao Coronel Lacerda, este mandou um emissario ao acampamento dos revolucionários, convidando o mesmo Sr. Loureiro para uma entrevista.

O Sr. General Gumercindo instou por uma nova conferencia.

Se incumbiram de fallar pela comissão os Srs. Balster e Jose Fernandes Loureiro, que foram acompanhados pelos demais membros até as proximidades das trincheiras.

Mal puderam se entender com os resistentes. De ordem do General Gumercindo declararam aos commandantes, que, em ultimo caso, retirassem as famílias, porque ele, general, queria guerrear homens, e não mulheres e crianças !

As pressas puderam os emissarios se retirar, porque não se julgavão seguros.

Quando vinham de retirada em sua direcção e proximidades choviam as lanternetas.

A commissão de commercio merece, pois, louvores, porque, com risco da propria vida, empregou até o ultimo recurso para evitar uma hecatombe, na visinha e prospera cidade da Lapa.

Os parlamentarios, na Lapa

Acerca deste assumpto, a que hontem já nos referimos, temos mais os seguintes pormenores.

Repellido á balla o primeiro enviado, portador da mensagem do General Piragibe, um outro foi enviado por parte do Coronel Pimentel, ex-commandante das forças que capitularam em Tiju-cas.

Nessa occasião o Sr. General Piragibe mandou romper fogo em toda a linha, o qual se prolongou das 9 as 2 horas da tarde.

O segundo enviado, como o primeiro, nada pôde conseguir.

Compareceu emfim, no lugar tendo-se offerecido espontanea e humanitariamente para parlamentar com os resistentes uma commissão do Commercio desta praça, a qual tantas provas de abnegação e patriotismo tem dado, nestes momentos de graves difficuldades.

Essa commissão compunha-se dos prestantes cidadãos—Mannoel Cunha, Arthur L. Balster, Sebastião Lobo, Guilherme Ver-ran, José Fernandes Loureiro, Augusto Koderjan e Arthur

Supplicy.

O Sr. General Gumerçindo julgou mais conveniente mandar um a só p e s s o a, e encarregou o Sr. Arthur Balster de se entender com os commandantes da praça fortificada, offerecendo-lhes a seguinte proposta:—garantia de vida para todos os rendidos.

O Sr. Arthur Balster expoz em voz alta aos commandantes, officiaes e praças, q u e rodearam em grande número—i s t u a n o s dos negocios, offerecendo a proposta de garantias, de que foi portador.

Infelizmente, porém, ainda desta vez foram baldados os esforços do digno cidadão.

Apoz essa conferencia, como o Sr. Arthur Balster tivesse entregue um cartão do Sr. Loureiro ao Coronel Lacerda, este mandou um emissario ao acampamento dos revolucionarios, convidando o mesmo Sr. Loureiro para uma entrevista.

O Sr. General Gumerçindo instou por uma nova conferencia.

Se incumbiram de fallar pela commissão os Srs. Balster e José Fernandes Loureiro, que foram acompanhados pelos demais membros até as proximidades das trincheiras.

Mal puderam se entender com os resistentes. De ordem do General Gumerçindo declararam aos commandantes, que, em ultimo caso, retirassem as familias, porque elle, general, queria guerrear homens, e não mulhere- e crianças!

As pressas puderam os emissarios se retirar, porque não se julgavão seguros.

Quando vinham de retirada em sua direcção e proximidades choviam as lanternetas.

A commissão do commercio merece, pois, louvores, porque, com risco da propria vida, empregou até o ultimo recurso para evitar uma hecatombe, na vizinha e prospera cidade da Lapa.

À vista desta participação no campo federalista, é compreensível fosse Arthur visado pelo governo, uma vez reposta a legalidade no Paraná, em maio de 1894: foi detido (como dezenas de outros federalistas) no teatro São Teodoro, em Curitiba; capturaram-no em seu engenho de erva mate (onde posteriormente existiu a lancheria Kharina, na av. Benjamin Lins, esquina com a rua Buenos Aires). Sua irmã, Alice Suplicy de Lacerda, andava nervosíssima por causa de sua detenção; pranteava-se, na incerteza do que lhe poderia sobrevir e insistiu com seu marido, Manuel José Correa de Lacerda (Duca de alcunha), para que este interviesse em prol da soltura de Arthur; Manuel obteve-a, às duas horas da madrugada, em intervenção em que ameaçou Joaquim Freire (secretário do distrito militar) à mão armada, em 19 de maio de 1894, véspera do assassinio do Barão do Serro Azul e seus companheiros de desdita. É possível que houvesse sido morto com eles, consoante voz na família⁴⁴. Uma vez solto, Arthur permaneceu por três meses (de maio a agosto) oculto no morro do monge, na Lapa, onde suas filhas levavam-lhe mantimentos, até serenar o estado de coisas no Paraná e já não correr riscos⁴⁵.

Manuel José Corrêa de Lacerda e Arthur “não quadravam bem um com o outro”, por efeito das respectivas opiniões políticas: aquele era pica-pau (os Lacerdas eram-no) e chamava a Arthur “maragatão”, e “maragata” a sua esposa, Eugênia Francisca de Andrade Virmond.

O romance *Rastros de sangue*, de David Carneiro, narra a soltura de Arthur:

“Lacerda disse então a Joaquim Freire:

— O General [Ewerton Quadros] disse-me que lhe pedisse a ordem de soltura para meu cunhado.

— Qual o nome ?

— Artur Suplicy. E enquanto Freire escrevia a ordem [...]”⁴⁶

Em julho de 1894, conquanto já várias casas da Lapa estivessem caiadas de novo, ela ainda apresentava aspecto desolador. “No cemitério, na chácara Suplicy e [em] outros lugares ainda sente-se arrepios de horror ante os vestígios de tanta crueldade” (*A Republica*, de 9 de junho de 1894). Chácara Suplicy não era a fazenda Roseira, que posteriormente pertenceu a Arthur, onde ele residiu por anos a fio.

Era autoritário com crianças e seco, com todos. Ele e seu cunhado Manuel José Correa de Lacerda (Duca) “não quadravam bem por causa de política”: um era pica-pau e maragato o outro; Duca chamava-o de “maragatão” e de “maragata” sua mulher (Eugênia Francisca Virmond)⁴⁷.

⁴⁴ Informação de Marília de Lacerda Carneiro, para o autor, na presença de seu marido, o historiador David Carneiro (que não a objetou).

⁴⁵ Depoimento de Ricardo da Costa Suplicy, neto de Arthur, para a prisão, a soltura, a intervenção à mão armada; dele e de Marília Lacerda Carneiro para o ocultamento no morro do Monge.

O livro *O solar do barão*, de Otávio Secundino Júnior, traz encarte com relação parcial de maragatos que tomaram parte na Revolução Federalista, no Paraná; ela omite o nome de Arthur Virmond Suplicy; menciona os de Eugênio Ernesto de Andrade Virmond (filho de Frederico Guilherme Virmond e de sua mulher) e de Frederico Ernesto Virmond (filho de Frederico Guilherme Virmond, o moço). O volume VI de *Florianópolis. Memórias e documentos* traz a lista completa, igualmente sem o nome de Arthur.

⁴⁶ David Carneiro, *Rastros de sangue*, capítulo XVIII (*Joaquim Freire — A soltura*, p. 204). Ficcionalmente, Manuel José faz-se acompanhar da personagem Júlia, para cujo noivo, Carlos Antonio Balster, também alcança ordem de relaxamento de prisão (p. 205).

⁴⁷ Para este parágrafo: depoimento de Marília de Lacerda Carneiro, que chamava Arthur de “titio”. Era-lhe o único tio materno.



Gazeta do Povo, 15 de janeiro de 1900.

Maçom, foi eleito venerável da loja da Lapa, em 1900 e reeleito em 1901. Ao tempo, achava-se no grau 30⁴⁸. Também era ateu; seus filhos e filhas não foram batizados em criança (sua filha Isaura foi batizada adulta, para poder casar-se na igreja católica e o mesmo ter-se-á passado com seus manos.)⁴⁹.



Eugênia Virmond Suplicy e Arthur Virmond Suplicy.

Viagem de Arthur, da Lapa para Curitiba, em 1901, foi objeto de notinha no *Diário da Tarde*, publicado na segunda: “Vindo da cidade da Lapa acha-se n’esta capital o sr. Arthur Suplicy.”⁵⁰

Em 1903 a prefeitura de Curitiba licitou o fornecimento de carne verde, ao que acudiram três concorrentes, dentre eles Arthur, que propôs fornecer carne aos açougueiros e carne verde, por 400 réis o quilo e por 450 ou 500 à retalho⁵¹.

⁴⁸ Hamilton F. Sampaio Júnior, *Entre o Compasso e o Esquadro*, Curitiba, 2019, p. 116.

⁴⁹ Testemunho de Ricardo Costa Suplicy para Arthur Virmond de Lacerda Neto.

⁵⁰ *Diário da Tarde*, de 15 de agosto de 1901.

⁵¹ *A Republica e Diario da Tarde*, ambos de 11 de dezembro de 1903, com discrepância no preço: 500 no primeiro e 450 no segundo.

CARNE VERDE.
 Propostas apresentadas para o fornecimento de carne verde :
 Lino de Souza Ferreira, contracto por 4 annos, carne aos açougueiros a 340 rs. o kilo e a retalho 460.
 —Dr. Jorge H. Meyer, contracto por 4 annos, carne aos açougueiros a 345 rs. o kilo e a retalho a 500.
 —Ernesto de Campos Lima, contracto por 1 anno, carne aos açougueiros a 350 rs. o kilo e a retalho a 500.
 —Arthur Suplicy, contracto por 4 annos, carne aos açougueiros a 400 rs. o kilo e a retalho a 500.
 Todos os proponentes se obrigam a pagar a condução da carne do matadouro para os açougues.
 O sr. prefeito vae estudar as propostas para fazer a devida classificação, mas não lavrará contracto sem que a Camara Municipal pronuncie se sobre a mensagem que a respeito do assumpto opportunamente lhe enviará.

A Republica, de 11 de dezembro de 1903.

Arthur Suplicy propôs fornecer carne verde a Curitiba, em 1904⁵².

Em 1904 realizou-se, em S. Luís (EUA), exposição de produtos brasileiros, de que Arthur Suplicy recebeu medalha de bronze por produtos farináceos e seus derivados⁵³.

O dr. João Candido da Oliveira e Arthur Suplicy fizeram o importante donativo da quantia de 50\$000 à Sociedade Estadual de Agricultura do Estado.
 Digno dos mais fervorosos encomios é este exemplo patriótico que vem de dar esses nossos dois conterraneos e certo estamos, servirá de incentivo aos demais amigos desta terra que desejam o seu progresso e felicidade.

A Republica, de 11 de agosto de 1902.

Em sua sessão de 14 de janeiro de 1909, a Junta Comercial do Paraná aprovou o registro do contrato social de Rebelo & Suplicy, integrado por Arthur e por João Tobias Pinto Rebelo, para exploração de madeira, com capital de 50 contos⁵⁴.

O nome de Arthur figurou no *Almanak Laemert* por sucessivos anos e a diversos títulos: em 1910, era camarista na Lapa e possuía engenho de serra, nomeado Rebelo & Suplicy; era fazendeiro e criador⁵⁵. Em 1911, consta como camarista na Lapa e nos tópicos “Engenho de serra” (como Rebelo & Suplicy), agricultor e lavrador, e criador⁵⁶; em 1913 era camarista na Lapa, possuía engenho de serra (Rebelo & Suplicy), constava como agricultor e lavrador⁵⁷; em 1914 era camarista na Lapa, sócio de Rebelo & Suplicy, era agricultor, lavrador, criador⁵⁸; em 1915 figura como camarista na Lapa, criador, capitalista, dono do engenho de serra Suplicy & Cia⁵⁹. Em 1916 consta como presidente da câmara na Lapa, era criador e capitalista⁶⁰; em 1917, 1918, 1919 era prefeito

⁵² *Annaes da Camara Municipal de Curitiba*, de 21 de setembro de 1904 a 11 de julho de 1905, p. 46 e 64.

⁵³ *Almanak Laemert* para 1905, pág. 1371; *Diário da Tarde*, de 12.XII.1904.

⁵⁴ *A Republica*, de 22 de janeiro e 19 de fevereiro de 1909.

⁵⁵ *Almanak Laemert* para 1910, pág. 33 e 34. O sócio Rebelo era João Tobias Pinto Rebelo; a companhia formou-se em 1909.

⁵⁶ *Almanak Laemert* para 1911, p. 3472 e 3473.

⁵⁷ *Almanak Laemert* para 1913, p. 3392 e 3393.

⁵⁸ *Almanak Laemert* para 1914, p. 3651 e 3652.

⁵⁹ *Almanak Laemert* para 1915, p. 3521.

⁶⁰ *Almanak Laemert* para 1916, p. 3548.

da Lapa, exportador de gado, agricultor e lavrador, capitalista⁶¹; em 1921, 1922, 1924, 1925, 1926 era camarista na Lapa e presidente de sua câmara municipal, criador, capitalista, agricultor e lavrador⁶².

Na exposição internacional de S. Luís, em 1904, inúmeros fabricantes acorreram com produtos, dentre eles Arthur Suplicy, com amido de mandioca, farinha de milho e de mandioca⁶³. Na edição de 1907 da exposição, ele granjeou medalha de bronze⁶⁴.

⁶¹ *Almanak Laemert* para 1917 e 1918, pp. 3331 e 3332 em ambos; para 1919, pp. 3330 e 3331.

⁶² *Almanak Laemert* para 1921 e 1922, pp. 4585 e 4586, para ambos; para 1924, pp. 4820 e 4821; para 1925 e 1926, pp. 619 e 620, para ambos.

⁶³ *A Republica*, de 30 de janeiro de 1904.

⁶⁴ *A Republica*, de 14 de agosto e 11 de setembro de 1907.

ria.»

CARNE VERDE
O trust

Conforme noticiamos ha dias, a maioria dos açougueiros desta capital organisou um *trust* para exploração do commercio de carne verde.

Os principaes organisadores do *trust* são os srs.: Augusto Loureiro, que arrendou o matadouro ao mesmo *trust*, Augusto Braz Braga, França Müller, Durval Ferreira, Julio Garmatter, Arthur Suplicy, Carlos Wagner, Hoffmann, Dante Galassi e outros.

Cada membro entrou para a formação do *trust* com o capital de 1.000\$ a 10.000\$ no maximo.

Sabemos que apenas 2 ou tres magarefes não fazem parte do *trust*.

Como soe acontecer com organização de sociedade dessa natureza, o *trust* já começou a dar seus maleficos fructos. Hoje foi elevado o preço da carne verde, de 500 a 600 reis o kilo.

Considerando-se que o Paraná é um Estado creador, já o preço de 500 reis era exagerado, principalmente na estação actual em que o valor do gado soffre redução.

O augmento de preço estabelecido pelo *trust* leza profundamente a população curitybana, que não pôde estar á mercê de taes arranjos mercantis.

Tratando-se de um facto de ordem social, como seja o fornecimento de carne verde, genero de primeira necessidade, é justo que os poderes competentes intervenham no sentido de não serem prejudicados os interesses da collectividade.

E julgamos essa intervenção legitima, porquanto os monopolios ferem disposições constitucionaes que protegem o livre commercio.

Quando assim não fosse, o interesse colectivo ampararia qualquer medida cohibitiva de semelhantes monopolios, que vexam principalmente as classes desprotegidas.

tro
38
qu
dia
ali
nis
vei
lá
á
D.
I
tor
qu
N
—
tel
1.
So
tes
es
ria
tel
1.
Sc
be
eli
m
ex
mi
rio
Lu
Lu
—
cei
gu
to
rei
gi
rei
qu
pe
sol
En
Go
Gu
—
ger
Ba
Ne
do

Diário da Tarde, 20.I.1905.

Em 1905, Arthur propôs à prefeitura de Curitiba fornecer carne verde ao município; sua proposta foi remetida pela prefeitura à câmara municipal e por essa recebida em 7 de outubro daquele ano e na mesma data remetida à comissão de legislação e justiça. Em 28 foi aprovado o parecer respectivo⁶⁵.

Para as eleições de 1908, a chapa da Coligação Republicana concorreu, na Lapa, com Arthur Suplicy, então tenente-coronel, para camarista⁶⁶; foi eleito⁶⁷.

Havia, no ministério da Agricultura, livro de registro de propriedades pastoris e agrícolas, para cuja inscrição, nele, de sua herdade, Arthur pediu instruções (bem como outros interessados), em 1910⁶⁸. No ano seguinte, sete cidadãos da Lapa foram multados por haverem se absterido de comparecer às sessões do júri, cinco deles em oitenta mil réis, relativamente a quatro dias de sessão, dentre quem Arthur Suplicy⁶⁹.

Em 9 de setembro de 1911 inaugurou-se na Lapa a rede de iluminação elétrica, pública e privada: comissão integrada pelo prefeito, Francisco Teixeira da Cunha; por Arthur Suplicy, camarista; por Luís de Albuquerque Maranhão, juiz, que ligou oficialmente a rede, após o que, dirigiram-se à câmara municipal para sessão solene, com a presença do governador do Estado, Afonso Alves de Camargo, a que sucedeu baile no Clube Congresso Recreativo⁷⁰.

Para as eleições para prefeito, camaristas e juízes distritais de 20 de junho de 1912, compôs-se chapa, na Lapa, do Partido Republicano Paranaense. Concorreram como candidatos: a prefeito, o coronel Francisco Teixeira da Cunha; a camaristas, os tenentes-coronéis Arthur Suplicy, João Soares Franco e Eduardo Correia, capitães Joaquim de Paula Ribas e Moisés dos Santos Lima. Como Arthur, eram oficiais da Guarda Nacional⁷¹. A chapa foi eleita⁷².

O óbito, por assassinio, de Jaime Reis (filho de Trajano Reis), em 1912, motivou dezenas de expressões de pesar em Curitiba, dentre eles inúmeros cartões e cartas, de que um de Arthur Suplicy e sua família⁷³.

No mesmo ano, em 12 de julho, constituiu-se a *Sociedade Auxiliadora da Infância*, em Curitiba, destinada a propugnar pela educação física e intelectual da mocidade. Compôs-lhe os quadros o escol da sociedade local, dentre quem, como sócio fundador, Arthur Suplicy⁷⁴. Sem fins comerciais, ela visava a pôr o ensino ao alcance de todos, a montar em Curitiba estabelecimento nos moldes dos existentes na França, Bélgica, Inglaterra, Estados Unidos, Alemanha; a criar escolas primárias gratuitas em Curitiba; a estabelecer cursos práticos de comércio, artes e ofícios; a manter postos de puericultura, a iniciar a educação física e o escotismo⁷⁵.

Arthur, em nome próprio e dos seus, apresentou condolências ao coronel Olivério Cortes Taborda, pelo assassinio (em 27 de setembro de 1913) de seu filho Durval Cortes Taborda⁷⁶.

Foi objeto de notinha em *A Republica* a presença de notabilidades no palácio Rio Branco, sede do legislativo do estado do Paraná, em 1914: Arthur Suplicy, Luís Antonio Xavier, João David Pernetá, Olavo de Matos, Brasilino Moura, Otoni Maciel e outros⁷⁷.

Por edital de 9 de março de 1916, como prefeito da Lapa, Arthur abriu concorrência para a construção de matadouro municipal⁷⁸. Em agosto daquele ano, ele estava em Curitiba, de onde partiu para a Lapa, o que *A Republica* noticiou: “Desta capital, partiram : [...] para a Lapa, o nosso presado amigo coronel Arthur Suplicy,

⁶⁵ *A Republica*, de 28 de novembro de 1904; de 1º de fevereiro de 1905 para a aprovação do parecer.

⁶⁶ *A Notícia*, de 2 de junho de 1908.

⁶⁷ *A Republica*, de 27 e 29 de junho, de 20 de novembro de 1908.

⁶⁸ *A Republica*, de 12 de agosto de 1910.

⁶⁹ *A Republica*, 5 de abril de 1911.

⁷⁰ *A Republica*, de 12 de abril de 1911.

⁷¹ *A Republica*, de 10 de maio de 1912.

⁷² *A Republica*, de 26 de junho de 1912.

⁷³ *A Republica*, de 17 de dezembro de 1912.

⁷⁴ *A Republica*, de 12 de julho de 1913.

⁷⁵ *A Republica*, de 11 de setembro de 1913.

⁷⁶ *A Republica*, de 29 de outubro de 1913.

⁷⁷ *A Republica*, de 3 de agosto de 1914.

⁷⁸ *A Republica*, de 9, 10, 11, 13, 14, 15, 17, 18, 20, 21, 23, 27, 30 de março; 3, 7, 8, 10 de abril de 1916.

prefeito municipal e membro influente do Directorio do nosso partido naquella cidade; [...]”⁷⁹ O partido era o Republicano Paranaense.

No âmbito de seus deveres cívicos, Arthur foi, com outros cidadãos da Lapa, convidado pelo juiz de direito da comarca da Lapa (Luís de Albuquerque Maranhão) para, em 5 de janeiro de 1917, reunirem-se no edifício da câmara municipal daquela cidade para sortearem quatro contribuintes que integrariam a comissão de revisão do alistamento eleitoral. O convite deu-se por edital publicado em gazeta local⁸⁰.

De 12 a 14 de agosto de 1917 reuniu-se, em Curitiba, a Conferência Nacional de Cereais, com abertura na sede do congresso estadual e mostruário dos cereais de todas as zonas agrícolas do Paraná. Houve 77 adesões ou mais, do escol local, dentre elas a de Arthur⁸¹.

Na Lapa, a Associação de Damas de Caridade promoveu a construção e a inauguração de pavilhão do Asilo de S. Vicente de Paula, naquela cidade. Tinha 30 metros de comprimento, 5 quartos, sala de cirurgia, farmácia. Sua inauguração decorreu em 9 de setembro de 1917, com discursos e representações dramatúrgicas; para sua concretização inúmeras pessoas contribuíram com donativos, dentre elas Arthur Suplicy, com 10\$000 (dez mil réis)⁸².

O matrimônio de Olga, filha de Arthur, com Lisandro de Almeida, em Rio Negro, no ano de 1918, foi noticiado pela folha *A Republica*⁸³.



A Republica, de 22 de junho de 1918.

Arthur aderiu à Exposição do Milho, inaugurada em 14 de julho de 1918, em Curitiba, por Afonso Alves de Camargo, presidente do Paraná. À secção de derivados do milho concorreram vários produtores, com 27 especialidades, dentre eles Arthur, com fubá de milho, dito de milho branco, quirera de milho branco, quirera de milho vermelho, farinha de milho branco, canjica de milho branco, canjica de milho vermelho⁸⁴.

Dado o traspasse do dr. Reinaldo Machado, em 1918, seus familiares convidaram, por inserção em gazeta, parentes e amigos para o traslado de seu corpo, por efetuar-se em 3 de agosto, da estação ferroviária para o cemitério municipal; Arthur Suplicy foi um dos autores do convite⁸⁵. Três anos depois, na publicação em que

⁷⁹ *A Republica*, de 9 de agosto de 1916.

⁸⁰ *A Republica*, de 8 de janeiro de 1917. O edital data de 26 de dezembro de 1915; esta publicação é posterior à data da reunião.

⁸¹ *A Republica*, de 6 de agosto de 1917.

⁸² *A Republica*, de 13 de setembro de 1917.

⁸³ *A Republica*, de 22 de junho de 1918.

⁸⁴ *A Republica*, de 27 de junho e 15 de julho de 1918.

⁸⁵ *A Republica*, de 1º e 2 de agosto de 1918. Também convidavam a viúva, filho, irmão, cunhado e sobrinho do finado.

se convidava para missa por óbito da viúva, Maria Isabel Virmond Machado, incluiu-se o nome de Arthur, seu primo e cunhado⁸⁶.

Arthur era presidente da câmara municipal da Lapa em 1915; como tal participou de sessão destinada à eleição dos mesários que funcionariam na eleição de presidente e vice-presidente do Paraná e deputados estaduais, em 7 de novembro daquele ano. Ele recebeu 4 votos para mesário da nona secção (nas dez secções, o máximo de votos que os votados receberam foi 4)⁸⁷. Porque o prefeito da Lapa, Francisco Teixeira da Cunha, falecesse em funções, Arthur substituiu-o, e exercia em 2 de dezembro de 1915, data em que sancionou lei em que a câmara de vereadores autorizava a prefeitura a despender com o funeral do falecido⁸⁸.

Como prefeito, Arthur sancionou leis (do dia 5 de janeiro de 1916), todas em 8 de janeiro de 1916: lei de número 58, que autorizou o prefeito a despender com corte, sarjetas e meio-fio da rua Barão do Rio Branco a quantia necessária; lei de número 59, que autorizou o prefeito a pagar 200\$000 ao secretário da câmara, efeito para o qual poderia criar o respectivo crédito; lei de número 60, que autorizou o prefeito a conceder carta de data para a Sociedade Teuto Brasileira, a fim de que esta edificasse no sesmo que recebesse; lei de número 61, que autorizou o prefeito a prosseguir a instalação do encanamento de água, por mais 320 metros, em direção ao norte, na rua Manuel Pedro; lei de número 62, que elevou a subvenção da Banda Musical 8 de setembro em mais 100\$000, com a obrigação de tocar gratuitamente nas festas municipais, quando convidada para tal pelo prefeito⁸⁹.

Aos 14 de abril de 1916, Arthur sancionou leis de 12 do mesmo mês: a de número 64, que autorizou o prefeito a chamar concorrentes para o calçamento do largo da matriz; a de número 65, autorizou o prefeito a encomendar concertos no bairro Travessa dos Alemães; a de número 66, que autorizou o prefeito a pôr mais lâmpadas de iluminação pública, no Largo das Laranjeiras; a de número 67, que autorizou o prefeito a instalar mais bicas d'água, na rua Manuel Pedro e na rua Santa [...]; a de número 68, que autorizou o prefeito a comprar terreno para instalar o matadouro; a de número 69, que autorizou o prefeito a despender com a construção do matadouro; a de número 72, que autorizou o prefeito a mandar pagar 120\$000 para as comissões nomeadas pela câmara para examinar os fechos nos quarteirões dos Cardosos, S. Miguel e Lagoão⁹⁰.

Em 16 de abril de 1916, Arthur sancionou lei do dia 13 do mesmo mês: a de número lei 73, que concedeu isenção de impostos por dez anos, para engenhos de erva mate⁹¹. Em 25 de julho sancionou leis de 21 do mesmo mês: lei 74, que estabeleceu novas denominações de ruas e praças; lei 75, que autorizou o prefeito a despender mais 900\$000 com expediente; lei 76, que autorizou o prefeito a despender com novas placas onomásticas dos logradouros municipais⁹².

Em 1919, um anônimo da Lapa publicou na folha *O momento* diatribes hostis a Arthur Suplicy e a Eduardo dos Santos Lima, respectivamente prefeito e presidente da câmara daquela cidade, bem assim ao deputado lapaense João da Silva Sampaio.

A acusação versava a aquisição, pela prefeitura, de terras particulares para fixação de lavradores: segundo aquela, estas valeriam menos de 30 contos e haviam sido compradas por 70; os promotores da compra haviam recebido luvas; a compra efetuara-se à razão de 90\$000 (noventa mil réis) o alqueire e seguiu-se-lhe revenda, a Arthur, de 300 alqueires, por 40\$000 cada um.

Matéria de *A Republica* elucidou os fatos, com documentos: a) Arthur comprara, em 10 de junho de 1916, terras vizinhas às objeto das aleivosias e que haviam sido negociadas em 20 de setembro de 1916: eram 48 alqueires de campo, capoeiras e mato na paragem denominada Boa Vista, nos quarteirões São Bento e Faxinal

⁸⁶ *A Republica*, de 17 e 18 de agosto de 1921. Primo, pois ele era filho de Maria Luísa Virmond Suplicy, irmã de Eduardo Alberto de Andrade Virmond, pai de Maria Isabel; cunhado pois ele desposara Eugênia Francisca, irmã da mesma Maria Isabel.

⁸⁷ *A Republica*, de 9 de outubro de 1915.

⁸⁸ *A Republica*, de 29 de dezembro de 1915.

⁸⁹ *A Republica*, de 13 de janeiro de 1916.

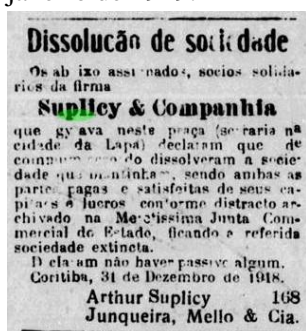
⁹⁰ *A Republica*, de 22 de abril de 1916.

⁹¹ *A Republica*, de 25 de abril de 1916

⁹² *A Republica*, de 31 de julho de 1916.

dos Pretos, na Lapa, por 1:440\$000; b) de Eugênia Marques Correia, em 20 de maio de 1912, Rebello & Suplicy comprou 4870 pinheiros, por 21:498\$000 (pagos naquele dia), existentes no prédio que depois aquela vendeu à câmara. Era, portanto, falso, que Arthur extraísse pinheiros de prédio pertencente à câmara. c) Em 20 de setembro de 1916, a prefeitura da Lapa (pela pessoa do prefeito Arthur) adquiriu de Eugênia Correia 854 alqueires de campo e mato, por 60 contos (ressalvados os pinheiros anteriormente comprados por Arthur). Loteou-se o total e venderam-se os lotes. d) O sesmo fora adquirido por 60 contos e não por 70⁹³.

A firma Suplicy e Companhia era serraria na Lapa, composta de Arthur Suplicy e de Junqueira, Mello & Companhia; dissolveram-na em 31 de dezembro de 1918, o que se noticiou no *Diário da Tarde*, de 22 de janeiro de 1919.



Diário da Tarde, 22.I.1919.

Em 2 e 13 de dezembro de 1926, Arthur era juiz de direito substituto na comarca da Lapa⁹⁴.

Ele era prefeito eleito da Lapa em 1928, quando se inaugurou o monumento ao General Gomes Carneiro, aos 9 de fevereiro daquela era, ocasião em que o antigo maragato presidiu à glorificação do chefe da praça pica-pau; era prefeito em exercício João Cândido Ferreira.

Novamente prefeito da Lapa, em 8 de fevereiro de 1929, Arthur sancionou várias leis de 19 de janeiro: a lei de número 231, que autorizou a constituição de um procurador fiscal, para cobrança da dívida ativa; a de número 232, que aprovou o contrato firmado entre a prefeitura da Lapa e a companhia de eletricidade A. E. G., em 1926; a de número 233, que modificou a lei 155, no artigo respeitante ao valor de obras; a de número 234, que autorizou o prefeito a fazer aferições de créditos por antecipação da receita, até 60 contos; a de número 235, que autorizou o prefeito a construir, em Contenda, prédio para o posto de receitas fiscais; a de número 236, que elevou o vencimento do eletricitista da câmara; a de número 237, que elevou a subvenção da banda musical da Lapa; a de número 238, que concedeu isenção tributária a Antônio Calderari, por 4 anos, para montar fábrica de licores; a de número 239, que alterou a lei 214 (de 29 de outubro de 1927), na pauta tributária de certos comestíveis; a de número 240, que elevou os vencimentos do agente fiscal de Contenda; a de número 241, que criou imposto para abertura de barricada na Lapa. No mesmo 8 de fevereiro de 1929, sancionou leis de 25 de janeiro do mesmo ano: a de número 242, sobre edificações urbanas; a de número 243, que autorizou o prefeito a providenciar a bem da higiene da cidade⁹⁵.

Em 2 de novembro de 1929, Arthur baixou a tabela de pauta tributária de serviços e mercancia, a que se referia o artigo 1º das posturas municipais da Lapa⁹⁶.

Em 5 de novembro de 1929, ele promulgou duas leis de 14 de outubro do mesmo ano: a de número 251, que concedeu subvenção por cinco anos, para a viúva Joaquina do Amaral; a de número 252, que autorizou o prefeito a pagar obras de construção da usina hidrelétrica, descontando-se os pagamentos já solvidos. Em 30

⁹³ *A Republica*, de 25 de julho de 1919.

⁹⁴ *O Dia*, de 22 e 23 de dezembro de 1926.

⁹⁵ *A Republica*, de 19 e 27 de março de 1929 para as leis sancionadas em 8 de fevereiro de 1929.

⁹⁶ *A Republica*, de 22 de dezembro de 1929.

de outubro do mesmo ano sancionou lei de 26 de outubro, de número 253, que autorizou o prefeito a contratar a Companhia Empresul, de eletricidade⁹⁷.

Porque a matriz da Lapa carecesse de reformas, em 1929 constituiu-se junta destinada a angariar fundos para acudir às obras, composta por Arthur Suplicy, José Lacerda, Jorge Montenegro, João Lacerda Braga, Alfeu de Azambuja Sousa e José Sabóia Cortes. Os dois primeiros contribuíram com 500\$000 cada um, além de outras pessoas⁹⁸.

Avizinhando-se a sucessão do presidente da república Washington Luís Pereira de Sousa, cujo mandato findaria em 1930, o presidente do Paraná, Afonso Alves de Camargo, não aderiu a Júlio Prestes, candidato alternativo à continuidade, o que participou aos prefeitos de inúmeros municípios por telegrama, de que o enviado à Lapa Arthur Suplicy agradeceu-lhe: “Agradecendo telegramma V. Ex. comunicação sua solidariedade Exmo. Dr. Presidente da Republica em face candidatura Julio Prestes a presidencia Republica proximo quatriennio, é com vivo prazer que em nome do municipio que represento e no dos nossos amigos hypotheco ao eminente chefe a minha completa solidariedade politica. Cds. Sds. — Arthur Suplicy, Prefeito.”⁹⁹

Na campanha de Júlio Prestes de Albuquerque, eleito porém não empossado, devido à revolução de 1930, formou-se o movimento de apoio a ele, de nome Bandeira Paranaense, cuja representação na Lapa era presidida por Arthur Suplicy que, por sua vez, missivou ao professor Pâmfilo d’Assumpção, presidente da Bandeira no Paraná¹⁰⁰:

⁹⁷ *A Republica*, de 8 de novembro de 1929.

⁹⁸ *A Republica*, de 12 de abril de 1929.

⁹⁹ *A Republica*, de 5 de agosto de 1929.

¹⁰⁰ *A Republica*, de 4 de outubro de 1929 (identifica outros integrantes da Bandeira, na sua secção lapeana).

- "Exmo. sr. dr. Pamphilo
d'Assumpção, d. d. presidente
da Bandeira Paranaense.

- Tenho o prazer de levar ao
conhecimento de v. exa. que
hontem, conforme annuncio e
convite previos, foi, pelas 13
horas, no salão do Theatro Ci-
nema desta localidade, solem-
nemente installado o comité
local da Bandeira, sendo ac-
clamados para constituirem-
n'o os nomes da lista que vaõ
junta.

A reunião foi grandemen-
te concorrida, falando diversos
oradores, srs. Naby Mansur Pa-
raná, José Saboia Côrtes, sobre
as finalidade da Bandeira e
sobre o momento politico,
usando por fim da palavra o
exmo. desembargador Mara-
nhão, representante da Ban-
deira, brilhantemente discor-
rendo sobre o assumpto, sendo
todos vivamente applaudidos.

Foram levantados vivas
aos candidatos nacionaes, ao
honrado sr. Presidente da Re-
publica e ao eminente Presi-
dente Affonso Camargo.

Hypothecando aqui a nossa
solidariedade á Bandeira aguar-
dando quaesquer instrucções
que a Commissão Executiva qui-
zer dar, apresento a v. ex. e aos
demais membros da Bandeira,
em meu nome e dos demais
companheiros, as seguranças
de nossa perfeita estima e
consideração.

Arthur Suplicy — Presiden-

A Republica, 4 de outubro de 1929.

Afonso Camargo telegrafou ao diretório político de inúmeras cidades paranaenses, cujos presidentes responderam-lhe e retribuíram-lhe votos pelo advento do ano de 1930. Da Lapa, respondeu-se-lhe, em 28 de dezembro de 1929: “Agradecemos e retribuimos honrosas felicitações contamos certa estrondosa vitória. Arthur Suplicy, Fernando dos Santos Pacheco Lima, Honestálio Alves Guimarães, Nestor Virmond, João Baptista Pinto.”¹⁰¹

Pela passagem de ano, de 1928 para 1929, o presidente do Paraná, Afonso Alves de Camargo, recebeu inúmeros telegramas de felicitações, originárias de diversas cidades, dentre elas a de Arthur Suplicy, da Lapa: “Com muito prazer cumprimento eminente amigo desejando muitas felicidades em companhia de sua família. Arthur Suplicy.”¹⁰²

Edital da prefeitura da Lapa, subscrita por Arthur Suplicy em 22 de março de 1930, convidou os portadores de apólices municipais provisórias a substituírem-nas pelas correspondentes definitivas¹⁰³.

Em maio de 1930, o governador do Paraná despachou em requerimento de Arthur: “À secretaria do interior.”¹⁰⁴

Após a revolução de 1930, um ex-camarista da Lapa publicou, anonimamente, artigo em que profligava alegação de que a gestão instaurada pelo regime revolucionário teria desagradado a dívida pública da Lapa, graças à quitação de dívidas diversas e ao contrato efetuado pelo prefeito Arthur Suplicy com a Empresul, contrato por efeito do qual o município ficou desobrigado dos juros e da quantia de 529:737\$050. O articulista recorda que Arthur fora prefeito no regime anterior ao instaurado pela revolução e que, portanto, a essa não assistia mérito, nesse particular, pela redução da dívida municipal¹⁰⁵.

¹⁰¹ *A Republica*, de 31 de dezembro de 1929.

¹⁰² *A Republica*, de 3 de janeiro de 1929.

¹⁰³ *A Republica*, de 26 de março de 1930.

¹⁰⁴ *O Dia*, de 20 de maio de 1930.

¹⁰⁵ *O Dia*, de 10 de outubro de 1931. O prefeito que substituiu Arthur Suplicy foi José Lacerda.

Consortios

Enlace VVirmond-Costa

Realisa-se hoje ás horas 19,30 o enlace matrimonial da gentilissima senhorinha Regina de Faria Affonso da Costa, dilecta filha do nosso destacado collaborador Commandante Didio Iratym Affonso da Costa e de sua exma. senhora, d. Olivia de Faria Affonso da Costa, com o distincto joven Eduardo VVirmond Suplicy, do alto commercio de nossa praça.

Os actos civil e religioso terão lugar em a residencia da Exma.

Sra. Viuva Faria Sobrinho, avó da nubente, sendo o civil presidido pelo Dr. Antonio de Paula, digno Juiz de Casamentos, e o religioso celebrado por Monsenhor Celso Itiberé da Cunha, Cura da Cathedral.

Serão padrinhos da noiva, no acto civil, o sr. dr. Benjamin Americo de Freitas Pessoa e sua exma. senhora d. Maria Constança de Faria Pessoa; e no religioso o sr. cel. Arthur Suplicy e a senhorinha Maria Luiza Suplicy.

Paranymphearão o acto, por parte do noivo, no civil, o sr. cap. Braulio VVirmond Lima e sua exma. senhora d. Aura Pessoa VVirmond de Lima; e no religio-

so, o Commandante Didio Iratym Affonso da Costa e sua Exma. senhora, d. Olivia de Faria Affonso da Costa.

Estado do Paraná, de 11 de novembro de 1926.

Cel. Arthur Suplicy
 A sociedade lapeana, festeja com alegria justa na data de 4 de Abril, o aniversario de um dos seus mais estimados elementos, o conceituado capitalista coronel Arthur Suplicy, tronco de distinta prole, ex-Presidente da Camara Municipal, do Tiro de Guerra, e Prefeito interino da Lapa por diversas vezes — O querido aniversariante oferecerá por esse motivo aos seus parentes e amigos um churrasco na sua aprazível fazenda da “Rozeira”.
 (Do Correspondente)

O Dia, de 4 de abril de 1934.

DA LAPA
VIAJANTES
 Em viagem de recreio, seguiu no dia 4 para Curitiba a gentil senhorinha Aurora Saboia, fino ornamento da elite lapeana.
ANNIVERSARIOS
Cel. Arthur Suplicy
 Em data de cinco do corrente, em sua aprazível fazenda Roseira, como de praxe, assediado de sua conceituada familia, o distinto cavalheiro saboreou uma bem temperada churrascada em regosijo ao seu aniversario natalicio.

O Dia, de 7 de abril de 1935.

A gazeta *O Dia*, em 4 de junho de 1935, estampou: “De regresso a sua viagem a Capital da Republica encontra-se novamente entre nós o Sr. Cel. Arthur Suplicy.”

A gazeta *O Dia*, de 12 de junho de 1935, noticiou:

“VIAJANTE

Em breves dias seguirá para S. Catharina, o sr. Cel. Arthur Suplicy que nas Aguas da Imperatriz fará uma demorada estadia em tratamento de sua saude.”

Em 28 de novembro de 1935 fundou-se a Associação dos Criadores do Paraná, em cerimônia na sede do governo do Paraná. Era grêmio de pecuaristas, de cujo primeiro conselho fiscal fazia parte Arthur Suplicy¹⁰⁶.

Manuel Ribas, interventor no Paraná, de 1937, recebeu inúmeros telegramas de cumprimentos, por seu natalício, dentre eles um de Arthur Suplicy: “Felicitações abraços Arthur Suplicy”¹⁰⁷. No final daquele ano, Getúlio Vargas, então presidente revolucionário do Brasil, confirmou a investidura de Manuel Ribas que, por sua vez, recebeu inúmeras congratulações telegráficas, dentre as quais: “Receba o presado amigo as minhas felicitações pela vossa permanencia no Governo do Paraná. Abraços. Arthur Suplicy.”¹⁰⁸

Em 1939, Arthur foi padrinho de dois nubentes: de sua neta, Clarice Suplicy Vidal, no seu casamento com Carlos Alberto Pereira de Oliveira (também o foram o casal Pedro Velho de Albuquerque Maranhão)¹⁰⁹; de Ciro Lacerda Correia (seu sobrinho-neto, filho de Maria Luísa Lacerda Correia, filha de sua irmã Alice Suplicy de Lacerda), em seu enlace com Maria Bernadete Loureiro Rebelo (filha de Isaura Loureiro Rebelo e de José Pinto Rebelo Júnior). De Ciro foi madrinha sua avó Alice¹¹⁰.

Em 1943, Arthur associou-se a convite de missa de sétimo dia por Manuel Luís de Matos, que deixou viúvo sua neta, Cirte Almeida de Matos (filha de sua filha Olga Suplicy de Almeida)¹¹¹.

¹⁰⁶ *O Dia*, de 29 de novembro de 1935.

¹⁰⁷ *O Estado*, de 13 de março de 1937.

¹⁰⁸ *O Estado*, de 26 de novembro de 1937.

¹⁰⁹ *O Dia*, de 6 de junho de 1939.

¹¹⁰ *Correio do Paraná*, de 6 de janeiro de 1939. Isaura Loureiro Rebelo era filha de Maria Francisca Biscaia Rebelo (irmã de João dos Santos Biscaia, este marido de Josefina Maria de Ascensão Chalbaud Biscaia) e Alfredo Fernandes Loureiro.

¹¹¹ *O Dia*, de 27 de agosto de 1943.

Viveu numa geração que assistiu os dias mais felizes da Lapa, quando sua juventude brilhante, apesar das dificuldades das comunicações da época, procurava os melhores colegios da Córte, para se instruir e prosseguir com denodo e galhardia a tradição dos Pacheco Lima e dos Correias.

Concluída sua formação intelectual, com pronunciada tendencia para o commercio, a ele se dedicou longos anos, revelando porem mais tarde uma vocação que seria o completamento maximo de sua existencia futura: como que ainda uma maneira encantadora de escolher gosar as belezas agrestes da terra que tanto queria, tornando-se lavrador e fazendeiro. Sua esposa e companheira descendente da estirpe respeitavel dos Virmonds, foi bem a outra metade da sua vida e a “Roseira” transformou-se num milagre magestoso de felicidade perfeita. Lar e fazenda num ruralismo inteligente com a visão progressista de processos mais adeantados que fizeram dos seus pagos bem queridos motivo de curiosa simpatia dos que o conheciam, e era bastante conhece-los para melhor estima-los.

Prestigioso e prestigiado, o velho maragato dos quatro costados pagou o tributo da sua convicção politica por mais de uma vez — exercendo com proficiencia e profunda honradez o cargo de prefeito municipal e de presidente da camara por mais de uma decada. Foi um predestinado da bondade. A hospitalidade carinhosa da sua fazenda era continuação da bondade do casal. Muitos filhos provieram desse enlace de dois corações que se completavam e a educação modelar que os iniciaram na vida era robustecida pelos exemplos e pela tradição de uma fidalguia quasi secular. O passado era vasto manancial de um rio imenso a correr pelo tempo afóra e nada poderia deter a marcha dessas aguas cristalinas reverberando ao sol dos unicos brazões que não desaparecem nunca: — virtude e honradez, caracter e dignidade.

E essa ventura durou bastante para encher de orgulhosa satisfação todas as familias que pela amizade e pelo coração, a esses troncos se ligaram, ainda hoje vivendo suas horas mais lindas dentro da saudade dos dias felizes que fruíram sob o tecto daquele casal na delicia de um tempo que não volta mais e que por isso mesmo se tornará em breve eterno nos seus corações.

Um dia a fatalidade com sua habitual traição roubou a esposa amantissima e a companheira de felicidade. E a tristeza emurcheceu tambem a “Rozeira” que passou a viver dentro do manto de uma viuvez que não mais acabou. Nem a presença chilreante dos bandos infantis nem a alegria da juventude despreocupada conseguiu fazer reviver os dias de outrora. A presença da ausente estava como que a viver em cada canto participando com uma tinta esmaecida de saudade até no doce anoitecer da fazenda. E foi assim que a 8 de dezembro ultimo Arthur Suplicy deixou a vida, para matar as saudades da querida Eugenia que lhe embelezara ainda mais o desejo do Fim revelado depois de sua morte, pelo cuidado carinhoso que tivera nos ultimos dias preparando seu tumulo para se reunir à bem amada. E na “Roseira” nesse dia as rosas foram mais lindas e os perfumes mais inebriantes, comungando da ventura desses corações que não morrerão jamais porque unidos viverão perpetuamente na historia.

Saboia Cortes”.

CORONEL ARTHUR SUPLICY

Exatamente há um mês faleceu na histórica cidade da Lapa, um dos seus mais venerandos filhos, de fidalga linhagem e cuja vida foi consagrada à família, e à sua terra que tanto amou: Arthur Suplicy.

Viveu numa geração que assistiu os dias mais felizes da Lapa quando, sua juventude brilhante apesar das dificuldades das comunicações da época, procurava os melhores colegas da Corte, para se instruir, e prosseguir com denodo e galhardia a tradição dos Pacheco Lima, e dos Corrêas.

Concluída sua formação intelectual, com pronunciada tendência para o comércio, a ele se dedicou, longos anos, revelando, porém, mais tarde, uma vocação que seria o complemento máximo de sua existência futura; como que ainda uma maneira encantadora de melhor gozar as belezas agrestes da terra que tanto queria tornando-se lavrador e fazendeiro.

Sua esposa e companheira descendente da estirpe respeitável dos Virmonds, foi bem a outra metade da sua vida, e a "Roseira" transformou-se num milagre magestoso de felicidade perfeita. Lar e fazenda, num ruralismo inteligente, com a visão progressista de processos mais adiantados, que fizeram dos seus pagos bem queridos, motivo da curiosa simpatia dos que o conheciam, e era bastante conhecido para melhor estima-los.

Prestigioso e prestigiado, e velho maragato dos quatro costados, pagou o tributo da sua vocação política por mais de uma vez: exercendo com proficiência e profunda honradez o cargo de prefeito municipal, e o de presidente da camara por mais de uma década. Foi um predestinado da bondade. A hospitalidade carinhosa a sua fazenda era continuação da bondade do casal. Muitos filhos provieram desse enlace de dois corações que se completavam e a educação modelar que os iniciaram na vida era robustecida pelos exemplos e pela tradição de uma fidalguia quasi secular. O passado era vas-

to manancial de um rio imenso a correr pelo tempo afora, e nada poderia deter a marcha dessas águas cristalinas, reverberando as dos únicos braços que não desaparecem nunca: virtude e honradez, caráter e dignidade.

E essa ventura durou bastante para encher de orgulhosa satisfação todas as famílias, que, pela amizade e pelo coração, a esses troncos se ligaram, ainda hoje vivendo suas horas mais lindas, dentro da saudade dos dias felizes que fruíram sob o teto daquele casal, na delícia de um tempo que não volta mais e que por isso mesmo, se tornará em bronze eterno nos seus corações.

Um dia a fatalidade, com sua habitual traição, roubou a esposa amantíssima e a companheira de felicidade. E a tristeza emurcheceu também a "Roseira" que passou a viver dentro do manto de uma viuvez que não mais acabou. Nem a presença chilreante dos bandos infantis, nem a alegria da juventude despreocupada conseguiu fazer reviver os dias de outrora. A presença da ausente estava como que a viver em cada canto, participando com uma tinta esmaecida de saudade até no doce anoitecer da fazenda. E foi assim, que a 8 de dezembro último, Arthur Suplicy deixou a vida, para matar as saudades da querida Eugenia, que lhe embelecera ainda mais o desejo. Fim (revelado depois da sua morte) pelo cuidado carinhoso que tivera nos últimos dias, preparando seu tumulo, para se reunir a bem amada. E na "Roseira", nesse dia, as rosas foram mais lindas, e os perfumes mais inebriantes, comungando da ventura desses corações que não morrerão jamais, porque, unidos, viverão perpetuamente na sua história. (SYC)

CAFÉ
ALVORADA

É a mesma publicação do *Diário da Tarde*, de 4.2.1946.

Arthur morreu na sua casa da cidade (não da fazenda), na Lapa, em cama de metal, pertença de seu trineto Arthur Virmond de Lacerda Neto¹¹².

De entre outros filhos, Arthur e Eugênia tiveram¹¹³:

¹¹² Arthur ganhou-a de seu primo Luís Fernando de Lacerda Moscalesky.

¹¹³ Tiveram, também, Nahyr, nascida na segunda semana de julho de 1905 e registrada em Curitiba. *Diário da Tarde*, 17 de julho de 1905.

3.1 Isaura Virmond Suplicy (1891 — 1971), mulher de Avelino Corrêa de Lacerda (1885 — 1951), filho de Manuel Corrêa de Lacerda (Lacerdinha, de hipocorístico; natural do Porto) e de sua prima-irmã Maria Rita Corrêa de Lacerda (Nhála de apelido; natural da Lapa, filha de Manuel José Corrêa de Lacerda, natural do Porto, e de Leocádia Cassiana Pereira de Resende, de Paranaguá). Maria Rita era irmã do Coronel Joaquim Resende Correa de Lacerda, o imediato do general Carneiro, na resistência da Lapa.

Manuel Corrêa de Lacerda nasceu no Porto em 1839; era filho de Joaquim José Corrêa de Lacerda Júnior e de Teresa Bernardina Cândida.

Joaquim José Corrêa de Lacerda Júnior era filho de pai homônimo, de quem (e de cuja mulher, Tomásia Maria) de quem a geração de Arthur Virmond de Lacerda descende duas vezes, por seus filhos Manuel José Corrêa de Lacerda (pai de Maria Rita Corrêa de Lacerda, mulher de Manuel Corrêa de Lacerda, Lacerdinha) e Joaquim José Corrêa de Lacerda Júnior (pai de Lacerdinha).

Avelino tinha torrefação de café, na Lapa. Ávido leitor, leu toda a obra de Humberto de Campos, Machado de Assis, Malba Tahan, Érico Veríssimo. Era representante da fábrica de rádios Cruzeiro, Byington & Cia, de São Paulo.

Em 1928, Avelino comprou a casa de comércio que pertencera a Manuel José Corrêa de Lacerda (Duca; vide 2.2); manteve-a até 1935, quando vendeu o estoque para Júlia Westphalen, pois Nacib Abage açambarcava o movimento comercial na Lapa e a loja ficou sem freguesia. Chamava-se *Casa Lacerda*; comprava de Sampaio Moreira & Cia. (tecidos em geral), de Teodoro Bloch (especialmente casemiras), ambas de S. Paulo, para onde Murilo Suplicy de Lacerda (filho de Avelino) viajava regularmente a fim de provê-la. Comprava ferragens de Schmidlin, Tamm & Cia., da Casa Esmalte, da Casa Cristal (as três de Curitiba)¹¹⁴.

O imóvel em que funcionava a loja situava-se na lateral esquerda do solar do coronel Joaquim Lacerda (Casa Lacerda); pertencia a José Lacerda, filho do dito coronel, e ali residira Américo Pereira de Resende (de apelido nhá Vida), irmão de Leocádia Cassiana Resende de Lacerda (mãe de Maria Rita e do coronel Joaquim Lacerda)¹¹⁵.

Manuel Corrêa de Lacerda (Lacerdinha) tinha casa comercial na esquina direita, vizinha do solar do coronel Joaquim Lacerda. Ali residiu com sua família; era venda de secos e molhados (banha, manteiga, azeite, cerveja, aguardente *etc.*); após seu decesso, a loja pertenceu a seu filho Manuel Corrêa de Lacerda (Puri, de hipocorístico) que, ao mudar-se para Curitiba, vendeu-a para Antonio Corrêa de Lacerda, seu irmão. A loja terminou depois de 1936 ou 1939. Arthur Virmond de Lacerda Neto possui dois livros-copiadores de correspondência, preenchidos de 1907 a 1913, que pertenceram à loja, sendo-lhe proprietário Puri Lacerda. Para Lacerdas e Suplicys, veja-se *Excertos genealógicos do Paraná*, de Arthur Virmond de Lacerda Neto. Isaura e Avelino tiveram:

João Cândido¹¹⁶, Manuel, Cid Presciliano, Murilo¹¹⁷, Eugênia, José e Arthur Suplicy de Lacerda, todos com geração, exceto Eugênia.

¹¹⁴ Murilo Suplicy de Lacerda trabalhou nela dos seus 14 aos 22 anos. Nela, de manhã, reuniam-se em roda de chimarrão os irmãos de Avelino; de tarde, Joaquim Brito de Lacerda, Lauro Montenegro, Sady Westphalen, João Montenegro Moreira, Jofre Cabral e Silva. (Para Avelino e sua loja, a fonte é Murilo Suplicy de Lacerda, em depoimento para o autor, em 15.VI.1991.).

¹¹⁵ Américo jaz no cemitério da Lapa, em túmulo cuja lápide com seu nome foi removida.

¹¹⁶ Integralista, foi preso na Lapa, por sê-lo, ao Getúlio Vargas proibir o integralismo no Brasil, em dezembro de 1937. Estava preso no dia do seu casamento: escoltaram-no da cadeia à igreja, onde se desposou. Terminada a cerimônia, voltou à cadeia.

¹¹⁷ *Murilo Suplicy de Lacerda* residiu na cidade do Rio de Janeiro. Era integralista e freqüentava reuniões integralistas na avenida Gomes Freire, no Rio de Janeiro.

Em 11 de maio de 1938 desferiu-se a Intentona Integralista, sob a chefia de Belmiro de Lima Valverde, em que se atacou o palácio Guanabara, residência do presidente Getúlio Vargas, que se pretendia depor. Murilo Suplicy de Lacerda participou do movimento: recebeu instruções para aguardar o recebimento de armas no edifício, em construção, da Policlínica, na Esplanada do Castelo; um lenço branco no pescoço servia como sinal de identificação dos conspiradores. O Exército reagiu; de noite, Murilo e seus camaradas receberam a

4.1 Arthur Supplicity de Lacerda, aliás, **Arthur Virmond de Lacerda**, nascido em 1916, que mudou de nome para Arthur Virmond de Lacerda, em 1936 (devido a homonimato com seu primo filho de Alice Virmond Supplicity e Manuel José Corrêa de Lacerda). Em moço foi integralista e como tal fichado pelo Delegacia de Ordem Pública por haver assistido a conferência integralista¹¹⁸.

Formou-se em odontologia pela Universidade do Paraná, depois Universidade Federal do Paraná, onde lecionou Prótese Dentária.

Teve serraria, na Lapa, de nome Compensados Milo Ltda., na avenida Munhoz da Rocha, à esquerda de quem adentra a cidade e em que em 2022 havia muro com a inscrição, em relevo, Ciro. Milo era redução de Murilo, prenome de um de seus sócios, Murilo Supplicity de Lacerda.

O contrato social de Lacerda e Sureck Ltda. data de 25 de fevereiro de 1944 e foi registrado na Junta Comercial aos 9 de maio do mesmo ano; foram seus sócios fundadores Murilo Supplicity de Lacerda e Miguel Sureck; no dia seguinte, 10 de maio de 1944, modificou-se a razão social para Compensados Milo Ltda., e Arthur Virmond de Lacerda ingressou como sócio quotista, com o montante de cinquenta mil cruzeiros, sendo o capital total de quinhentos mil cruzeiros¹¹⁹. Suas atividades iniciaram-se aos 10 de maio de 1944.

Em 9 de janeiro de 1947 altera-se o contrato social: o capital da firma mantém-se em quinhentos mil cruzeiros; Arthur passa a participar com 116 mil cruzeiros; Avelino Corrêa de Lacerda, já sócio, passa a participar com 49 mil cruzeiros; Murilo, com 335 mil cruzeiros.

Encerrou-se Compensados Milo Ltda. por distrato firmado aos 12 de março de 1952, altura em que foi vendida para José Leonardi.

Arthur morreu em 1990.

Teve por namorada Ondina Correia Pinto¹²⁰; desposou Odete Tesserolli Paquet (1915 — 2014); natural da Lapa, filha de Luís Luciano (Louis Lucien) Lecland Paquet, natural de Clichy¹²¹ (filho de José [Joseph] Paquet e de Maria Adélia [Marie Adèle] Lecland, e com ascendência de 14 gerações) e de Maria Josefina Meneghetti Tesserolli, natural de Curitiba e filha dos italianos João Tessarollo (que mudou seu sobrenome para Tesserolli) e Domingas Meneghetti¹²².

notícia do malogro do levante; ao amanhecer, a polícia do Rio de Janeiro mantinha metralhadoras assestadas, à espera de que clareasse o dia para invadir a Policlínica. Antes, porém, os insurgentes lograram escapular-se, sob o disfarce de operários, por iniciativa de Jair [...]. Não houve outras conseqüências em relação a Murilo (depoimento de Murilo Supplicity de Lacerda para Arthur Virmond de Lacerda Neto, em 15.VI.1991).

Murilo trabalhou em firma de navegação, na cidade do Rio.

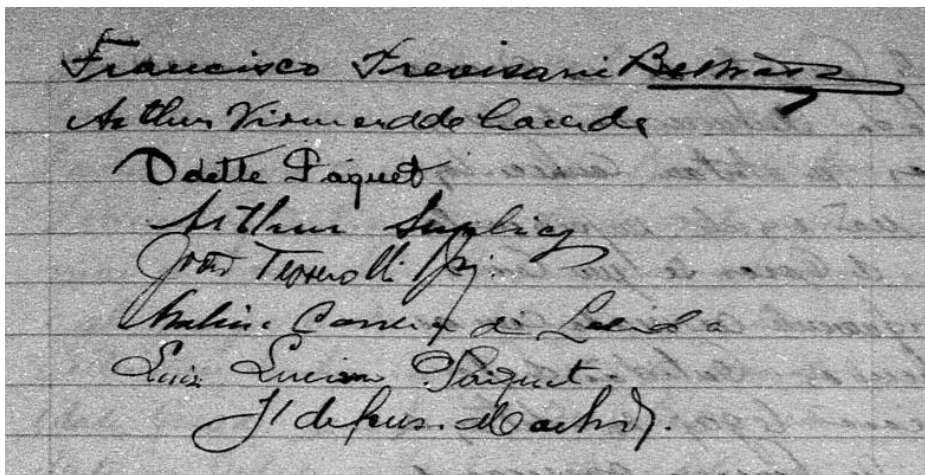
¹¹⁸ Aficha guarda-se no Arquivo Público do Paraná.

¹¹⁹ Na mesma ocasião também ingressaram como sócios Avelino Correia de Lacerda, Irmãos Bettega e Cia., e Humberto Carrano.

¹²⁰ Depoimento de sua irmã Maria de Lurdes Correia Pinto para Arthur Virmond de Lacerda Neto, em 1991, no Museu David Carneiro.

¹²¹ Clichy situava-se na divisa com Paris, a que atualmente pertence.

¹²² Para Tesserollis, vide *Árvore genealógica da família Tesserolli*, de Luiz Roberto Bara Araújo. Luís Luciano Lecland Paquet, de apelido Lúcio, tinha o Hotel Rio Branco, em tempos também nomeado Hotel Lapa, na rua Rio Branco, na Lapa.



Autógrafos na ata de casamento de Arthur e Odete, na Lapa, em 25.VI.1938: Francisco Trevisani Beltrão (juiz de paz), Arthur Virmond de Lacerda, Odette Paquet, Arthur Virmond Suplicy (avô do noivo), João Tesserolli Júnior (tio da noiva), Avelino Corrêa de Lacerda (pai do noivo), Luís Lucien Paquet (pai da noiva), João de Sousa Machado (escrivão).



Rua Barão do Rio Branco, 1390, Lapa.

Arthur Virmond de Lacerda residiu na casa de número 1390 da rua Barão do Rio Branco (antiga rua da Boa Vista), canto da rua Barão dos Campos Gerais, onde lhe nasceram os três filhos e onde manteve gabinete dentário. As três portas da esquerda correspondiam à antiga padaria (havia mais uma, convertida em janela); a segunda porta da direita para a esquerda permanecia aberta durante todo o dia (o que era costume em vivendas desse tipo) dizia para pequeno átrio que, por sua vez, continha: à direita, porta do gabinete dentário de Arthur; ao fundo e à esquerda, portas de acesso ao interior da morada.

Entre as duas portas da direita havia placa: "A. Virmond Lacerda. Cirurgião-dentista", sobrepujada por placa do Congresso Eucarístico do Paraná, de 1952; fixada no batente da porta, o número da casa (1390) em plaquinha.

Em 6 de dezembro de 1943, Arthur Virmond de Lacerda comprou a casa por 6 mil cruzeiros, de João Virmond Suplicy e de sua mulher Emília de Lacerda Suplicy; João comprara metade dela, por 3 mil cruzeiros, de Avelino Correa de Lacerda e sua mulher, em 30 de novembro de 1943. Media 16 de frente por 20 metros de fundo em terreno de 18 metros de frente e 58 de fundos.

Em 11 de fevereiro de 1911 Cristovão Canella Lima e sua mulher Maria Martins Canella venderam para Lacerda & Suplicy (por três contos de réis), representado por Avelino Correa de Lacerda e João Virmond Suplicy, a casa, já então dotada com armação para negócio, com quatro portas e quatro janelas na frente e uma porta e duas janelas na esquina da rua Barão dos Campos Gerais, com forno para padaria e mais benfeitorias. Cristovão Canella Lima e sua mulher haviam-na comprado de Leocádio Correa de Lacerda e João Teixeira Saboia e suas mulheres. Em 1911 a rua chamava-se da Boa Vista, depois Barão do Rio Branco.

Durante o cerco da Lapa a vivenda foi alvejada, de que eram vestígios os orifícios nas esquadrias das janelas, que se incorporaram a residência que se construiu posteriormente à sua demolição, nos anos 1980.

Arthur e os seus mudaram-se para Curitiba em 1º de agosto de 1954, quando passara a residir na rua Rocha Pombo, número 469; posteriormente, na rua Mauá, 422; por fim, em apartamento na rua José Nicolau Abagge, 225, segundo andar.

Arthur e Odete tiveram:

5.1 Luiz Avelino Paquet de Lacerda. Nasceu na Lapa em 20 de março de 1939. Psiquiatra, formado pela UFPR, em medicina, em 1971; mestre pela Escola Paulista de Medicina; bacharel em Direito pela Universidade Católica do Paraná; professor de Farmacologia na UFPR, função em que se aposentou. Divorciou-se de Josefina Maria Castellano Biscaia (nasceu em Curitiba em 1945; faleceu em 2021), professora normalista e guia de turismo, filha de Antonio Chalbaud Biscaia e Francisca Odette Castellano Biscaia. Recasou-se com Roseli Boerngen de Lacerda, nada em 2 de maio de 1955. Tem, do primeiro matrimônio:

Luiz Avelino e Josefina tiveram¹²³:

6.1 Arthur Virmond de Lacerda Neto, nascido em Curitiba, em 31 de maio de 1966.

6.2 Juliana Biscaia de Lacerda, nascida em 2 de agosto de 1970 e falecida no dia seguinte. Jaz na tumba de seu trisavô Arthur Virmond Suplicy, na Lapa.

6.3 André Eduardo Biscaia de Lacerda, nascido em 13 de maio de 1972, casado com Evelyn Roberta Nimmo, nascida em 25 de janeiro de 1977.

6.4 Leonardo Biscaia de Lacerda, nascido em Curitiba, em 2 de abril de 1977; divorciado de Sandra Regina Costa de Araújo Hott, com quem tem:

7.1 Clarice Araújo Biscaia de Lacerda, nascida na cidade do Rio de Janeiro, em 11 de julho de 2006.

¹²³ Os filhos deste casal descendem duas vezes de Frederico Guilherme Virmond (por seus filhos Maria Luísa e Eduardo Alberto) e duas vezes de Joaquim José Correia de Lacerda, por seus filhos Joaquim Júnior e Manuel José Correia de Lacerda.

Luiz Avelino pilheriava com Josefina Maria que seu primogênito chamar-se-ia Caio Graco ou Temístocles; Josefina alvitrou Luís Luciano (nome do bisavô de Arthur, Luís Luciano Lecland Paquet) e Arthur Luís. Luís Avelino recusou o prenome Luís, pelo que se decidiram por Arthur Neto. André Eduardo chamou-se assim pois seu irmão Arthur desejou se chamasse André; chamou-se Eduardo por escolha de seu pai, em homenagem a Eduardo Correia Lima, seu amigo e cujo pai (Eduardo dos Santos Lima), lapeano, fora amigo de Arthur Virmond de Lacerda (pai de Luiz Avelino) e cujo avô (Manuel Pedro dos Santos Lima), lapeano, fora amigo de Arthur Virmond Suplicy. — Juliana teve este nome por gosto de sua mãe. — Gustavo chamou-se assim por gosto de seu pai. Leonardo recebeu tal antropônimo devido a Leonardo da Vinci e por gosto de sua mãe. — Uma vez nascidos Leonardo e Gustavo (por esta ordem), Luiz Avelino foi registrá-los no cartório onde, por engano, comunicou ao oficial os nomes Guilherme e Gustavo. Ao dizê-lo a Josefina, ela advertiu-o do engano, ao que ele lá regressou, antes de que o cartório houvesse lavrado a certidão de nascimento, a tempo de registrar-se o prenome Leonardo. Se assim não fora, Leonardo seria Guilherme (seu pentavô chamava-se Frederico Leonardo na Alemanha e Frederico Guilherme no Brasil).

6.5 Gustavo Biscaia de Lacerda, nascido em Curitiba, em 1977; divorciado de Daniela Lobo Guise, com quem tem:

7.1 César Augusto Lobo Guise Biscaia de Lacerda, nascido em Curitiba, em 2 de maio de 2016.

5.1. Luiz Avelino Paquet de Lacerda, de seu segundo matrimônio, tem:

6.6 Ricardo Boerngen de Lacerda, nado em 18 de setembro de 1982.

5.2) Maria Isaura Paquet de Lacerda, nada em 30 de março de 1943. Divorciou-se de Ivo Augusto de Vasconcelos Rodrigues, nado em 29 de fevereiro de 1940. Tem:

6.1) Tatiana de Lacerda Rodrigues, nada em 31 de maio de 1966; divorciou-se de Majed Mohamed Nagib Charafeddine, nado em 23 de janeiro de 1953 e falecido em 1º de dezembro de 2015. Tem:

7.1) Majed de Lacerda Charafeddine, nado em 30 de abril de 1989.

7.2) Iman de Lacerda Charafeddine, nada em 22 de outubro de 1993.

6.2) Kátia de Lacerda Rodrigues, nada em 9 de dezembro de 1968.

5.3) Elisabeth Maria Paquet de Lacerda, nada em 23 de outubro de 1949; divorciou-se de Reinaldo Campelo de Oliveira, nado em de novembro de 1947. Tem:

6.1) Letícia Lacerda de Oliveira Wolowski, nada em 11 de setembro de 1976; com Tiago de Muniz Wolowski, nado em 21 de junho de 1975, tem:

7.1) Tomás de Lacerda Wolowski, nado em 22 de abril de 2013.

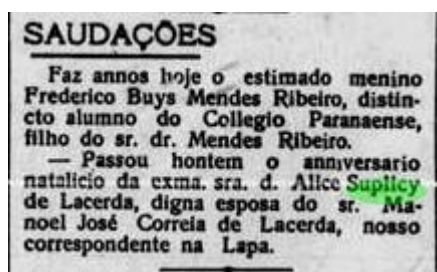
6.2) Eduardo Lacerda de Oliveira, nado aos 25 de agosto de 1980; desposou Nathalia Crivari Corradi de Oliveira, nada aos 29 de novembro de 1984. Tem:

7.1) Maria Eduarda Corradi de Oliveira, nascida aos 24 de maio de 2016.

7.2) Giovana Corradi de Oliveira, nascida em 15 de junho de 2020.

2.2 Alice Maria Virmond Supplicity (Nhanhá, de apelido, com que a tratava seu irmão Arthur) nasceu na cidade do Rio de Janeiro, em 1869; morreu na Lapa em 1954. Desposou Manuel José Corrêa de Lacerda (Duca, de alcunha; 1858 — 1926), filho de Manuel José Corrêa de Lacerda e de Leocádia Cassiana Pereira de Resende (e irmão de Maria Rita Corrêa de Lacerda, do item 3.1).

No dia 20 de setembro de 1884, Manuel José Corrêa de Lacerda foi nomeado segundo suplente de delegado de polícia da Lapa, pelo presidente da província do Paraná¹²⁴. Cinco anos depois, em 25 de junho de 1889, foi reconduzido, no âmbito de nomeação de delegados e seus suplentes na Lapa, Votuverava, Assungui de Cima, Pacutuba, S. Casemiro do Taboão, Passo do Assungui, Rio Negro, Palmeira, Ponta Grossa, Tomasina, S. Luís do Purunã e localidades menores¹²⁵.



Diario da Tarde, de 19 de julho de 1904.

Duca tinha firma comercial (Lacerda & Cia), na Lapa, na esquina da esquerda, ao lado do solar do coronel Joaquim Lacerda (Casa Lacerda), na rua Duca Lacerda; vendia fazendas, armarinhos e ferragens; era vendedor exclusivo de sapatos Fox e chapéus Ramenzoni. Após sua morte, a loja passou a pertencer a seu filho

¹²⁴ *Dezenove de Dezembro*, de 26 de setembro de 1884.

¹²⁵ *Dezenove de Dezembro*, de 2 de julho de 1889.

Arthur Supplicity de Lacerda, que a trespassou para Joel Barbosa de Lacerda, em fevereiro de 1928, que no mesmo ano vendeu-a para Avelino Correa de Lacerda¹²⁶.

Nomeia-se Duca Lacerda rua na Lapa, em que se encontra (na esquina com a rua da Casa Lacerda) placa com tal nome, mandada fazer por seu filho Flávio Supplicity de Lacerda e afixada por Luiz Avelino Paquet de Lacerda, a pedido deste.

Duca foi escrevente da ata de capitulação da Lapa, em 1894, na Revolução Federalista e, nela, responsável pela soltura de seu cunhado Arthur Virmond Supplicity que, maragato, foi preso em 1894 (juntamente com dezenas de seus correligionários).

Dele se conta que levou, nos anos 1910 seu filho Flávio, dois filhos de Vicente Machado e outros meninos, ao colégio militar de Barbacena. A caminho, hospedaram-se na cidade do Rio de Janeiro, em que havia, na calçada defronte do hotel, um cego, com quem ele parolou. Anos depois, ao hospedar-se no mesmo hotel, o mesmo cego reconheceu-o pela voz¹²⁷.

Sua filha Carlinda matrimoniou-se e partiu da Lapa para São Paulo. Seus familiares foram despedir-se dela, na estação ferroviária. Duca acompanhou-os; em dado momento, deram-lhe pela falta. Foram encontrá-lo no fundo da estação, sentado (em banco ou no chão), em prantos, pela partida da filha¹²⁸.

Era carinhoso com seus filhos, alegre e bem disposto, características, as duas últimas, de muitos Lacerdas¹²⁹.

Alice Manuel José tiveram, dentre outros:

3.1 Carlinda Supplicity de Lacerda; desposou o comerciante português Manuel dos Santos Araújo, com geração.

3.2 Marília Supplicity de Lacerda (1905 — 1995), esposa do mais insigne historiador paranaense e superior figura do Paraná, David Antonio da Silva Carneiro (1904 — 1990), autor da *Biografia de Frederico Guilherme Virmond*, de *Rastros de sangue*, de *O cerco da Lapa e seus heróis*, da biografia de José Bonifácio e de dezenas de outros livros e de sem-número de artigos de história em inúmeras revistas brasileiras. Foi condecorado com várias medalhas nacionais e estrangeiras (dentre elas a medalha de ouro do Colégio Militar, a comenda da Ordem do Infante Dom Henrique [portuguesa], a comenda da Ordem do Rio Branco [brasileira]). Lecionou 4 ou 5 vezes em universidades norte-americanas, no Chile, na Escola Superior de Guerra, na UFPR, na Universidade de Brasília, na Escola de Belas Artes do Paraná. Era positivista; manteve a Capela da Humanidade, anexa ao Museu David Carneiro, imenso repositório privado de peças de história do Paraná e do Brasil, que o Estado do Paraná comprou após sua morte¹³⁰. Tiveram:

4.1. David Antonio da Silva Carneiro (Vivi), engenheiro civil; era positivista. Casou-se com Sílvia Prado Carneiro, com geração.

4.2. Fernando Augusto Lacerda da Silva Carneiro, arquiteto, professor de História da Arte. Era positivista. Sem geração.

4.3 Marília Beatriz Lacerda Carneiro (Marilita), separada de Afonso Celso de Ouro Preto, com geração.

3.3 Flávio Supplicity de Lacerda, formado em engenharia pela Escola Politécnica de São Paulo, reitor da UFPR por 21 anos e Ministro da Educação de 1964 a 1966; autor de *Flambagem* e de *Resistência dos Materiais* (este, clássico da engenharia civil brasileira). Com geração.

¹²⁶ *O Dia*, de 14 de fevereiro de 1928.

¹²⁷ Testemunho de seu neto David Carneiro para Arthur Virmond de Lacerda Neto.

¹²⁸ Testemunho de seu neto David Carneiro para Arthur Virmond de Lacerda Neto.

¹²⁹ Testemunho de sua filha Marília de Lacerda Carneiro e do filho desta, David Carneiro, para Arthur Virmond de Lacerda Neto.

¹³⁰ O historiador David Carneiro era filho do coronel da Guarda Nacional David Antonio da Silva Carneiro, destacada figura da sociedade paranaense de seu tempo, proprietário do enorme engenho Hervateira Americana e simpático ao Positivismo. Era, por sua vez, filho de pai homônimo, sócio do barão do Serro Azul na sua companhia ervateira Barão do Serro Azul & Cia.

1.2 Eduardo Alberto de Andrade Virmond (Nino, de alcunha; filho de Frederico Guilherme Virmond e de sua mulher) nasceu na Lapa em 1840; morreu em Curitiba em 1916, no dia em que se fez um ano da sua viuvez. Jaz no Cemitério Municipal de Curitiba, na sua metade direita, nas primeiras fileiras¹³¹).

Em 2 de abril de 1864, fizeram-se nomeações para o quinto esquadrão da cavalaria da Guarda Nacional, de Rio Negro: Eduardo Alberto, então guarda, foi nomeado alferes-cirurgião do Estado Maior. Residia, então, em Rio Negro e não na Lapa, onde nasceu¹³². No mesmo ano, ele foi eleito segundo suplente de vereador (com 163 votos), em Rio Negro¹³³. Em 19 de agosto de 1876, o presidente da província do Paraná (Adolfo Lamenha Lins) mandou agregar Eduardo Virmond (e o capitão Fernando Westphalen) ao 3º esquadrão da Lapa¹³⁴.

Em 30 de novembro de 1868, em Guarapuava, dissolveu-se a firma Sá, Virmond Júnior & Companhia, integrada por Eduardo Alberto, seu irmão Frederico, o moço, Manuel Marcondes de Sá e Francisco Xavier Taques Alvim. Alberto foi representado pelo último. A dissolução foi amigável e Manuel assumiu o ativo e o passivo da já então extinta firma¹³⁵.

Eduardo era votante em Curitiba, como tal alistado pela junta de qualificação de eleitores, por ato desta, de 8 de julho de 1905¹³⁶.

Sendo coronel, foi nomeado comandante da Guarda Nacional da Lapa, cuja patente estava-lhe disponível na rebedoria do Tesouro do Estado do Paraná, em 22 de dezembro de 1890¹³⁷. Depois, Tenente-Coronel, foi comandante da Guarda Nacional, do distrito de Curitiba e São José dos Pinhais, provavelmente quando residia em Curitiba, onde comerciava. Era secretário da Câmara Municipal de Curitiba em 1913 (e talvez antes¹³⁸).

Despacho de 27 de julho de 1874 do presidente da província do Paraná (Frederico Cardoso de Araújo) em petição de Eduardo Alberto, dizia: "Informe a câmara municipal da Lapa"¹³⁹. Já em 17 de agosto do mesmo ano, o mesmo presidente despachou-lhe: "Informe a thesouraria da fazenda, ouvindo o Dr. Procurador fiscal"¹⁴⁰. Em 19 de julho de 1875, o presidente (já agora Agostinho Ermelino de Leão) despachou-lhe: "Em vista da informação da thesouraria, não há lugar o que requer."¹⁴¹

Na eleição na Lapa, de 1876, Eduardo foi eleito eleitor de vereador, com 661 votos (as eleições davam-se em dois graus e não diretamente) e suplente de vereador, com 100 votos¹⁴².

Em 1876, era alferes-cirurgião da Guarda Nacional¹⁴³; no ano seguinte, era-o em Rio Negro¹⁴⁴.

¹³¹ Lá também jaz-lhe um dos irmãos, Eugênio Ernesto de Andrade Virmond (falecido em 20 de agosto de 1918). Pertence a tumba ao ramo dos descendentes de Eduardo.

¹³² *Dezenove de Dezembro*, de 2, 16 de abril de 1856.

¹³³ *Dezenove de Dezembro*, de 14 de setembro de 1864.

¹³⁴ *Dezenove de Dezembro*, de 1º de novembro de 1876.

¹³⁵ *Dezenove de Dezembro*, de 19 de dezembro de 1868.

¹³⁶ *A Republica*, 10 de julho de 1905.

¹³⁷ *A Republica*, de 18 de julho de 1890 e 6 de janeiro de 1891.

¹³⁸ *Diário Oficial do Estado do Paraná*, 1913.

¹³⁹ *Dezenove de Dezembro*, de 5 de agosto de 1874.

¹⁴⁰ *Dezenove de Dezembro*, de 22 de agosto de 1874. O mesmo despacho, no mesmo dia, em petição de Eugênio Ernesto de Andrade Virmond.

¹⁴¹ *Dezenove de Dezembro*, de 14 de agosto de 1875.

¹⁴² Joaquim Lacerda recebeu 62 votos para eleitor; foi eleito suplente de vereador com 53; o capitão Américo Pereira de Resende foi eleito vereador com 348 votos; o tenente Eugênio Ernesto de Andrade Virmond (irmão de Eduardo) foi o quinto mais votado, com 157 votos, para quatro lugares de juiz de paz. *Província do Paraná*, de 24 de outubro de 1876.

¹⁴³ *Dezenove de Dezembro*, de 1º de novembro de 1876.

¹⁴⁴ *Dezenove de Dezembro*, de 3 de março de 1877.

Noticiario

Manifestações de apreço—

Tendo a camara municipal da cidade da Lapa, assim como muitos dos mais dignos cidadãos dessa cidade e da villa do Rio Negro dirigido votos de adhesão e reconhecimento ao actual e muito digno administrador desta provincia, pelos relevantes serviços prestados a ella e áquelles municipios em particular, dotando-os com os melhoramentos e estradas, de que muito careciam para sua actual e crescente prosperidade, damos ao publico as referidas manifestações, segundo é desejo dos seus signatarios, e como um preito mais á justiça e verdade em que ellas se inspiram, tendo summo prazer em fazel-o.

Illm. e Exm. Sr. — Não é só para cumprir um dever de cortezia que, á presença de V. Ex., comparece a camara municipal da Lapa.

Amiga sincera de todo o administrador honesto e illustrado, seja qual fôr o lado politico a que pertença, não póde esta cidade deixar de manifestar a V. Ex. o seu profundo reconhecimento pelos relevan-

lissimos serviços que, no curto período de sua administração, tem prestado á provincia e especialmente a esta comarca.

Ficará para sempre gravado na memoria dos paranaenses honestos e verdadeiramente patriotas o nome do joven e distincto presidente que tanto tem feito para promover o engrandecimento material, moral e intellectual do Paraná, e que, com tão rara habilidade tem sabido superar as difficuldades que de ordinario se encontram na administração de uma provincia.

Deus guarde a V. Ex. Cidade da Lapa 31 de Maio de 1880 — Ilm e Exm. Sr. Dr. Manuel Pinto de Souza Dantas Filho, M. D. presidente desta provincia do Paraná.

Manoel Pedro dos Santos Lima.
Antonio Manoel da Cunha.
Americo Vereira Rezende.
Francisco de Paula Xavier Bueno
Salathiel Corrêa.
Benedicto de Siqueira Côrtes.
Antonio Pereira Linhares.
João Elias de Almeida.
Nicoláo Gonçalves Padilha.

Ilm. e Exm. Sr. — Os abaixo assignados residentes nesta cidade cumprem um dever sagrado manifestando a V. Ex. sua admiração e reconhecimento pelo modo patriótico e zeloso porque tem administrado esta provincia, e especialmente pela attenção que tem se dignado prestar aos interesses mais vitaes desta comarca, outr'ora tão descuidados.

A V. Ex. devem esta cidade e a villa do Rio Negro o unico melhoramento que pôde arrancar-as da decadencia visivel em que se acham.

Oxalá que os successores de V. Ex. não tornem improprios os beneficios que V. Ex. tão justamente prodigalisou-nos.

Os abaixo assignados desejam sinceramente que a carreira politica e administrativa que V. Ex. tão brilhantemente encetou nesta provincia, seja tão gloriosa e util ao Paiz, quanto tem sido a do illustre e venerando estadista que hoje dirige os negocios da justiça.

Lapa, 31 de Maio de 1880.

Ilm. e Exm. Sr. Dr. Manuel Pinto de Souza Dantas Filho, Dignissimo presidente desta provincia.

David dos Santos Pacheco.
João Manoel da Silva Braga.
Antonio Manoel da Cunha.
Francisco Manoel da Silva Braga.
Francisco Luiz Ernesto Carrano.
Carlos Henrique Darcauchy.
Caetano Carrano.
Manoel Antonio da Cunha Braga.
Genipio Pereira Ramos.
Manoel Luiz de Mattos.
Bernardino José Gomes Monteiro.
Guilherme Manoel da Silva Braga.
Manoel Eufrazio de Siqueira.
Antonio de Siqueira Cortes.
Antonio de Salles Esteves de Carvalho
Joaquim Rezende Corrêa de Lacerda.
Manoel José Corrêa de Lacerda.
Americo Pereira Rezende.
Manoel Corrêa de Lacerda.
José Soares de Siqueira Filho.

Fidelis de Paula Xavier Junior.
Joaquim Xavier da Silveira.
Alexandre Luiz da Silveira.
João Antonio Ramalho.
Eduardo A. de Andrade Virmond.
Francisco Manoel Theodoro.
Antonio Ferreira Amado.
Manoel Joaquim Sant'Anna Nunes.
Ermelino Ferreira de Mello.
Anacleto Pires de Lima.
João Candido Ferreira.
Antonio Alves de Oliveira Junior.
José Francisco Corrêa.
Pedro Fortunato de Souza M. Junior.
João Gonçalves Presencia.
Rafael Antunes dos Santos.
Joaquim Antonio de Oliveira.
João M. de Faria.
Valerio de Souza Prestes.
Antonio Barbosa de Almeida.
João Antonio Monteiro.
Manoel Pacheco de Carvalho.
Julio Vieira Neves.
Benedicto Therezio de Carvalho.
Orozimbro Cornelio do Amaral.
José Vieira Nunes.
Frederico Monteiro.
João Eulelio Muniz.
Antonio Vieira Netto.
Francisco Taborda de Carvalho.
Antonio José Mathias.
Antonio de Oliveira Santos.
Jorge Daepfer.
Generoso José Ramalho.
José Antonio Carneiro.
Benedicto José Domingues.
Demetrio F. Teixeira Carvalho.
Joaquim Antonio de Oliveira.
Pedro Ribeiro de Almeida.
Salvador Joaquim Machado.
Tobias José Ribas.
Pedro Alexandre Carneiro.
José Rodrigues de Almeida.
Boaventura Antonio de Meira.
Francisco Americo Ribas.
Messias Antonio Vieira.
Francisco Antonio de Lima.
José Rezende dos Santos.
Vigario, Ignacio de Almeida F. e Souza
José Pereira Linhares.
Francisco de Paula Xavier Bueno.
Sebastião Xavier da Silveira.
Fabricio Corrêa de Mello.
Benedicto Affonso Martins.
Innocencio Cardoso Monteiro.
Antonio Corrêa de Mello.
Antonio Gonçalves dos Santos Dique.
Manoel Baptista Teixeira.
Manoel Monteiro Guimarães e Souza.
João Ferreira de Mello.
Custodio Franco Baptista.
José Pires Baptista.
João Francisco Ribas.
Tobias Pinto de Medeiros.
Miguel Antunes Ferreira.
Joaquim Belarmino da Silveira.
Francisco Ferreira da Silva.
Francisco Fonseca Bueno.
Francisco Affonso Martins.
Procopio Ferreira da Silva.
João Elias de Almeida.

Tricentenario de Luiz Camões—No dia 10 do corrente completou-se o terceiro seculo da morte do grande epico portuguez Luiz de Camões. Na sua patria, como no imperio, foi

Dezenove de Dezembro, de 17 de junho de 1880.

Despacho do presidente do Paraná (João José Pedrosa), de 24 de março de 1881, constituiu junta encarregada de proceder ao exame do arquivo da então vila de Rio Negro, em resposta a ofício que ela lhe dirigiu. A junta era composta de Eduardo Alberto, Manuel Pedro dos Santos Lima e Pedro Fortunato de Sousa Magalhães¹⁴⁵. Volvido ano e meio, os comissários não haviam se desincumbido da tarefa, o que motivou ofício do presidente da província (Carlos Augusto de Carvalho), de 6 de novembro de 1882, em que os convidava a levarem-na a efeito. Pedro Fortunato fora substituído por Joaquim Resende Corrêa de Lacerda, que recebeu ofício nesse sentido¹⁴⁶. Para facilitar os trabalhos, em 13 de novembro de 1882 o presidente ordenou, por ofício, remetesse a câmara de Rio Negro seu arquivo aos integrantes da junta¹⁴⁷; em 20 de novembro respondeu a ofício de Eduardo (de 16) em que lhe comunicava havê-lo feito¹⁴⁸.

Em 1881, Eduardo Alberto era vereador na Lapa, condição em que, com seus pares, subscreveu ofício com mensagem de apreço ao presidente sainte da província, João José Pedrosa:

¹⁴⁵ *Dezenove de Dezembro*, de 10 de maio de 1881.

¹⁴⁶ *Dezenove de Dezembro*, de 2 de dezembro de 1882.

¹⁴⁷ *Dezenove de Dezembro*, de 7 de dezembro de 1882.

¹⁴⁸ *Dezenove de Dezembro*, de 16 de dezembro de 1882.

Paço da camara municipal da cidade da Lapa, em 22 de Abril de 1881. — Ilm. e Exm. Sr — Pelo que noticiaram ultimamente os periodicos da provincia, chegou ao conhecimento desta camara que, pelo governo imperial, foi concedida a exoneração pedida por V. Ex. do alto cargo que, com tanta distincção tem exercido dirigindo os destinos desta esperancosa provincia, que tanto se orgulha de contar a V. Ex. entre os seus filhos mais emeritos; e aproveitando esta occasião em que se acha reunida, em sessão ordinaria, vem esta camara, traduzindo o sentir geral de todos os seus municipes, manifestar a V. Ex. o alto apreço em que tem os relevantissimos serviços prestados por V. Ex. á causa publica durante todo o tempo em que tem se achado á testa da administração do Paraná, protestando esta corporação guardar sempre o mais vivo reconhecimento a taes beneficios Deus guarde a V. Ex. — Ilm. e Exm. Sr. Dr. Joao José Pedrosa, dignissimo presidente da provincia — Eduardo Alberto de Andrade Virmond — Eufrasio de Siqueira Cortes — João Antonio Monteiro — Joaquim Xavier da Silveira — Manoel da Cruz Westphalen — Torquato de Pinho Ribas.

Dezenove de Dezembro, de 27 de abril de 1881.

Continuava vereador em 1882, e presidente da câmara municipal da Lapa naquele ano, por ocasião da visita itinerante do bispo de S. Paulo, Lino Deodato Rodrigues de Carvalho, que se deslocou para aquela cidade, aonde chegou em 21 de fevereiro daquele ano e de onde seguiu para Rio Negro, em 28 do mesmo mês, com vultoso acompanhamento até o sítio em que almoçou, a caminho, e aonde o acolitaram Eduardo Alberto, o juiz de direito Conrado Caetano Ericksen, o promotor público, o juiz de paz, o médico Manuel Pedro dos Santos Lima. Lá aguardavam-nos bandeiras, arcos, toldos, espoucar de fogos de artifício e mesa de refeição¹⁴⁹.

¹⁴⁹ *Dezenove de Dezembro*, de 4 de março de 1882.

Aula nocturna na cidade da Lapa—No dia 1.^o do corrente teve logar a installação da aula nocturna creada pela camara municipal daquelle localidade, conforme se vê da acta abaixo transcripta :

«Acta da installação da escola nocturna, creada pela camara municipal desta cidade sob os auspicios do Exm. Sr. presidente da provincia, Dr. Carlos Augusto de Carvalho, e fundada nesta data sob a regencia do professor Libero Teixeira Braga. A' 1 de Junho do corrente anno de 1882, as 8 horas da noite, acharam-se presentes na sala da casa de residencia do professor Libero Teixeira Braga os Srs. presidente e mais vereadores da camara municipal; e á seu convite o Hlm. Sr. Dr. inspector parochial (juiz de direito da comarca); autoridades locais e grande numero de pessoas gradas; e declarando o Sr. presidente da camara qual o motivo de presente reunião, convidou o Hlm. Sr. Dr. inspector parochial á assumir o cargo de presidente da mesma. Comparecendo tambem 20 alumnos para se inscreverem na matricula da aula nocturna, cuja installação ia ter logar, o Hlm. Sr. Dr. inspector parochial depois de demonstrar, por meio de um bem traçado discurso, a grandeza da projectada iniciativa, os beneficos resultados que della provirão, louvando e saudando as pessoas do Exm. Sr. presidente da provincia, dos Srs. presidente e membros da camara municipal desta cidade, e do professor Libero Teixeira Braga, como iniciadores de tão util melhoramento, declarou installada a «Escola nocturna municipal» desta cidade, cuja regencia ficou ao cargo do referido professor Libero Teixeira Braga, que, com prazer, annuo ao cargo que lhe foi feito pela camara municipal.

Em acto immediato, e a convite do Hlm. Sr. Dr. inspector parochial, fizeram uso da palavra os Srs. rev. padre João Evangelina Braga e professor Libero Teixeira Braga, que, igualmente,

proferiram discursos analogos ao acto. Achando-se tambem presente a banda musical «União Lapeana» que espontaneamente, apresentou-se para abrilhantar este acto, o Sr. presidente da camara agradeceu-lhe cordialmente, assim como as demais pessoas presentes o terem concorrido para abrilhantar a inauguração da aula nocturna municipal. Nomeado pelo Illm. Sr. Dr. inspector parochial para servir, ou occupar o cargo de secretario, lavrei a presente acta, que fica assignada por elle, pelos Srs. presidente e membros da camara municipal, e por mim Libero Teixeira Braga, que lavrei-a e subcrevo-a. Lapa, na sala da escola nocturna municipal, era ut. supra.—Conrado Caetano Erichsen.—Eduardo A. de Andrade Wirmond.—Manoel da Cruz Westphalen.—Torquato de Pinho Ribas.—Eufrasio de Siqueira Cortes.—João Antonio Monteiro.—Libero Teixeira Braga.—Confere.—O secretario da camara municipal, *João Antonio Rumalho*.

Dezenove de Dezembro, de 21 de junho de 1882.

Em 22 de junho de 1882, o presidente da província do Paraná (Carlos Augusto de Carvalho), “ligando a maior importância ao estabelecimento de fáceis comunicações entre as sedes dos municípios da Lapa e Rio Negro”, mandou abrir estrada viável a carros e carroças, do que encarregou Eduardo Alberto, que atuaria conforme instruções expedidas pelo governo no mesmo ato¹⁵⁰.

As obras principiaram em 3 de julho daquele ano; ela corria pelo desvio que era mister fazer-se, aquém e a esquerda do rio da Várzea¹⁵¹.

¹⁵⁰ *Dezenove de Dezembro*, de 5 de julho de 1882; *Província do Paraná*, de 25 de julho de 1882.

¹⁵¹ *Dezenove de Dezembro*, de 8, 19 de julho de 1882.

Em 5 de agosto, as obras prosseguiam regularmente: construía-se desvio de 705 metros que transpôs o morro do rio da Várzea, em que se efetuaram grandes cortes e grande movimento de terra; encetava-se outro corte no dito morro. Sete quilômetros de estrada achavam-se roçados e limpos¹⁵².

Por ofício de 1º de agosto do mesmo ano, Eduardo consultou o (mesmo) presidente da província quanto ao custo da empreitada; este respondeu-lhe que o custo mensal deveria limitar-se a 2:500\$000 (dois contos e quinhentos mil réis), com acréscimo extraordinário de 500\$000 (quinhentos mil réis)¹⁵³.

Por dispêndios em que Eduardo Alberto incorreu na construção da estrada, o secretário de governo do Paraná determinou, em 3 de agosto, ao tesouro provincial, pagar-se-lhe (em mãos de seu procurador, João Tobias Pinto Rebelo), com a máxima brevidade, saldo em seu favor, uma vez que, examinadas as contas, fossem achadas conformes¹⁵⁴.

Em 2 de setembro de 1882 a empreitada prosseguiu, pelo que o presidente da província ordenou ao tesoureiro provincial que se pagasse Eduardo Alberto, pelo mês precedente¹⁵⁵. Ordem equivalente emitiu em 7 de dezembro do dito ano, relativamente a novembro do mesmo ano¹⁵⁶.

O presidente da província (Carlos Augusto de Carvalho) oficiou a Eduardo Alberto:

¹⁵² *Dezenove de Dezembro*, de 5 de agosto de 1882.

¹⁵³ *Dezenove de Dezembro*, de 23 de agosto de 1882.

¹⁵⁴ *Dezenove de Dezembro*, de 16 de agosto de 1882.

¹⁵⁵ *Dezenove de Dezembro*, de 18 de outubro de 1882.

¹⁵⁶ *Dezenove de Dezembro*, de 23 de dezembro de 1882.

— A Eduardo Alberto de Andrade
Virmond—Tendo por acto de hontem re-
solvio encarregar v. s da administração
dos trabalhos da construcção de uma es-
trada de rodagem entre a cidade da Lapa
e a villa do Rio Negro, remetto-lhe o or-
çamento organizado pelo engenheiro da
provincia, que v. s. observará quanto for
possivel, e as instrucções convenientes.

A natureza especial do trabalho de que
fica v. s. encarregado não permittindo um
orçamento rigoroso por falta de estu-
dos preliminares das obras a emprehen-
der ou de um reconhecimento em regra,
o que alem de não ser de absoluta neces-
sidade no caso actual demoraria a reali-
sacção de um melhoramento urgentemen-
te reclamado, colloca esta presidencia na
posição de fiar só da probidade e do zelo
do director dos trabalhos.

E', portanto, uma commissão de inte-
ra confiança a de que encarrego v. s. e
não tenho duvida que será cumprida com
o maior proveito e o menor sacrificio
para os cofres provinciaes.

Não obstante as vantagens pecunia-
rias que lhe são offerecidas, o governo
provincial considera serviço relevante o
quevae prestar v. s.

Dezenove de Dezembro, de 8 de julho de 1882.

Estrada da Lapa ao Rio Negro—No dia 3 do corrente, sob a administração do Sr. Eduardo Alberto de Andrade **Virmond**, começaram os trabalhos da estrada da Lapa ao Rio Negro, pelo desvio que era necessário fazer-se, a quem e á esquerda do Rio da Varzea.

Dezenove de Dezembro, de 8 de julho de 1882.

No âmbito da construção da estrada, o diretor do tesouro da província do Paraná ordenou ao coletor da Lapa considerar sem efeito a portaria de número 13 (de 7 do mesmo mês) e cumprir a de número 8, que lhe mandava entregar \$500 a Eduardo Alberto¹⁵⁷.

¹⁵⁷ *Provincia do Paraná*, de 25 de julho de 1882.

Navegação do Rio Negro —

Ao encetar-se a navegação a vapor do Rio Negro, a camara municipal da villa daquelle nome fez lavrar o termo que com prazer abaixo transcrevemos :

«Aos 4 dias do mez de Fevereiro do anno de 1883, nesta villa do Rio Negro, achando-se presentes na barranca do rio que lhe dá o nome, os vereadores Saturnino Olintho da Silva, João Baptista Corrêa, Manoel Netto da Costa Magalhães e Miguel Barbosa de Almeida, com os Exms. Srs. Dr. Carlos Augusto de Carvalho, presidente desta provincia do Paraná, conselheiro Manoel Alves de Araujo, deputado geral pelo 2º districto da mesma provincia, Dr. Conrado Caetano Erichsen, juiz de direito da comarca, tenente coronel Eugenio Ernesto Wirmond, deputado provincial pelo mesmo districto, tenente coronel Antonio Manoel da Cunha, Eduardo Alberto de Andrade Wirmond e grande concurso de povo : atracou ao porto da villa, na margem direita do rio denominado «Negro» o vapor «Cruseiro» de propriedade e o primeiro da empreza do Sr. Amazonas de Araujo Marcondes, trazendo a seu bordo alem do proprietario e tripulação o deputado provincial coronel Manoel Marcondes de Sá, que deviam partir no dia seguinte em companhia de S. Ex. o Sr. Dr. presidente da provincia e mais pessoas que o acompanhavam até o Porto da União no municipio de Palmas. A camara municipal dando o devido valor a tal facto que trará o progresso do seu municipio abrindo uma via facil de communicação para as suas relações commerciaes com uma importante parte da provincia : mandou a bordo do vapor uma commissão, alim de complimentar o empresario, e lavrar este termo para que fique consignado em seu archivo esse acontecimento para ella tão digno de applausos. E nelle assignam os vereadores e mais pessoas presentes. Eu Thomaz Becker, secretario da camara o escrevi.—Carlos Augusto de Carvalho, presidente da provincia do Paraná.— Conselheiro Manoel Alves de Araujo, deputado á assemblea geral legislativa pelo 2º districto da provincia do Paraná.—Conrado Caetano Ericksen, juiz de direito da comarca.— Saturnino Olintho da Silva, presidente da camara.—Miguel Barbosa de Almeida.—João Baptista Correia.—Manoel Netto da Costa Magalhães.—Dulce Henninger.—Catharina Henninger.—Maria da Gloria Costa Faria.—João Vieira Ribas, juiz de paz.—João Bley, collector.—Antonio Bley.—Alfredo Ernesto Jacques Ourique.—Amazonas de Araujo Marcondes.—Luiz Ferreira França, official da secretaria do governo.—Carlos Henrique Darcanchy.—Leonardo Arbignaus, escrivão do registro.—Joaquim Teixeira Soboia, professor publico.—José Elias da Rocha, professor publico.—José Maximiano de Faria Junior.—João Taborda Ribas.—João Silveira de Miranda.—João Prestes Cavalleiro.—Josino Teixeira Soboia.—Tenente Floriano de Castro Lavor.—Bacharel Diogo Rodrigues de Vasconcellos, engenheiro.—Antonio Manoel da Cunha.—Filicio Antonio de Sá Ribas.—Theodoro Ruthes.—Eugenio Ernesto Wirmond.—Eduardo Alberto de

Dezenove de Dezembro, de 19 de fevereiro de 1883. (Navegação do Rio Negro).

—Ao Sr. Eduardo Alberto de Andra-
de Wirmond, administrador da estrada da Lapa ao Rio Negro.— Respon-
dendo ao officio de 24 de Março findo,
no qual v. s. dá conta do estado em
que se acha o serviço da estrada a seu
cargo na secção «Passa Tres» e em que
me consulta si do ponto onde termi-
nou a empreitada de Manoel Cardoso
Moreira, até a cidade da Lapa, na ex-
tenção de 4 kilometros mais ou menos
basta que a estrada seja construida o
mais economicamente possivel, declaro
que na secção por v. s. indicada, só-
mente ficam autorisados os serviços in-
dispensaveis para que não haja diñi-
culdade ao transito por meio de car-
roças.

Dezenove de Dezembro, de 18 de abril de 1883. Despacho do presidente da província do Paraná, de 4 de abril de 1883.

Em 3 de maio de 1883, o presidente da província do Paraná (Carlos de Carvalho) determinou pagarem-se 3:576\$360 (três contos, quinhentos e setenta e seis mil e trezentos e sessenta réis) a Eduardo, por conta da construção da estrada entre Rio Negro e Lapa, como suas derradeiras despesas¹⁵⁸. De fato, por officio de 30 de abril daquele ano, Eduardo participou ao governo provincial a conclusão da obra; em resposta, o mesmo presidente da província (Carlos de Carvalho) declarou ser “grato ao governo provincial reconhecer os bons serviços por v. s. prestados como administrador dessa obra.”¹⁵⁹

Por decreto de 25 de agosto de 1883, Eduardo foi nomeado major comandante da 4ª secção do batalhão da reserva da Guarda Nacional¹⁶⁰.

A chegada a Curitiba, em abril de 1884, de Eduardo Alberto e de sua irmã Maria Luísa (oriundos da Lapa) foram notícia: “Chegaram ant’hontem a esta cidade com suas Exmas. familias o Sr. Eduardo Wirmond e a Exma. Sra. D. Maria Luiza Suplicy”.¹⁶¹ Quatro anos depois, em fevereiro de 1888, outra vinda de Eduardo a Curitiba também foi notícia: “Acham-se entre nós os nossos distinctos amigos Srs. David Pacheco e Eduardo Wirmond. Cumprimentamol-os.”¹⁶²

O passamento do capitão Tobias Pinto Rebelo suscitou publicação em que se convidava para missa de sétimo dia, em 16 de janeiro de 1880, na matriz de Curitiba. Foram invitantes: Eduardo Alberto, João Tobias Pinto Rebelo, Nicolau Pinto Rebelo, José Pinto Rebelo, Lourença Francisca de Assis Rebelo Wirmond, Ubaldina de Assis Andrade, Paulina Francisca de Assis Taborda Ribas (familiares do morto), Tobias de Macedo e Constança Gonçalves (amigos do dito)¹⁶³.

¹⁵⁸ *Dezenove de Dezembro*, de 23 de maio de 1883.

¹⁵⁹ *Dezenove de Dezembro*, de 2 de maio de 1883.

¹⁶⁰ *Dezenove de Dezembro*, de 26 de setembro de 1883.

¹⁶¹ *Dezenove de Dezembro*, de 10 de abril de 1884.

¹⁶² *Dezenove de Dezembro*, de 11 de fevereiro de 1888.

¹⁶³ *Dezenove de Dezembro*, de 14 de janeiro de 1880.

A comunidade da Lapa externou seu reconhecimento pela atuação do presidente da província do Paraná, Manuel de Sousa Dantas Filho, e “especialmente pela atenção com que tem se dignado prestar aos interesses mais vitais desta comarca, outrora tão descuidados”. Dezenas de cidadãos gradados, residentes na Lapa, subscreveram mensagem (datada de 31 de maio de 1880), dentre eles Eduardo Alberto¹⁶⁴.

Em 1884, foi nomeado pelo presidente do Paraná, Luís Alves de Oliveira Belo, como terceiro suplente de juiz municipal (leigo) na Lapa, com exercício de 21 de março de 1884 a 21 de março de 1888¹⁶⁵.

Eduardo foi exonerado da presidência da intendência da Lapa (equivalente ao cargo de prefeito), a pedido, em 18 de dezembro de 1890, e Américo Pereira de Resende, da vice-presidência¹⁶⁶.

Ele possuía na Lapa fazenda de nome Roseira (vide acima, no tópico relativo a seu genro Arthur Supplicity) e onde se recolheu o juiz da Lapa, Caetano dos Santos, na esperança de lá recuperar a saúde, combatida e onde faleceu em 15 de julho de 1885¹⁶⁷.

Havia na Lapa um veterano das guerras napoleônicas, Guilherme Scharnweber, nascido em 1º de janeiro de 1789, em Bernstadt (Hanover) e cujos cem anos celebrou-se (em 1º de janeiro de 1889) com a presença, em sua casa, de comissão de vinte hanoverianos e cidadãos do local: o conselheiro Alves de Araújo, Eduardo Virmond e sua família, Arthur Virmond Supplicity, o acadêmico Hipólito P. Alves de Araújo e outros. F. Etzel, alemão, proferiu discurso, que leu, após haverem coroado o nataliciante com grinalda de folhas verdes entrançadas com fitas largas com as cores da bandeira alemã¹⁶⁸.

Em 1889, o presidente da província do Paraná despachou em requerimentos de Eduardo Alberto: em 11 de setembro: “Ao contencioso”; em 12 de setembro: “Informe a coletoria da Lapa.”¹⁶⁹

No posto de major da Guarda Nacional, Eduardo consultou (em 9 de setembro de 1889) o presidente do Paraná sobre quem o substituiria no comando da Guarda Nacional da comarca da Lapa, ao que obteve resposta: o tenente-coronel Nicolau Valério, se legitimamente impedidos o coronel Manuel Pacheco de Carvalho e o tenente-coronel Antonio Manuel da Cunha, seu imediato por antigüidade¹⁷⁰.

Em 1º de junho de 1893, Eduardo Alberto e Custódio Moreira Porto constituíram sociedade mercantil em sucessão de Nicolai & Porto, para comércio de armarinho, modas, perfumaria, ferragens, tintas e drogas, com a denominação Virmond, Porto & Companhia¹⁷¹.

Eduardo desposou Lourença Francisca de Assis Pinto Rebelo (Nina, de apelido; nasceu em 1845, morreu em 1915), filha de Tobias Pinto Rebelo e de Benedita Francisca de Assis de Andrade, neta de Inácio Lustosa de Andrade.

¹⁶⁴ *Dezenove de Dezembro*, de 17 de junho de 1880.

¹⁶⁵ *Dezenove de Dezembro*, de 4, 7 de março de 1884.

¹⁶⁶ *A Republica*, 3 de dezembro de 1890.

¹⁶⁷ *Dezenove de Dezembro*, de 16 de julho de 1885.

¹⁶⁸ *Dezenove de Dezembro*, de 17 de outubro de 1889. Guilherme Scharnweber faleceu em 13 de outubro de 1889 (*ibidem*).

¹⁶⁹ *Dezenove de Dezembro*, de 12 de setembro de 1889.

¹⁷⁰ *Dezenove de Dezembro*, de 23 de setembro de 1889.

¹⁷¹ *A Republica*, de 7 de julho de 1893.

NOTAS DIVERSAS

Realizou-se sabbado com grande acompanhamento o enterramento do venerando sr. coronel Eduardo Alberto Andrade Wirmond, natural da cidade da Lapa. O extinto era filho do finado sr. Frederico Guilherme Wirmond e de d. Maria de Andrade Wirmond.

Era pae dos nossos distinctos correli-gionarios srs. tenente coronel Nestor Wirmond, major Ovidio Wirmond e de d. d. Eugenia Wirmond Suplicy, esposa do sr. coronel Arthur Suplicy, Maria Wirmond Machado, esposa do sr. dr. Reynaldo Machado, e Paulina Wirmond Carnasciali, esposa do sr. Olivo Carnasciali.

Compareceram ao enterramento do extinto paranaense, s. exa. o sr. dr. Affonso Camargo, Presidente do Estado, altas autoridades e muitos amigos da familia.

A Republica, 26 de dezembro de 1916.

00		CORONEL EDUARDO WIRMOND
00		Dr. Reynaldo Machado e
00		familia, Arthur Suplicy e
00		familia, Olivo Carnasciali
00		e familia, Nestor Wirmond e fami-
00		lia, penhorados agradecem às pes-
00		soas que acompanharam o sahi-
00		mento de seu sogro, pae e avô co-
00		ronel Eduardo Wirmond, fallecido
00		no dia 23 do corrente, e convidam
00	aos parentes e amigos para assis-	
00	tir á missa que mandam celebrar	
00	na Cathedral do Bispado, sexta-	
00	feira proxima, ás 8 1/2 horas, 7º	
00	dia do fallecimento.	
00	Contessam-se eternamente gra-	
00	tos por mais este acto de piedade	
00	e religião.	
00	Será celebrante o Revm. Monse-	
00	nhor Celso. 1-1	

A Republica, de 28 de dezembro de 1916.

Tiveram, entre outros:

2.1 Eugênia Francisca Rebelo Virmond, que nasceu na Lapa em 20 de julho de 1866. Foi lá batizada em 13 de setembro de 1866, no mesmo dia e com seu primo e futuro marido, Arthur Virmond Suplicy; teve por padrinho a Tobias Pinto Rebelo e por madrinha a Maria Isabel Virmond¹⁷² (seus avós).

¹⁷² Livro de batizados da igreja da Lapa, de número 7, folha 75, verso.

Morreu na Lapa, em 11 de fevereiro de 1923, em consequência de diabete, cujos efeitos se lhe desencadearam ao cortar pêssegos, para compotas, em casa.

D. Eugenia Wirmond Suplicy
 Por notícias particulares, soube-
 mos ter fallecido hontem, em La-
 pa, ás primeira horas da noite, a es-
 timada senhora d. Eugenia Wirmond
 Suplicy, esposa do sr. Arthur Supli-
 cy, sub-prefeito naquella vizinha
 ção.

A morte de d. Eugenia Wirmond
 veio cobrir de luto as sociedades la-
 peana e curitybana, onde a extincta,
 com o seu coração bonissimo e os
 bellos predicados que lhe ornavam o
 caracter, conseguiu um numero in-
 calculavel de amigas sinceras e de-
 dicadas.

A extincta era casada com o sr.
 Arthur Suplicy, deixando na orphan-
 dade as seguintes filhas: Lourença,
 casada com o sr. Bilió Vidal, com-
 merciante desta praça; Alice, casada
 com o sr. Alfredo Lacerda, com-
 merciante em Lapa; Olga, casada
 com o sr. Lysandro de Almeida, com-
 merciante em Rio Negro; Izaura, ca-
 sada com o sr. Avelino Lacerda,
 commerciante em Lapa; Helena, Ma-
 ria Luiza e Eduardo.

A' familia enlutada, enviamos pe-
 zames.

AGRADECIMENTO

O sr. Arthur Suplicy enviou-nos
 da Lapa delicado cartão de agrade-
 cimento ás referencias que fizemos
 por occasião do fallecimento de sua
 exma. esposa, ha dias occorrido n'a-
 quella cidade.

Diário da Tarde, 12.2.1923.

Diário da Tarde, 20.2.1923.

MISSAS

Amanhã, será rezada na Cathe-
 dral do Bispado, ás horas 8.30, u-
 ma missa que as familias Carnegia-
 li, dr. Virmond de Lima, mandam
 celebrar em suffragio á alma da
 saudosa sra. Eugenia Francisca Vir-
 mond Suplicy.

Diário da Tarde, de 16 de fevereiro de 1923.

ANDRADE.

Manuel Ferreira de Andrade era proprietário de loja de secos e molhados; faleceu na cidade do Rio de Janeiro em 12 de maio de 1829; ao tempo morava com os seus no lugar Cabaceiro, foreiro das terras do senador Jacinto Furtado de Mendonça, na freguesia de Irajá, distrito de N. S. da Penha.

Deixou viúva; fez-se-lhe inventário, com partilhas em 1834. Sua filha e herdeira Maria Isabel de Andrade Virmond recebeu 394\$582¹⁷³.

Possuía muito serviço de cristal, quadros, 28 escravos, casa em Cabeceiro, hábito da ordem de Cristo (com que foi condecorado em 1821), um relógio de ouro.

Requeru a D. João VI a graça de cavaleiro fidalgo, em petição em que o Visconde do Rio Seco emitiu parecer favorável¹⁷⁴.

Teve, por filhos (com suas idades em 1829):

Maria Isabel, de 21 anos (já casada com Frederico Guilherme Leonardo Virmond).

Isabel Maria, 20,

José Maria, 17,

Manuel, 16,

¹⁷³ O inventário acha-se no Arquivo Nacional do Brasil.

¹⁷⁴ Vide: Jurandir Malerba, *A corte no exílio*. Companhia das Letras, Brasil.

Camilo Maria, 13¹⁷⁵,
 Augusto Maria, 12,
 Edeltrudes Maria Amália, 10,
 João Maria, 8,
 Cândida Virgínia Anacleto, 6,
 Albino Maria, 4,
 Garcinda Maria Amália, 14 meses.

VIRMOND.

No segundo livro de batismos da primeira igreja anglicana da cidade do Rio de Janeiro constam os batizados dos primeiros cinco filhos de Frederico Guilherme Virmond e de Maria Isabel Amália, o que lhes prova a nasença lá:

- 1- Maria Luísa Edeltrudes, nascida em 29 de maio de 1826 e batizada em 25 de julho de 1826.
- 2- Carolina Amália, nascida em 8 de fevereiro de 1828 e batizada em 11 de maio de 1828.
- 3- Frederico Guilherme Leonardo, nascido em 20 de maio de 1829 e batizado em 15 de novembro de 1829.
- 4- Sofia Mariana, nascida em 17 de setembro de 1830 e batizada em 27 de fevereiro de 1831.
- 5- Emília Ester, nascida em [...] e batizada em 19 de julho de 1832.

(Essas averiguações corrigem a informação de David Carneiro, nos capítulos V e VII da sua biografia de Frederico Guilherme Virmond, de que eram cariocas os três primeiros filhos de Frederico).

Nos registros de estrangeiros da cidade do Rio de Janeiro¹⁷⁶ constam:

1- Henrique Everardo Virmond, prussiano, comerciante, com 28 anos em 1819, alto, de olhos azuis, partiu da cidade do Rio de Janeiro para Lima.

2- J. W. Virmond, alemão, comerciante, presente no Rio de Janeiro em 1818, com 26 anos, solteiro; era conhecido do negociante Antonio Gomes Barroso; veio de Amesterdão no navio La Ville de Gand.

3- P. E. Virmond, alemão, comerciante, presente no Rio de Janeiro em 1818.

4- Frederico Guilherme Virmond. Em 10 de janeiro de 1821, consta, ao lado de seu nome Frederico Guilherme Virmond: natural da Prússia, de idade 28 anos, negociante na corte, com bastante barba, parte para Campos, apresentou atestado do embaixador da sua nação.

Aos 10 de dezembro de 1821 partiu da cidade do Rio de Janeiro para Campos.

Em 9 de janeiro de 1833 consta o mesmo nome e mais: negociante, casado com D. Maria Amália de Andrade, brasileira e cinco filhos menores, veio da Alemanha em 1818 e agora retira-se para o Paraná. É morador na rua de Mata Porcos. Apresentou atestado do cônsul e assinou. Retirou-se para Paranaguá em 9 de janeiro de 1833 (o que elucida a dúvida de David Carneiro da sua biografia de Frederico Virmond: desconhecia se viera por terra ou por mar. Viajou por mar do Rio a Paranaguá, de onde terá subido a serra pelo caminho da Graciosa). Consta como: alto, claro, de olhos azuis, cabelos curtos, nariz grosso, boca regular, rosto comprido, barbacena.

¹⁷⁵ Camilo Maria Ferreira de Andrade radicou-se em Itaboraí; desposou Gertrudes Rosa de Oliveira e tiveram: Nuno, Maria Carlota Hine, Armínio, Camilo Júnior, Adelaide Augusta Burlamaque.

Nuno Ferreira de Andrade (1851 — 1922) foi importante médico no Rio de Janeiro, professor de Clínica Médica na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro; é patrono da cadeira de número 60 da Academia Nacional de Medicina.

Nuno desposou Maria Carlota Torres Cotrim; tiveram: Olga, casada com Fernando Augusto Ribeiro de Magalhães, eleito em 1926 para a Academia Brasileira de Letras; Dagmar Cox (nome de casada); Maria Carlota Cotrim de Andrade.

David Carneiro (1904 — 1990) informou Arthur Virmond de Lacerda Neto do parentesco dos Virmonds com Camilo, Nuno e Fernando, de que, portanto, havia ciência na família, apesar da distância geográfica, cronológica e de parentesco.

¹⁷⁶ No Arquivo Nacional do Brasil.

No inventário do seu sogro declarou, em 1834, residir na rua da Quitanda e ter comércio por atacado na da Alfândega¹⁷⁷.

SUPPLICY¹⁷⁸.

Registro de entrada de estrangeiros no porto do Rio de Janeiro¹⁷⁹:

João Francisco Tiago Estevão Saturnino Vitor Supplicity (Jean François Jacques Etienne Servin Victor). Registro de 29 de janeiro de 1836: veio da França (é a data do registro e não a em que veio da França). 29.7.1836: parte para Montevidéu. 30.5.1839: foi para Santos. 13.6.1839: foi para Paranaguá. 31.6.1839: veio de Santos.

Chegou ao Rio de Janeiro em 1829; era solteiro, ourives, morador na rua do Ouvidor, número 211, veio da França no navio Correio do Brasil, número 3; tinha estatura regular, claro, cabelos pretos, olhos escuros, nariz e boca regulares, com barba ruiva e bastante.

Em 1839: era solteiro, caixeiro, morador na rua S. Francisco de Paula, veio de Santos na sumaca Felis [...].

Em 1841 partiu para Havre, tem 36 anos, solteiro, ourives, estatura ordinária, rosto comprido, bastante barba, olhos grandes. Identificou-se como João Francisco Supplicity Júnior, o que não significava filho de pai homônimo e sim “o moço”, ou seja, homônimo de outro, mais velho, a saber, seu avô e não seu pai. No registro do códice 423 do Arquivo Nacional do Brasil, consta, por lapso, Jacó em lugar de João.

Luís João José Domingos Benjamin Supplicity (Louis Jean Joseph Dominique Benjamin). Era germano de João Francisco: emigrou da França em 1834, no bergantim Les deux Edouards. Em 1836 tinha 32 anos, era casado, ourives, morador na rua da Ajuda, número 18. Era alto, claro, de cabelos pretos, olhos pardos, nariz e boca regulares, com pouca barba e picado de bexigas (seqüela de varíola). Radicou-se na cidade de São Paulo, com abundante geração, dentre a qual Cochranes Supplicys e Matarazzos Supplicys.

LACERDA.

Manuel José Correa de Lacerda. Assento de 1833 de entrada de estrangeiros no porto do Rio de Janeiro¹⁸⁰: natural do Porto, com 18 anos, solteiro, caixeiro na rua de S. Pedro, número 30, veio do Porto da galera Comércio Marítimo, entrada no porto do Rio de Janeiro em setembro de 1829; apresentou habilitação, foi abonado por Lourenço Fernando da Costa, morador na travessa da Candelária, número 32. Obrigou-se a declarar qualquer mudança e assinou. Tinha estatura ordinária, era claro, de olhos pardos, nariz e boca grandes, rosto comprido, cabelos louros, pouca barba.

Batistério de Manuel José Correa de Lacerda:

Manuel, filho legitimo de Joaquim Jose Correa de Lacerda e sua mulher Victoria Joaquina de Santa Crus moradores na aldeia de Santo Antonio nasceo aos seis de Dezembro de mil oitocentos e quinze foi por mim baptisado aos desaseste deste mez como foi Padrinho Manuel de Araújo e Souza Lobo e Madrinha Dona Josefa Gertrudes Fragoso mulher de Antonio Ribeiro de Carvalho neto materno de Manuel Jose Correa de Lacerda da vila de Viana, e mulher Thomazia Maria da freguesia de Victoria e materno de Lourenço Antonio dos Santos da freguesia de São Lourenço D`armes e sua mulher Anna Rosa dos Santos da freguesia de Nossa Senhora do O da cidade de Algarves de que fiz este assento.

Jose C^a de L^a João [...] Joaquim Jose Antunes

¹⁷⁷ Arthur Virmond de Lacerda Neto possui duas varas de medir, de madeira, com marcas em alto relevo de aferição de medida, correspondentes aos dois últimos Algarismos do ano da aferição (por exemplo: 35 indica o ano da conferência de 1835); pertenceram à Frederico Virmond, que as usava em sua venda.

¹⁷⁸ O nome é Supplicity, com dois pê. Por ocasião da reforma ortográfica de 1943, no Brasil, os do nome, erroneamente, suprimiram-lhe um.

¹⁷⁹ No Arquivo Nacional do Brasil.

¹⁸⁰ No Arquivo Nacional do Brasil.

Antonio filho natural de Lourenço Rosa e [...] moradora¹⁸¹

LACERDAS NO PORTO¹⁸².

Manuel José Correa de Lacerda morreu no Porto, em 28 de agosto de 1792; com sua mulher Tomásia Maria, teve:

- 1.1 **Joaquim José Correa de Lacerda**, batizado no Porto, em 21 de janeiro de 1781; tinha (de seis dedos, cujo retrato acha-se na Casa Lacerda); casado com Vitória Joaquina de Santa Cruz. Tiveram:
 - 2.1 Francisco José Correa de Lacerda, nasceu em 1809; morreu no Porto em 2 de maio de 1858.
 - 2.2 Maria Correa de Lacerda, batizada no Porto em 29 de outubro de 1811.
 - 2.3 **Manuel José Correa de Lacerda**, batizado no Porto em 6 de dezembro de 1815; com geração na Lapa, Paraná.

EM casa de Manoel José Corrêa de Lacerda, na villa do Principe, acha-se ha mais de um anno um cunhete de aço, e ja marca não se distingue, mandado de Morretes pelo snr. Ernesto Antonio de Araujo, a quem pode dirigir-se a pessoa a quem pertencer.

Dezenove de Dezembro, de 29 de outubro de 1856.

Abriu-se, em 1858, subscrição para instalação de biblioteca pública no Paraná, a que acudiram muitas subscrições, de 2 réis, 5, 8, 10, 20, 40. Manuel José concorreu com 10 réis¹⁸³.

**PHOSPHATO
DE FERRO SOLUVEL DO DR. LERAS.**

Este maravilhoso especifico, de que tão felizes resultados se tem obtido nas molestias que mais perigosamente affligem a humanidade, taes como: as flores-brancas (leucorrhœa), falta ou diminuição dos globulos do sangue (anemia), ictericia branca (chlorose), falta de menstruação (amenorrhœa), fraqueza e difficuldade na digestão (dyspepsia), emagrecimento sem causa conhecida (emaciação), escrophulas, gastralgia, dores nervosas, &c. &c., vende-se em Paranaguá, em casa do agente nesta provincia, Francisco José Teixeira de Magalhães, rua do Rosario n. 1, e nos depositos seguintes: Morretes, Rodrigo José de Freitas & C.ª; Curityba, Manoel Gonsalves dos Santos; Lapa, Manoel José Corrêa de Lacerda; Ponta Grossa, Joaquim Procópio de Sousa Castro; Castro, Joaquim Teixeira Cardoso Pimental.

Dezenove de Dezembro, de 16 e 21 de novembro de 1859.

¹⁸¹ Arquivo Distrital do Porto, livro B, número 28, folha 215, verso, freguesia de Santo Ildefonso, Porto, Portugal.

¹⁸² As informações relativas ao Porto, no sítio de Family Search, exceto a data natal de Manuel Correia de Lacerda (constante na lápide do seu túmulo) e a de batizado de Manuel José Correia de Lacerda. Acesso em 28.X.2019.

¹⁸³ Dezenove de Dezembro, de 11 de agosto de 1858.

VENDE-SE uma parte de campo em commum com os herdeiros do finado Manoel Ferreira Cardoso, contendo heruaes, na fazenda denominada—S. Bento—districto da villa do Principe, fazendo frente com o rio da Varzea, e bem assim duas partes de terrenos lavrados e cultura, com heruaes e invernaedores, no lugar denominado—Barreiros—em commum com os herdeiros do dito fivado, e no municipio da mesma villa. O sr. Manoel José Corrêa de Lacerda, naquelle municipio, se acha autorizado para fazer venda, e em Morretes o abaixo-assignado, como proprietario dos terrenos acima declarados.

Curityba, 19 de março de 1860.

Joaquim Antonio dos Santos Sousa.

Dezenove de Dezembro, de 21 de março de 1860.

DECLARAÇÕES.

Pelo tabellionato da villa do Principe se faz publico, que no dia de hoje, ás 4 horas da tarde, por Manoel José Corrêa de Lacerda foi apontada e protestada com as formalidades da lei uma letra da quantia de 200\$000 contra o devedor Antonio Pires de Camargo e seu fiador Luciano Palhano e Silva ; o devedor e fiador não consta onde moram ; cuja letra foi descontada na thesouraria desta provincia por João Francisco Suplicy em data de 16 de setembro de 1859. E para que conste a quem convier se faz o presente annuncio na forma que dispõe o art. 411 do Código Commercial. Villa do Principe, 9 de abril de 1860.—*João Domingues Garcia.*

Dezenove de Dezembro, de 21 de abril de 1860.

Foi notícia na folha *Dezenove de Dezembro*, em 1864, o embarque de Paranaguá para o Rio de Janeiro (por Santos), de Manuel José, no dia 2 de julho, pelo vapor Imperador¹⁸⁴. Em 28 do mesmo mês, estava de volta: naquele dia desembarcou em Paranaguá, do mesmo vapor¹⁸⁵. Dois anos depois, em 1866, em 13 de

¹⁸⁴ *Dezenove de Dezembro*, de 13 de julho de 1864.

¹⁸⁵ *Dezenove de Dezembro*, de 3 de agosto de 1864.

junho, embarcou em Paranaguá, no vapor Tijuca, com destino ao Rio de Janeiro¹⁸⁶; foi-lhe excursão de um mês aproximadamente, posto que em 15 de julho já estava de regresso¹⁸⁷.

De outro de seus deslocamentos ao Rio de Janeiro, estava de regresso em 22 de agosto de 1873, como passageiro do Camões¹⁸⁸.

Algumas dezenas de moradores do escol da Lapa submeteram, em março de 1866, ao bispo de S. Paulo proposta de regimento de irmandade do Santíssimo Sacramento, por instalar-se lá. O bispo, Sebastião Pinto do Rego, aprovou-a em 15 de março daquele ano e dele Manuel José foi um dos signatários¹⁸⁹.

¹⁸⁶ *Dezenove de Dezembro*, de 7 de julho de 1866.

¹⁸⁷ *Dezenove de Dezembro*, de 18 e 21 de julho de 1866.

¹⁸⁸ *Dezenove de Dezembro*, de 23 agosto de 1873.

¹⁸⁹ *Dezenove de Dezembro*, de 19 de setembro de 1866.

APEDIDO.

LAPA.

Cópia.—N. 26.—Ilm. Sr.—A camara municipal desta cidade, interpretando os sentimentos de admiração e reconhecimento que nutram seus munícipes pelas eminentes qualidades que tiram o caracter de V. S., não pôde deixar de vir deplorar nas mãos de V. S., a expressão de seu pezar pela retirada de V. S. deste termo.

Não deve esta camara enumerar nesta occasião as provas de cultura, civilidade e cavalheirismo, e as de criterio, intelligencia, honestidade e justiça que V. S. potentou durante o curto tempo em que aqui exerceu a jurisdicção de seu cargo, mas foram ellas tão e tantas que esta camara pôde espontaneamente afirmar que o nome de V. S. ficará eternamente gravado com honra e gloria no coração de seus munícipes como o symbolo da honra e integridade.

Esta camara, desajuzado a V. S. propositos e dilatações de s. agradece os serviços por V. S. prestados a este termo, e concisamente felicitando na pessoa de V. S. o termo da capital pela aquisição excellente que acaba de fazer com a compra de V. S. Deu guarde a V. S. Pela sua comarca municipal da Lapa, 3 de Maio de 1873.—Ilm. Sr. Dr. Joaquim Ignacio Silveira da Mota Junior, antigo juiz municipal e actual do termo de Curitiba.—Joaquim Pacheco da Silva Rezende.—Joaquim Rezende Corrêa de Lacerda.—Antonio d'Andrade Pereira.—Enygdia Westphalen.—Benedito de Siqueira Cortes.—Luiz José dos Santos Lima.—Alexandre Luiz da Silveira.—Joaquim Antonio Monteiro.

Confere.—O secretario da camara, P. F. de Souza Magalhães.

Os abaixo assignados apreciadores da intelligencia e do merito não podem ceder e deixar no silencio os sentimentos de que estão possuidos pela retirada do Ilm. Sr. Dr. Joaquim Ignacio Silveira da Mota Junior, ex-juiz municipal deste termo, cujo trato ameno, e bondades inextinguíveis o tornam creditado de sympathia e eterna amizade daquelles que o conheceram. E com profundo pezar que os abaixo assignados e em geral os habitantes deste termo assistem a retirada do referido Dr. para o termo da capital, e vem por isso dar um publico testimonio de que a sua memoria ficará perpetuamente gravada nos seus corações, como symbolo da imparcialidade e justiça como juiz, franqueza, amabilidade e cavalheirismo como haorem.

Cidade da Lapa, 4 de Maio de 1873.

Joaquim Pacheco da Silva Rezende.

Joaquim Pacheco da Silva Rezende.

Miguel José Corrêa de Lacerda.

Joaquim Rezende Corrêa de Lacerda.

Anacleto Pires de Lima.

Alexandre Luiz da Silveira.

Fernando Westphalen.

José Vieira Nunes.

Firmino José dos Santos Lima.

Antonio Alves de Oliveira.

Genipio Pereira Ramos.

Miguel de Paula Xavier.

Eufrazio de Siqueira Cortes.

Antonio Rodrigues da Silva.

Pedro Fortunato de Souza Magalhães.

Deliano Domingues Teixeira.

Miguel de Paulo Soares Matos.

Francisco Manoel da Silva Braga.

Miguel Pedro dos Santos Lima.

Pedro Fortunato de Souza Magalhães junior.

Miguel Corrêa de Lacerda.

Antonio Barbosa d'Almeida.

Joaquim Antonio Monteiro.

Opolito Ignacio d'Almeida Faria e Souza

Nicolas Gonçalves Padilha.

Antonio José Mathews.

Francisco Manoel Guimarães.

José Ferreira Emanoel.

Francisco Alves Guimarães.

Joaquim José Rodrigues.

José Domingues Garcia.

Emanuel Alves d'Oliveira.


Constantino d'Almeida Faria.

José Maximiano de Faria.

Rufino Pereira Ramos,
 Benedicto de Siqueira Cortes,
 Antonio Pacheco Lima,
 Eugenio Ernesto Virmond,
 Miguel José Corrêa,
 João d'Almeida Barbosa,
 Vicente José de Oliveira,
 João Caetano da Silva.

Dezenove de Dezembro, de 10 de maio de 1873.

ANNUNCIOS.




Bernardo José Ribeiro Vianna e João Carvalho de Oliveira, convidam as pessoas de sua amizade á assistirem uma missa que mandam celebrar na igreja matriz desta cidade, quinta-feira 13 do corrente ás 8 horas, pelo repouso eterno de seu finado amigo Manoel José Corrêa de Lacerda, fallecido na cidade da Lapa no dia 31 de Dezembro findo; pelo que se confessam gratos. Curitiba, 12 de Janeiro de 1876.

Dezenove de Dezembro, de 12 de janeiro de 1876.

O *Dezenove de Dezembro* de 8 de janeiro de 1876 participou a morte de Manuel José e publicou convite de missa comemoradora dele. Eis a participação: “FALLECIMENTO — Falleceu na cidade da Lapa, o importante negociante daquella praça, Manuel José Correa de Lacerda”. No mesmo dia a mesma gazeta publicou convite para missa, da parte de Luís Manuel Agner e Bento Antonio de Menezes.

ANNUNCIOS.



Luiz Manoel Agner e Bento Antonio de Menezes, convidam aos seus amigos e mais pessoas á assistirem no dia 10 do corrente as 8 1/2 horas da manhã na igreja matriz desta cidade, uma missa que mandam celebrar pelo repouso da alma de seu presado amigo Manoel José Corrêa de Lacerda fallecido na cidade da Lapa, por cujo acto de religião se confessam agradecidos.

Dezenove de Dezembro, 8 de janeiro de 1876.

Falleceu na cidade
da Lapa, victima de uma congestão cerebral, segundo somos informados, o honrado negociante d'aquella cidade, o snr. Manoel José Correa de Lacerda, pai do nosso distincto amigo o snr. Joaquim Resende Corrêa de Lacerda.

Este funesto acontecimento deve ter espalhado a conternção entre os concidadãos do finado, que gosava de geral estima na localidade em que residia.

Associamos-nos a dor que compunge toda sua familia, e especialmente ao nosso amigo o snr. Joaquim Lacerda damos os nossos sinceros pesames.

Província do Paraná, de 9 de janeiro de 1876.

—A's 4 da manhã do ultimo dia do anno findo falleceu nesta cidade, depois de oito mezes de acerbos padecimentos, o sr. Laurindo José Portes, antigo tropeiro de bestas soltas, que depois de ter visto quasi extinta a sua pequena fortuna, adquirida a custa de muito trabalho, perseverança e energia, que nunca o abandonara, ia começando de novo a encher os annos prazenteiros da prosperidade, mal pensando que no meio do seu afan seria acometido pela insuperavel molestia que o prostrou para sempre.

Duas horas depois foi acometido de um ataque cerebral o importante e antigo negociante desta praça o sr. Manoel José Correa de Lacerda e com tal violencia que nenhum recurso lhe pode ser ministrado. Foi immenso o sobresalto e profunda amagoa que se apoderou de todos os habitantes da cidade ao propar-se esta noticia, tão lugubre e tão contristadora.

Ninguem podia crer que n'um instante incommensuravel havia desaparecido do mundo um homem cuja falta era para sua numerosa familia, a quem dedicava um extremo inexcedivel, e para seus sinceros amigos um vacuo que jamais se poderia encher.

A prematura e instantanea morte do sr. Manoel José Correa de Lacerda, deixando uma viuva inconsolavel e grande numero de orphãos, foi na verdade aqui recebida como um desastre, que na manhã do dia 31 de Dezembro ultimo ahio sobre esta cidade, e foi tal a condolencia publica que ao sahimento do finado acompanharão cerca de 250 pessoas.

Sirva-nos de lenitivo á esta

grande magoa a lembrança de que
ahi fica o seu prestimoso filho, o
tenente Joaquim Resende Correa
de Lacerda, para amparar aquella
inconsolavel familia, a quem todos
manifestaram os seus pesames.

Província do Paraná, de 9 de janeiro de 1876.

Ao lamentar o trapasse de Joaquina de Paula Westphalen, esposa de Emídio Westphalen (ocorrido em 17 de janeiro de 1876), o necrológio da *Província do Paraná* lamentou-lhe a morte e recordou a então recente de Manuel José, figura que qualificou de “pai extremoso e dedicado esposo”¹⁹⁰.

¹⁹⁰ *Província do Paraná*, de 23 de janeiro de 1876.

A REPUBLICA

EPITETUM

Distribuição: hontem á noite o seguinte:
 «No. 17 de Junho de 1890.
 Ao Governador do Paraná.

A' vista do vosso telegramma, podem subsistir as agencias fiscaes creadas para cobrança imposto sobre o mato, uma vez que, segundo affirmas, não são em territorio contestado—Ministrio do Interior.»

—♦♦♦♦—

Quanto ás barreiras

Ao illustrado cidadão governador do Estado dirigiram distinctos commerciantes da Lapa a seguinte mensagem:

O commercio da Lapa vem dar parabens ao energico e illustrado Governador, na pela publicação e mui acerta da criação das barreiras na zona que separa este Estado do de Santa Catharina. Esta medida, que foi recebida com grande acceitação e jubilo, trará indubitavelmente, como consequencia o aumento de mais um terço sobre as rendas deste Estado, que tem sido victimado pelo de S. Catharina que, sempre insaciavel, procura com grande danno do Paraná, estender o seu territorio. Releva notar que emquanto o Rio Negro e Lapa se definhão, aolhos vistos, S. Bento, que é o vampiro deste Estado, floresce e lo-cupleta-se á custa delle quando é sabido que o chão sobre o qual demora a colonia de S. Bento, foi medi-do á expensas do Paraná.

E' preciso, em bem do Commercio e dos mais vi-taes interesses deste Esta-do, que V. Ex. mantenha, com toda a energia, o seu acto tão louvado e de in-contestada justiça.

Uma outra providencia, que deve produzir beneficos resultados, é a da colloca-ção de um homem que al-liando a seriedade ao pres-tigio, saiba no Rio-Negro, fazer-se respeitado pelos nossos irrequeitos visinhos que não cessão de pertur-bar-nos com os seus so-nhos que os levão a pensar que o Paraná deve ser par-tilhado entre elles.

Saude e fraternidade.

Lapa, 14 de Julho de 1890.

José Lacerda & Irmãos,
 Manoel José Correia Lac-
 erda, Joaquim Rezende
 C. de Lacerda, Americo
 Pereira Rezende, João Jo-
 se Correia de Lacerda, Ma-
 noel Correia de Lacerda,
 Manoel Rodrigues Pereira
 Pinto por Loyda & Rebel-
 lo, Manoel Rodrigues Pe-
 reira Pinto Braga & Filho,
 A. Braga & C., Guillher-
 me da Silva Braga, Olym-
 pio Westphalen, Julio Vi-
 cira Neves, José Maria
 Sarmento de Senna, João
 Antonio Martins, Viuva
 Barbosa, Antonio Tavares
 de Miranda, Jorge de Oli-

Veira Vargas, Germano
 Elke, João Pacheco dos
 Santos Lima, Victorino
 Alves dos Santos, Francis-
 co de Paula Xavier, Eri-
 rasto Siqueira Cortes Fi-
 lho, A. Monteiro, João
 Maximiano de Faria, João
 Rodrigues da Silva, Anto-
 nio de Siqueira Cortes, Ma-
 noel Enração de S. Cortes,
 Benedicto Theresio de Car-
 valho, **Artur Siqueira**, Mi-
 guel José Correia, João
 Manoel da Silva Braga,
 Antonio Braga de Carvalho.

—♦♦♦♦—

O *Diario Official* confirma o *conselho* que damos de ter si-
 do nomeado o dr. Francisco
 Luciano Teixeira para o car-
 go de juiz de direito do Tribu-
 nal.

Os nossos parabens ao dis-
 tincto cidadão.

—♦♦♦♦—

Licenças

Por acto de 10 do corrente
 o Governo do Estado conce-
 deu 3 licenças de honra ao
 B. Francisco Peixoto de La-
 cerda Werneck, Juiz Muni-
 cipal e de Orphãos do termo
 de Guarapuava.

Por acto de 15 foram con-
 cediidos 45 dias de licença ao
 cidadão João Manoel Ribeiro
 Vianna, presidente da Inten-
 dencia de Antonina para fra-
 tar de seus interesses fora
 deste Estado.

—♦♦♦♦—

Paranaguá

Sob proposta do dr. Chefe
 de policia foi nomeado para o
 cargo de subdelegado de Pol-
 icia de Paranaguá o cidadão
 Pedro Alves de Paula em
 substituição ao cidadão João
 Bernardino Carneiro que pe-
 diu exoneração.

—♦♦♦♦—

Superintendencia do ensino

Sob proposta do dr. su-
 perintendente geral do en-
 sino foram feitas as seguin-
 tes nomeações:

Para a cadeira promi-
 ssa de Paranaguá, d. Ma-
 ria Clara Farigol;

Para 2.ª cadeira promi-
 ssa da capital, D. Emilia
 Guimarães, removida da
 villa de Glycerio;

Para a desta foi removida a
 da villa de Bocayuva, d.
 Priscillanada Costa Albreu;

Para a cadeira da villa
 de Bocayuva, foi nomeada
 d. Mathilde Machado.

TELEGRAMMAS

No. 17.

Sahio para Sul «Rio Par-
 do»

SABÃO—TERRAS DE COLONIAÇÃO
 FRANCO-PITA

EDITAES

Inspectoria Especial das Ter-
 ras e Colonização

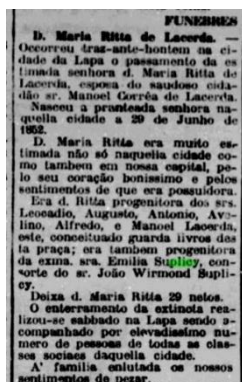
De ordem do Sr. Dr. Inspector Es-
 pecial declaro se aberta a con-
 currença para a construção de du-
 as hospedarias para imigrantes,
 sendo uma nesta capital e outra em
 Itanhangá.

A plantas schim-se nesta Inspe-
 ctoria e na Agencia de Colonização

Manuel José Correa de Lacerda desposou Leocádia Cassiana Pereira de Resende (filha de Rita Joaquina Guimarães e do major Joaquim Pereira de Resende); tiveram, dentre outros:

3.1 Coronel Joaquim Resende Correa de Lacerda, chefe da resistência da Lapa, em 1894 (comandado do general Gomes Carneiro).

3.2 **Maria Rita Correa de Lacerda**, Nhála, de alcunho. Nasceu na Lapa, em 1852; lá morreu em 1920.



Diário da Tarde, 12.7.1920.

Desposou seu primo Manuel Correa de Lacerda (Lacerdinha). Tiveram, dentre outros:

4.1 **Avelino Correa de Lacerda**, casado com Isaura Virmond Suplicy.

2.4 **Joaquim José Correa de Lacerda Júnior**. Nasceu no Porto em 1813; casou-se, em 26 de novembro de 1835, no Porto, com Teresa Bernardina Cândida, filha de Manuel José Alves Ribeiro e de Teresa Bernardina Rita Cândida¹⁹¹. Joaquim e Teresa tiveram:

3.1 **Manuel Correa de Lacerda (Lacerdinha)**. Nasceu no Porto em 1839; morreu na Lapa em 1892. Desposou sua prima Maria Rita Correa de Lacerda. Tiveram, entre outros:

4.1 **Avelino Correa de Lacerda**, casado com Isaura Virmond Suplicy.

3.2. Carolina Lacerda Queiroz, que chegou a morar na Lapa, onde se desaveio com sua parentela por chocalheira, pelo que regressou a Portugal. Teve filha de nome Leocádia.

2.5 Maria da Conceição Correa. Morreu no Porto em 28 de janeiro de 1831 (em cujo assento funerário, manuscrito, consta como Vitória da Conceição).

2.6 Felicidade Vitória da Cruz Correa de Lacerda, que morreu em 18 de agosto de 1848, em S. Pedro, Porto, com 21 anos.

2.7 João Correa de Lacerda, batizado no Porto em 14 de novembro de 1828.

2.8 Teresa de Santa Cruz Correa de Lacerda, batizada no Porto em 18 de outubro de 1829.

2.9 Rita de Santa Cruz Correa, batizada no Porto em 5 de dezembro de 1831.

2.10 Ana Vitória Soares (*sic*) casou-se, em 8 de outubro de 1831, no Porto, com José Antonio da Silva Guimarães.

1.2 Ana Vitória dos Prazeres, que morreu em 28 de setembro de 1792.

1.3 Rita de Cássia de Lacerda. Desposou Leandro de Faria Leite, em 11 de maio de 1792, no Porto.

¹⁹¹ Manuel José e Teresa tiveram, outrossim, filha de nome Teresa Alves Ribeiro, batizada no Porto aos 14 de julho de 1808. Para data do casamento daqueles: Family Search, em Manoel Joze Alves Ribeiro.

Manuel José Correa de Lacerda (de Viana do Castelo, Portugal, onde nasceu por volta de 1765) e sua mulher Tomásia Maria tiveram o tenente (ou capitão) Joaquim José Correa de Lacerda, natural do Porto, onde nasceu cerca de 1790, onde desposou Vitória Joaquina de Santa Cruz (filha de Lourenço Antonio dos Santos e de Ana Rosa dos Santos). Faleceu na mesma cidade.

O tenente (ou capitão) Joaquim José Correa de Lacerda integrou a Legião Portuguesa, contingente militar português que, sob o comando do general Ney, pertenceu ao exército napoleônico. Participou das operações do exército francês na Rússia, em 1812; deu baixa após regressar a Portugal.

Tinha seis dedos em uma mão e dele há retrato a óleo, na Casa Lacerda, na Lapa.

Joaquim José teve Manuel José Correa de Lacerda, nascido no Porto, em 6 de dezembro de 1815 e que emigrou para o Brasil (em 1833); radicou-se na Lapa, onde foi comerciante e onde morreu em 31 de dezembro de 1875. Lá desposou Leocádia Cassiana Pereira de Resende, de família de Paranaguá (que nasceu em 12 de agosto de 1828 e morreu em 22 de setembro de 1869).

Leocádia Cassiana era filha do major Joaquim Pereira de Resende (1801 — 1868) e de Rita Joaquina Guimarães (1806 — 1871)¹⁹².

Manuel José construiu a Casa Lacerda, na Lapa, em que residiu. Teve por filhos, dentre outros, o coronel Joaquim Resende Correa de Lacerda (importante no cerco da Lapa¹⁹³); Manuel José Correa de Lacerda (Duca, de alcunho; pai de Flávio Suplicy de Lacerda e de Marília de Lacerda Carneiro, esposa do historiador David Carneiro); Maria Rita Correa de Lacerda, mulher de Manuel Correa de Lacerda, seu primo-irmão (filho de Joaquim José Correa de Lacerda Júnior e de Teresa Bernardina Cândida, portuguesas).

Manuel José Correa de Lacerda e Leocádia Cassiana Pereira de Resende jazem na Lapa (em túmulo imponente).

Maria Rita Correa de Lacerda, Nhála de alcunho (29 de julho de 1852 — 9 de julho de 1920; nasceu, viveu e morreu na Lapa) desposou **Manuel Correa de Lacerda**, que manteve casa comercial na esquina direita, vizinha da Casa Lacerda (não a venda pertencente a Avelino, mas a casa-museu, defronte do Panteon dos Heroes). Ali residiu com sua família; era venda de secos e molhados (banha, manteiga, azeite, cerveja, aguardente *etc.*); após o seu decesso, a loja pertenceu a seu filho Manuel Correa de Lacerda (Puri, de hipocórico) que, ao mudar-se para Curitiba, vendeu-a para Antonio Correa de Lacerda, seu irmão.

Manuel Correa de Lacerda tinha por alcunha Lacerdinha; nasceu no Porto, em 1º de março de 1839, onde foi batizado na igreja de Santo Ildefonso; residia na praça da Sé, daquela cidade. Morreu na Lapa, aos 3 de janeiro de 1892, onde pertencia ao Partido Liberal, juntamente com seu filho Casemiro Correa de Lacerda, seu tio Joaquim Resende Correa de Lacerda, o barão dos Campos Gerais e outros. Era filho de Joaquim José Correa de Lacerda Júnior e de Teresa Bernardina Cândida.

Lacerdinha residia na rua de S. Pedro, 14, em 1863, no Rio de Janeiro, quando ingressou como sócio da Sociedade Portuguesa de Beneficência. Em 6 de novembro de 1889, foi matriculado na Junta Comercial da corte (cidade do Rio de Janeiro), como negociante com casa de exportação, comissões e secos e molhados na Lapa. Situava-se sua venda na parte anterior da sua casa de morada (cuja parte de fundos servia-lhe de residência), contígua à Casa Lacerda (de seu sogro), na esquina à direita de quem, postado no Panteão dos Heróis, observa-as. A casa que lhe pertenceu manteve-se na propriedade de seus descendentes até pelo menos os anos 2000. Durante o Cerco da Lapa, as crianças Lacerdas permaneceram no porão desta casa, onde se pôs uma vaca, que lhes propiciava leite.

Em 1885 Manuel esteve em Curitiba, o que foi noticiado pelo *Dezenove de Dezembro*: “Acha-se á alguns dias nesta cidade o Sr. Manuel Correa de Lacerda, a quem cumprimentamos.”¹⁹⁴

Em 1885, Francisco José Dias de Paiva estava autorizado pela irmandade do Senhor Bom Jesus de Iguape para receber esmolas e prendas para os leilões por efetuarem-se na festa do Senhor Bom Jesus de Iguape; ele participou, por publicação no *Dezenove de Dezembro*, que os devotos desejosos de contribuir,

¹⁹² Vide *Excertos Genealógicos do Paraná*, de Arthur Virmond de Lacerda Neto.

¹⁹³ Era pica-pau como, aliás, todos os Lacerdas.

¹⁹⁴ *Dezenove de Dezembro*, de 13 de março de 1885.

entregassem-nas, na Lapa, a Manuel Corrêa de Lacerda, em Curitiba a Francisco Jerônimo Pereira Pinto Requião (em ambas até o dia 1º de julho) e em Paranaguá, ao próprio, até dez do mesmo mês¹⁹⁵.

Manuel Correa de Lacerda e Maria Rita Correa de Lacerda jazem na Lapa (em túmulo facilmente encontrável, na sua rua principal).

¹⁹⁵ *Dezenove de Dezembro*, de 6, 12 de junho de 1885.

A PEDIDO

(Copia). **Os lapeanos ao dr. Lousada.**

Illm. snr. dr. Ignacio Teixeira da Cunha Louzada. Tendo v. s. obtido uma licença para ir á côrte e manifestado a intenção de solicitar outra comarca, visto ter direito a 2.ª entrada, vêm os abaixo assignados, significar a v. s. e pesar que sentem pela sua retirada definitiva, esperando que assim não aconteça. Juizo na distribuição da justiça, cavalheiro nas relações particulares e prompto á seus auxilios nos melhoramentos moraes ou materiaes do logar, a sua retirada traz verdadeiros prejuizos aos interesses da comarca, e em particular desta cidade. Não podem, os abaixo assignados, deixar de applaudir a recompensa ao merito, o galardão aos servigos prestados conscienciosamente na carreira do magistrado, que v. s. exerce; porem, como o desejo é egoista, fazemos votos pelo seu breve e feliz regresso.

Creia v. s. na gratidão dos que se subscrevem, de v. s. amigos e criados obrigadissimos; Lapa, 13 de Fevereiro de 1877.

Francisco Alves Guimarães, bacharel em direito, Emyglio Westphalen, bacharel em direito, Ignacio do Almeida Faria e Souza, vigario, João Domingos Gárcia, escrivão de orphãos, Eugenio Westphalen, negociante, João Manoel da Silva Braga, negociante, Francisco Manoel da Silva Braga, delegado de policia, tenente coronel Miguel José Corrêa, 1.º substituto do juiz municipal, Antonio Rodrigues da Silva, negociante, João de Almeida Barbosa, idem, Constantino de Almeida Faria, proprietario, Manoel Gomes da Silva, João Pedro Gomes, Raphael Antunes dos Santos, Miguel Mariano de Souza, Pedro Fortunato de Souza Magalhães Junior, professor publico, Salatiel Corrêa, negociante, Eduardo Corrêa, idem, Narciso da Fonseca e Silva, idem, Francisco Christovão da Cunha Lima, Joaquim José Ramalho, Delfino Domingos Texeira, tabellião, José Maximiliano de Faria, escrivão, Julio Vieira Neves, negociante, Ermolino Alves d'Oliveira, 2.º substituto do juiz municipal, Euphrasio de Siqueira Cortes, negociante, Luiz Damaso da Silveira, lavrador, Presentino Ferreira de Castilhos, Manoel Pedro dos Santos Lima, medico, Benedicto de Siqueira Cortes, negociante, Manoel Correa de Lacerda, idem, João Antonio Ramalho, Antonio Barbosa de Almeida, negociante, Joaquim Maximiliano de Faria Junior, idem, Bernardino José Gomes Monteiro, escrivão de paz, Geniplo Pereira Ramos, pro-

fessor publico, Antonio Barbosa de Aguiar, Miguel de Paula Xavier, negociante, Antonio de Andrade Pereira, fazendeiro, Francisco Manoel Guimarães, Antonio Teixeira da Silva, João Domingues Garcia Filho, Alipio José do Nascimento e Souza, Joaquim Pacheco da Silva Rezende, fazendeiro, Manoel Pacheco Carvalho e Antonio Manoel da Cunha fazendeiros, Eugenio Ernesto Virmond, fazendeiro, David dos Santos Pacheco, fazendeiro, Olympio Westphalen, Manoel da Cruz Westphalen, João Westphalen, João Antonio Monteiro, negociante, João Antonio de Paula, tenente João Elias de Almeida sub-delegado, José Odorico Ferreira da Silva, Francisco Luiz Ernesto Carneiro, negociante, Joaquim de Paula Xavier, Honorato Cornelio de Avaral Matheus, David Gaspar d'Oliveira Lima, João Baptista Correa, Antonio Alves de Oliveira Junior, Francisco de Oliveira Santos, Antonio Alves de Oliveira, major servindo de commandante superior, José Ferreira Ramos, Nicolau Gonçalves Padilha fazendeiro, Gustavo Leon Borges, João Maximiano da Faria, João Francisco dos Santos, Gaspar Thomaz de Quevedo, João dos Santos Justen, Jorge Drepper, Joaquim José Rodrigues, Fortunato José de Almeida Junior, Eugenio Justen, Benedito Therezio de Carvalho, João Rodrigues da Silva, Francisco Therezio Porto Neto, engenheiro civil, Olympio José dos Santos, José Floriano de Moura, João Pacheco dos Santos Lima, Eduardo Alberto de Andrade Virmond e João Prestes Cavalleiro.

Província do Paraná, de 10 de março de 1877.

Para acudir-se vítimas de inundações em Itajaí, Brusque e Blumenau, em 1880, várias pessoas contribuíram com donativos pecuniários na Lapa, dentre eles Manuel Correa de Lacerda, com cinco mil réis; Manuel José Correa de Lacerda (Duca) com dois mil e Joaquim Resende Correa de Lacerda com dez mil¹⁹⁶.

Manuel Correa de Lacerda, Manuel José Correa de Lacerda, Américo Pereira de Resende, Arthur Supplicity e mais comerciantes da Lapa dirigiram mensagem ao governo do Paraná, de apoio ao estabelecimento de barreiras na divisa com Santa Catarina, que aumentaria em um terço as rendas do Paraná. Enquanto, diz a mensagem, Rio Negro e Lapa definhavam, São Bento (em Santa Catarina) prosperava¹⁹⁷. Maria Rita e Manuel tiveram vários filhos (de sobrenome Correa de Lacerda), dentre quem¹⁹⁸: 1. Manuel Corrêa de Lacerda (Puri de alcunho). 2. Leocádio (tinha por alcunho Dico; criou a célebre *rosquinha da Lapa*, atualmente fabricada pela padaria Zeni). 3. Augusto. 4. Avelino (marido de Isaura Virmond Supplicity). 5. Casemiro (de alcunha Miro), funcionário da alfândega de Santos e, depois, despachante alfandegário naquela cidade¹⁹⁹ e que

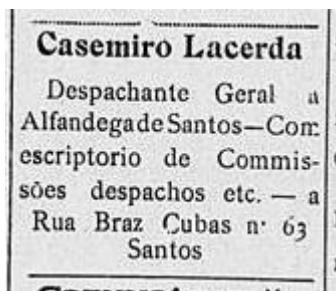
¹⁹⁶ *Dezenove de Dezembro*, de 4 de dezembro de 1880.

¹⁹⁷ *A Republica*, de 18 de julho de 1890.

¹⁹⁸ Vide *Excertos Genealógicos do Paraná*, de Arthur Virmond de Lacerda Neto, para as ascendência e descendência de Rita e Manuel.

¹⁹⁹ Funcionário da alfândega: *A Republica*, de 13 de fevereiro de 1915; despachante alfandegário: *idem*, 15 de abril de 1915.

criou a menina Nair, filha de uma sua empregada²⁰⁰. Plantou uma araucária no jardim de sua casa, em Santos.
6. Luís, morto a bala na estrada da Lapa, a caminho de Curitiba²⁰¹.



A Republica, de 15 de abril de 1915.

Manuel e Leocádio participaram de combates na Resistência da Lapa, como sitiados; Augusto Correa de Lacerda participou da Revolução Federalista, em S. Mateus do Sul (deslocou-se da Lapa em contingente para lá despachado; ao regressar, o cerco já se fechara e o restante do território paranaense encontrava-se dominado pelos federalistas). Os três eram pica-paus (como todos os Lacerdas).

Leocádio era padeiro, com padaria na casa da rua Barão do Rio Branco, 1390, esquina com a rua Barão dos Campos Gerais, casa que vendeu para Lacerda & Supplicity, firma integrada por Avelino Correa de Lacerda e João Virmond Supplicity; posteriormente esses venderam-na para Arthur Virmond de Lacerda, que lá residia, cujos filhos lá nasceram e onde ele mantinha gabinete dentário.

Em 1961, Emília Rita de Lacerda Supplicity (Milóca, filha de Lacerdinha e Nhála) e sua filha Maria Eugênia visitaram parentes em Portugal:

1) Em Lisboa: Francisca Correa de Lacerda Sousa, filha de Manuel José Correa de Lacerda e Leocádia Cassiana Resende de Lacerda. Ela desposou o português Avelino de Sousa que, em fotografias, sempre aparece com uma mão enluvada. Habitavam a avenida da República, 31, em Lisboa, que se demoliu poucos antes de 1995.

2) No Porto: Leocádia Lacerda Queiroz, celibatária e pobre; era filha de Carolina de Lacerda Queiroz, irmã de Lacerdinha. Residia de favor (nas escadas do Codeçal) e com ela carteavam-se Clemente Brito de Lacerda (filho de José Lacerda, unigênito do coronel Joaquim Lacerda) e sua irmã Maria Teresa.

²⁰⁰ Nair Veiga de Lacerda (1903 – 1996) era filha de Alberto Veiga. Foi importante tradutora para português.

²⁰¹ Luís padecia de algum tipo de desordem mental e por ele zelavam seus irmãos Avelino e Alfredo. Em viagem da Lapa rumo de Curitiba, ele parou em Araucária, onde se apropriou do cavalo de outrem, para prosseguir-la; o proprietário dele matou-o pelas costas.